UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E
COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O futsal no ambiente escolar extracurricular: as perspectivas e objetivos de ensino de Instrutores/Treinadores atuantes em escolas particulares da cidade de Ribeirão Preto/ SP

Christiano Streb Ricci

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área: Fundamentos Filosóficos, Científicos e Culturais da Educação (FFCCE).

RIBEIRÃO PRETO - SP

2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO –
FFCLRP – PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE

Versão Final

O futsal no ambiente escolar extracurricular: as perspectivas e objetivos de ensino de
Instrutores/Treinadores atuantes em escolas particulares da cidade de Ribeirão Preto/SP

DISCENTE: CHRISTIANO STREB RICCI
ORIENTADOR: PROF. DR. RENATO FRANCISCO RODRIGUES MARQUES

RIBEIRÃO PRETO - SP

2018

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHOS, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Ficha catalográfica

Ricci, Christiano Streb

O futsal no ambiente escolar extracurricular: as perspectivas e objetivos de ensino de Instrutores/Treinadores (I/T) atuantes em escolas particulares da cidade de Ribeirão Preto/ SP. Ribeirão Preto, 2018.

162 p.: il.; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.

Orientador: Marques, Renato Francisco Rodrigues

1. Treinadores. 2. Futsal. 3. Esporte escolar extracurricular. 4. Sociologia do Esporte. 5. Pedagogia do esporte.

Dissertação apresentada ao exame de defesa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) da Universidade de São Paulo (USP)

Aprovado em: 19 de fevereiro de 2018.

Banca Examinadora:

Prof. Dr.: Wilton Carlos de Santana.

Instituição: Universidade Estadual de Londrina/PR (UEL/PR)

Julgamento: Aprovado.

Prof. Dr.: Alcides José Scaglia.

Instituição: Faculdade de Ciências Aplicadas de Limeira/SP da Universidade Estadual de Campinas (FCA - UNICAMP)

Julgamento: Aprovado.

Prof. Dr.: Rafael Pombo de Menezes.

Instituição: Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto/SP da Universidade de São Paulo (EEFERP -USP)

Julgamento: Aprovado.

DEDICATÓRIA

*A minha esposa Flávia companheira amada de todas as horas.
Principal incentivadora desta iniciativa.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, Àquele que nos deu vida e vida em abundância, Àquele que nos permite a liberdade de ações e nos pede criticidade nas relações.

A minha querida família e alicerce: pai, mãe, irmã, esposa e filho.

Aos amigos de fé, irmãos camaradas de todas as lágrimas e risadas.

Aos companheiros e companheiras de GEPESPE pelo crescimento compartilhado.

Às equipes treinadas e aos alunos e alunas que deram causa e sentido a esse trabalho.

Aos colegas de trabalho de tantos locais, endereços, cidades e estados pela riqueza da convivência.

Aos Instrutores/Treinadores de futsal que colaboraram com este estudo e estão na linha de frente desta complexa missão de ensinar e ensinar bem o esporte, o meu profundo respeito.

Aos Professores Doutores componentes da banca examinadora pelo zelo e rigidez (sem perder a ternura) com que se apropriaram do trabalho para torná-lo melhor.

E principalmente ao Professor Renato que com sua sabedoria, generosidade e paciência tornou possível a realização deste estudo.

SUMÁRIO

RESUMO	9
APRESENTAÇÃO	11
1. INTRODUÇÃO	14
2. OBJETIVO GERAL	21
2.1. Objetivos específicos	21
3. REFERENCIAL TEÓRICO	22
3.1. Contribuições de Pierre Bourdieu para a delimitação e investigação sobre o campo esportivo	22
3.2. Futsal: um subcampo esportivo integrante da “Família de jogos com bola nos pés”	28
3.3. A elasticidade semântica do esporte e o Modelo de Concepção das Formas de Manifestação do Esporte (MCFME)	32
3.4. O habitus do Instrutor/Treinador (I/T) esportivo influenciando a formação esportiva nas Práticas Esportivas Escolares Extracurriculares (PEEEs)	39
4. MATERIAIS E MÉTODOS	43
4.1. Delineamento Metodológico	43
4.2. Participantes	46
4.3. Produção e Análise dos dados	50
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	53
5.1. Eixo 1 - A elasticidade semântica e o efeito de apropriação observados nas percepções dos I/T ao ensinar futsal no ambiente escolar	55
5.2. Eixo 2 - A “doxa” do Sentido oficial do esporte orientando o <i>habitus</i> dos I/T para a valorização da competição esportiva	65
5.3. Eixo 3 - “A escolha dos eleitos” para a composição das equipes esportivas escolares: tornando a participação um privilégio de poucos	76
5.4. Eixo 4 - A “cumplicidade ontológica do <i>habitus</i> ” dos I/T norteando as disposições para ações em treinos e jogos de competição formal	88
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	99

ANEXOS	106
ANEXO A – Parecer de aprovação do comitê de ética em pesquisa	106
APÊNDICES	108
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	108
APÊNDICE B – Entrevista semiestruturada alterada após a qualificação	109
APÊNDICE C – Entrevista com o Instrutor/Treinador 1	110
APÊNDICE D – Entrevista com o Instrutor/Treinador 2	119
APÊNDICE E – Entrevista com o Instrutor/Treinador 3	128
APÊNDICE F – Entrevista com o Instrutor/Treinador 4	134
APÊNDICE G – Entrevista com o Instrutor/Treinador 5	142
APÊNDICE H – Entrevista com o Instrutor/Treinador 6	152
APÊNDICE I – Entrevista com o Instrutor/Treinador 7	156

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar o sentido atribuído à prática esportiva escolar, descrito por Instrutores/Treinadores (I/T) de futsal no ambiente extracurricular de escolas particulares da cidade de Ribeirão Preto/SP. Estima-se que no Brasil cerca de 20 milhões de pessoas praticam o futsal de forma não oficial e cerca de 300 mil atletas jogam com algum tipo de vínculo federativo em instituição oficial. A opção pelos I/T foi devido à relevância destes que se encontram em lugar central em um processo de formação esportiva. A metodologia da pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou-se da Teoria Fundamentada nos Dados (TF) para as análises das respostas de entrevistas semiestruturadas com sete I/T de futsal de escolas particulares da Educação Básica de Ensino Fundamental II. Os resultados indicaram que os I/T justificam suas razões ao ensinar futsal por diferentes objetivos: ensino de valores, ensino e desenvolvimento de uma cultura esportiva pelos alunos, formação para o seguimento de uma carreira esportiva dos alunos, formação de equipes competitivas aptas a vencer jogos formais e campeonatos escolares. Os resultados indicaram também que os I/T sofrem influências do sentido oficial do esporte em suas ações. O *modus operandi* descrito por eles para selecionar os alunos para os jogos de competição formais, a valorização da vitória, e os comportamentos no banco de reservas, se assemelham muito com o observado no ambiente do esporte de alto rendimento. Portanto, observou-se uma predominância do uso do sentido oficial da prática esportiva reproduzidos no ambiente escolar extracurricular, reprodução esta que pode causar uma participação desigual dos alunos em jogos e competições escolares formais. Concluiu-se que este ambiente escolar extracurricular de práticas esportivas necessita passar por um processo de ressignificação, para assim, favorecer uma participação maior e com oportunidades mais igualitárias de aprendizado de todos os alunos que se interessem por uma modalidade esportiva.

Palavras-chave: Treinadores, Futsal, Esporte escolar extracurricular, Sociologia do Esporte, Pedagogia do esporte.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyse the meaning attributed to practice, described by Futsal Coaches involved in the extracurricular environment of private schools in the city of Ribeirão Preto - SP. It is estimated that in Brazil about 20 million people practice futsal on unofficial way and about 300 thousand athletes play futsal with some kind of formal link to sport institutions. The option of investigate coaches was due to their relevance, because they occupy a central role in the process of sports training. The Grounded Theory, which is a qualitative research methodology, was applied for the analysis of responses of semi-structured interviews with seven futsal coaches on private high schools extracurricular sport activities. The results indicated that coaches justify different goals when teaching futsal: to teach values, to stimulate the development of a students sports culture, to stimulate the pursuit of a sports career and the formation of competitive teams capable of winning formal games and scholar tournaments. The results also indicated that the coaches' agency are influenced by the hegemonic model of high performance sports. The *modus operandi* described by them to select students for the formal competition games, the valorisation of the victory, and the behaviour in the bench, closely resemble the one observed in the environment of the high-performance sports. Therefore, it was observed a predominance of the use of the official meaning of sports practice reproduced in the school extracurricular environment. Such reproduction is causing unequal participation of students in formal school games and tournaments. It was concluded that this extracurricular school environment of sports practices needs to undergo a process of resignification, to favour a larger participation of all students who are interested in some sports.

Keywords: Coaches, Futsal, Scholar sports, Sociology of Sport, Pedagogy of sport.

APRESENTAÇÃO

Sempre influenciado por um contexto familiar e em seguida escolar muito ativo, as brincadeiras, os jogos e posteriormente as práticas esportivas sempre estiveram e estão enraizadas e incorporadas em meu *modus vivendi*. Família presente e incentivadora, somados a muitas oportunidades de prática (rua, escola, clube) e muitos amigos e turmas compuseram o cenário de uma infância/adolescência feliz e rica em movimentos.

Sozinho ou acompanhado, inventava todo o tipo de jogo que pudesse ser realizado, tanto em um pequeno corredor, como em uma garagem ou em um campo oficial de futebol propriamente dito. Com a Revista Placar, disputei todos os campeonatos estaduais e brasileiros, seguindo a tabela que vinha na revista, realizava todos os jogos, hora jogando botões, hora improvisando desafios de finalizações alternando pernas, cabeça, embaixadinhas. E não era só futebol, utilizávamos jogos adaptados do vôlei, do basquete, dos esportes de raquete. Sem contar incursões de bicicleta, skate e carrinho de rolimã pelo bairro em que vivíamos.

Na escola (particular), o contato com as cinco modalidades esportivas mais tradicionais (futebol de campo, futsal, handebol, voleibol e basquetebol) me introduziram nas competições escolares, eu representava o colégio em três modalidades, futebol, futsal e basquetebol. No basquetebol, aos 13 anos fui “parado” pela minha altura, no auge da minha carreira de armador escolar, com a troca do instrutor/treinador responsável pela modalidade, perdi espaço para os mais altos do que eu. Porém nas modalidades futebol de campo e futebol de salão (atual futsal) segui treinando e com certo destaque. Destaque que me permitiu sonhar com voos mais altos e arriscar uma carreira futebolística profissional. Então dos 15 aos 23 me dediquei muito a realizar esse objetivo, com passagens pelo futebol paulista, gaúcho e carioca. Porém, a riqueza deste tempo passado no futebol profissional se relacionou muito mais às amizades construídas e experiências de vida do que com grandes feitos nos gramados. No Rio de Janeiro, por exemplo, enfrentava 40 minutos de metrô e mais uma hora e meia de trem para chegar ao estádio do América F.C., isso significava que eu passava mais tempo indo e voltando do treino do que treinando propriamente. Por isso, com certeza nesse trajeto do Catete, passando pela Central do Brasil até chegar à baixada fluminense (onde se localiza o estádio Giulite Coutinho, do América F.C.), sozinho ou acompanhado de integrantes do time, os aprendizados sobre a vida em sentido mais amplo, foram bem mais ricos do que os treinos técnicos e táticos vivenciados na equipe profissional. No entanto, essa passagem pelo ambiente profissional também tem marcantes fatos positivos, como o primeiro gol anotado jogando pelo seu time de coração, aos 44 do segundo tempo empatando um jogo em que a derrota poderia significar o rebaixamento da

equipe! Jogar no velho Maracanã contra ídolos de infância como Romário e Juninho Paulista. Adaptando o que disse certa vez Paulinho da Viola sobre a Portela, “o futebol foi um rio que passou em minha vida e o meu coração se deixou levar”. Porém a razão me trouxe a realidade e aos 23 anos, quando treinava pelo CFZ/RJ, decidi retornar a Ribeirão Preto/SP e concluir os estudos em Educação Física. O curso havia sido iniciado quando ainda jogava na base do Comercial F.C., sob forte influência de meus pais. Ingressei na Faculdade de Educação Física da Universidade de Ribeirão Preto em 1997. Assim, treinava ao longo do dia no querido Comercial F.C. e frequentava o curso noturno concomitantemente. Aqui abro um parêntese, pois meu pai, apesar de ter sido um craque do futebol nas décadas de 1960 e 1970, não via sentido em, podendo optar pelo caminho do estudo, eu escolher tentar jogar futebol.

O que só fui entender quando as vivências esportivas inocentes, alegres e prazerosas da infância e dos tempos escolares foram substituídas por algumas situações ruins e por vezes inescrupulosas (dirigentes e treinadores) sofridas no meio do futebol profissional. No entanto, adaptando Jean-Paul Sartre, foi menos importante aquilo que nos fizeram do que aquilo que fazemos com o que fizeram de nós.

E assim, durante as idas e vindas do mundo futebolístico entre matrícula e trancamentos, graduei-me Licenciado Pleno em Educação Física ao final de 2003. Em 2004, aos 24 anos e seis meses, iniciei minha trajetória como Profissional da área de Educação Física em três frentes: a Educação Física escolar curricular, em instituições públicas e privada, as aulas extracurriculares de futsal escolar e o treinamento de equipes universitárias de futebol de campo masculino e futsal feminino.

Como formação complementar, entre 2004 e 2005 me tornei especialista em Educação Física escolar pelo Centro Universitário Claretiano de Batatais/SP. Neste curso, conheci o LETPEF da UNESP, campus de Rio Claro. Fiz parte deste grupo com idas e vindas a Rio Claro de 2006 a 2012. Em 2013 fui apresentado e recebido pelo Professor Renato, que orienta este estudo, no GEPESPE-RP, grupo de pesquisa vinculado à EEFERP/USP e com a afinidade e o envolvimento nas reuniões e discussões do Grupo, surgiu a oportunidade de uma carreira acadêmica via Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto.

Desta forma, ainda na linha da incompletude, o tempo vivido e compartilhado no Mestrado provocaram aberturas significativas de horizontes. Contando sempre com a orientação presente e constante do Professor Renato, aos poucos fui/estou me tornando/aproximando do campo acadêmico. Essas aproximações da prática com a teoria e as relações que as fundamentam permitiram escolher o tema de nosso estudo, que surge de

inquietações sentidas e sofridas no dia a dia do esporte escolar, não nas aulas de Educação Física curriculares, mas nos treinos e competições das modalidades esportivas chamadas de extracurriculares.

Sentia-me muito incomodado em perceber que muitos meninos e meninas que compõem as equipes esportivas escolares frequentam as competições e não entram na quadra para jogar e participar, ou entram bem menos que os outros colegas de time. A partir de então, decidimos tentar entender qual é o sentido da prática esportiva para alguns instrutores/treinadores que trabalham com essas crianças e adolescentes nas escolas de Ribeirão Preto/SP.

1. INTRODUÇÃO

Estudar o esporte é um dos caminhos para entender a sociedade globalizada. A quantidade de investimentos, de transmissões e notícias esportivas veiculadas através das mídias: internet, revistas, jornais, canais abertos e canais de televisão por assinatura com programações esportivas 24 horas dimensionam a relevância atual do fenômeno esportivo (MARCHI JUNIOR; AFONSO, 2007). Esta presença mercadológica do produto esporte agrega a ele valores políticos e econômicos que influenciam as áreas da educação, do lazer, do consumo de roupas e equipamentos esportivos, turismo (eventos e megaeventos) e pesquisas científicas. É um mercado de práticas e produtos, considerado um dos mais relevantes fenômenos socioculturais do século XXI (MARQUES, 2015a).

O esporte contemporâneo é herdeiro do esporte moderno pela identidade enquanto campo social, no entanto é autêntico quanto às formas de manifestações, símbolos, significados e objetivos. Valores contemporâneos como a individualização, o culto pela distinção e a ruptura com a uniformidade, a rotina e a normalização niveladora são valores que influenciam os indivíduos ao se aproximarem do esporte. O esporte se manifesta pela sua universalidade (valores estruturais) e pela sua pluralidade (incorpora características dos indivíduos). Se expressa por meio de modalidades chamadas esportivas, com maior ou menor apelo local e/ou global (MARQUES, 2015a). Desta forma, se constituem o localismo globalizado (modalidade criada em um local que atinge a esfera global) e o globalismo localizado (as práticas tidas como globais que são transformadas em contextos específicos) (STIGGER, 2005).

O sistema esportivo oriundo de um fenômeno plural, complexo, heterogêneo é passível de diferentes efeitos de apropriação que considera os aspectos objetivos (configurações sociais) e subjetivos (indivíduos esportistas) dos sujeitos, ou seja, de quem se envolve e investe no e com o esporte por diferentes interesses que decorrem de valores atribuídos às práticas (BOURDIEU, 1983a; MARQUES, 2015a).

O futsal como se conhece atualmente é fruto de um processo de transformações. É recente, pois tem menos de 30 anos de existência, sendo criado pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) em 1989 a partir de modificações do futebol de salão. Dos jogos de bola com os pés adaptados para lugares fechados até se tornar o futsal de hoje, se percebe um processo de mudanças, transformações e influências, tanto de outros jogos de bola com os pés, como de outras modalidades esportivas (SANTANA, 2008a).

No Brasil, o futsal atualmente é uma modalidade muito popular. Estima-se que cerca de 20 milhões de pessoas o praticam de forma não oficial e cerca de 300 mil atletas jogam com

algum tipo de vínculo federativo em instituição oficial (BELLO JR, 2014). O trabalho de Caregnato et al. (2015) em uma busca ao Portal de dissertações e teses da Capes com o termo “futsal” entre os anos de 1996 a 2012, demonstrado no Quadro 1, indica um crescente no número de estudos relacionados a este tema, com predominância das dissertações (83%) em relação às teses (17%).

Quadro 1. Dissertações e teses encontradas no Banco de Teses do Portal da Capes

	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	Total
Diss.	1	1	2	3	2	1	5	3	5	6	8	6	6	7	9	14	79
Tese	0	0	1	1	0	1	0	1	1	1	1	3	1	0	2	4	17
Total	1	1	3	4	2	2	5	4	6	7	9	9	7	7	11	18	96

Fonte: (CAREGNATO et al., 2015)

Este mesmo estudo aponta lacunas no estudo desta modalidade no campo acadêmico e indica a necessidade de melhor explorá-la. Os achados apontam para uma maioria de investigações quantitativas e preocupadas principalmente com seus aspectos fisiológicos e táticos da modalidade (CAREGNATO et al., 2015).

Contribuindo para o preenchimento desta lacuna, a presente investigação amplia as possibilidades de exploração dos estudos em futsal, ao abordar o ambiente escolar, que tem o futsal presente como uma modalidade esportiva marcante no seu currículo de Educação Física (NOVAES; RIGON; DANTAS, 2014).

O esporte na escola é um dos conteúdos obrigatórios da Educação Física curricular, sugere-se que sua inserção ocorra de maneira ampla, e que possibilite ao aluno oportunidades e vivências que favoreçam a construção de um cidadão que vai produzir, reproduzir e transformar a cultura esportiva, ampliando seu entendimento relacionado ao conhecimento sobre o próprio corpo e aos benefícios e cuidados necessários ao se relacionar com esses conteúdos (DARIDO et al., 2006).

As atividades esportivas extracurriculares serão chamadas neste estudo de Práticas Esportivas Escolares Extracurriculares (PEEEs), adaptação ao termo Práticas Esportivas Escolares (PEEs) utilizado por Lettnin (2005). As PEEEs são uma possibilidade de oportunizar a prática de determinadas modalidades esportivas, que geralmente ocorrem no contra turno das aulas regulares com objetivos que se aproximam em maior ou menor escala dos objetivos das aulas curriculares (LETTNIN, 2005; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Os objetivos e valores ensinados pela prática esportiva se relacionam com os sentidos e significados atribuídos a elas, derivados das condições sociais, culturais e históricas dos indivíduos envolvidos. O sentido influencia a concepção da atividade e relativiza o que está em jogo diferenciando os valores a serem ensinados (MARQUES, 2015a).

A concepção da atividade, portanto, implicará diretamente na formação do praticante. Quando o sentido direciona as atividades para alto grau de comparação entre os participantes, pode estimular a rivalidade, e quando prioriza a vitória pode enaltecer somente os vencedores. Diferente disso, o sentido que se preocupa em proporcionar a melhor participação possível, adequando a prática às necessidades e limitações dos praticantes, não exclui a competição, mas a redireciona (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Portanto, se o esporte sempre ensina algo e valores diferenciados dependem do sentido que se atribui à prática, alguns cuidados precisam ser levados em consideração. Observa-se muitas vezes um processo de reprodução das especificações do esporte profissional em outros contextos que possivelmente contém indivíduos que não estão preparados para lidar com o esporte da mesma maneira que os atletas profissionais. Isso ocorre quando a prática esportiva se pauta em regras fixas e padronizadas, estabelecendo um padrão de funcionamento no qual os participantes têm que se adequar às normas para entrar no jogo e o resultado da disputa é mais importante do que a satisfação e bem-estar dos praticantes (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Não se exclui a necessidade de busca por melhora ou por um bom desempenho para praticar uma modalidade esportiva. No entanto, existe uma diferença fundamental entre o rendimento obrigatório e o rendimento possível. O rendimento obrigatório exige do praticante um determinado enquadramento físico, técnico e tático para participar de uma modalidade esportiva, caso contrário ele está excluído desta prática. O rendimento possível adapta a prática às possibilidades do praticante, ou seja, permite alterações e modificações (desde que não descaracterizem a modalidade) que favoreçam uma maior participação esportiva das pessoas (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Sendo assim, situações que são comuns ao ambiente do alto rendimento nem sempre se adequam às condições dos praticantes do ambiente escolar. Esse *modus operandi* do esporte profissional de alto rendimento inserido no ambiente escolar implica em submeter crianças e adolescentes às mesmas exigências de rendimento de atletas profissionais, utilizando processos de disputas e de seleção semelhantes. Cabe a ressalva que isso não necessariamente indica um desvio de comportamento do Instrutor/Treinador (I/T), apenas exemplifica a reprodução de uma

prática muitas vezes comercializada e veiculada pelos meios de comunicação (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

As PEEEs e a Educação Física escolar têm especificidades próprias, com características e objetivos distintos, mas se mediadas pelo projeto político pedagógico da escola podem se constituir em práticas pedagógicas complementares (LETTNIN, 2005; LUGUETTI et al., 2015). Neste caso, as PEEEs podem possibilitar um aprofundamento de conhecimento e vivências das manifestações culturais esportivas ensinadas nas aulas de Educação Física (LETTNIN, 2005; LUGUETTI; BASTOS; BÖHME, 2011; SANTOS; SIMÕES, 2011; LUGUETTI et al., 2015).

Porém, ao oferecerem um programa de PEEEs em suas escolas, os motivos e objetivos parecem variar, ao mesmo tempo em que variam as relações com o projeto político pedagógico da escola. Muitas vezes, as razões e objetivos para se desenvolver um programa de PEEEs fica exclusivamente a critério do I/T (LUGUETTI et al., 2015).

As justificativas dessas escolas investigadas para oferecer o ensino do futsal nas aulas extracurriculares foram as seguintes, estratégias de divulgação (*marketing*), ensinar valores e desenvolver os aspectos físicos, motores e emocionais dos alunos. Todavia, indica-se um tratamento diferenciado para o esporte neste contexto, tanto em relação às aulas de Educação Física curriculares, quanto em relação ao esporte desenvolvidos em clubes e centros especializados (SANTOS; SIMÕES, 2007; LUGUETTI et al., 2015).

É preciso considerar as diferenças entre os meios, as finalidades, e a forma de participação dos alunos em cada escola que desenvolve um programa de PEEEs. Segundo pesquisa de Luguetti, Bastos e Bohme (2011), os resultados foram diversos. Por exemplo, em uma escola foi encontrada uma prática seletiva que visa unicamente o alcance de resultados nas Olimpíadas Colegiais do Estado de São Paulo, em outra observou-se a preocupação com a formação integral dos alunos (LUGUETTI; BASTOS; BÖHME, 2011).

Lettnin (2005) realizou um estudo com escolas particulares da cidade de Pelotas/RS. Diretores, professores e alunos foram entrevistados sobre os objetivos ao oferecer e trabalhar com as PEEEs, e mostraram as seguintes variantes: conquistas em competições, socialização do aluno, transmissão de valores, divulgação do nome da escola.

A participação em competições escolares ganha destaque e aparece como uma das principais justificativas para se oferecer as PEEEs. Duas razões principais são destacadas: contribuir com a formação integral do aluno em que os aspectos competitivos são importantes e a estratégia de *marketing* da instituição, tentando vencer as competições para associar e fortalecer a imagem da escola como vencedora, atraindo assim mais alunos (LETTNIN, 2005).

Se não é tarefa fácil identificar os objetivos para o oferecimento de um programa de PEEEs, sua localização no campo da educação também exige esforços.

As modalidades de processos educacionais (formal, não-formal, e informal) podem se definir segundo a intencionalidade. Entre essas modalidades existe um frequente intercâmbio e umas são permeáveis às outras. Desta forma considerando a dinâmica das PEEEs é possível identificá-la como prática da educação formal. As cinco características necessárias para que um processo educativo seja considerado formal são os seguintes: 1) intencionalidade; 2) sistematicidade; 3) condições previamente preparadas; 4) atributos que caracterizam um trabalho pedagógico; e 5) ocorrentes dentro ou fora da escola (LIBÂNEO, 2010).

Ao mesmo tempo também é possível enquadrar as PEEEs como um processo educativo não-formal da educação, que tem como características necessárias: 1) caráter de intencionalidade; 2) baixo grau de estruturação e sistematização; 3) implica relações pedagógicas nem sempre formalizadas (LIBÂNEO, 2010).

Diante destas colocações, para este estudo considera-se as PEEEs uma modalidade intencional de educação que contida entre a educação formal e a educação não-formal, a maior proximidade com uma ou outra é relativa a forma como cada instituição escolar organiza seus programas e ao nível de autonomia do I/T em relação à instituição escolar da qual faz parte.

O que pode ser considerado irrefutável é o fato de que neste contexto o fenômeno esportivo é um meio de ensino, transmissão, renovação e reprodução cultural (BOURDIEU, 1983a; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008; MARQUES, 2015a).

Frente a este cenário a pergunta central deste trabalho é: qual é o sentido e os objetivos da prática esportiva descritos por instrutores/treinadores de futsal no ambiente extracurricular das escolas particulares de Ribeirão Preto/SP?

Este estudo ocorreu na cidade de Ribeirão Preto, situada no nordeste do estado de São Paulo, a 313 km da capital. Sua população conta com cerca de 660 mil pessoas, sendo que 17,82% tem menos de 15 anos de idade (SEADE, 2016). Muitas escolas particulares de ensino fundamental nesta cidade oferecem modalidades esportivas e culturais extracurriculares: atletismo, basquetebol, danças, futebol, futsal, handebol, ginástica artística, judô, natação, voleibol, entre outras.

A modalidade esportiva escolhida para este estudo foi o futsal, pois se destaca neste cenário de práticas esportivas oferecidas pelas escolas particulares de Ribeirão Preto – SP. O futsal está sempre entre as modalidades esportivas com maior número de inscrições em todas as competições escolares municipais, tanto na organizada pela Prefeitura Municipal, chamada de Jogos da Primavera (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO, 2016), como

pela competição coordenada pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEESP), os Jogos Escolares do Estado de São Paulo (JEESP) (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2016).

O futsal também se destaca em iniciativas pontuais de escolas particulares. Por exemplo, os Jogos Escolares Marista (JEMAR) organizados desde 2012 oferece competições nas modalidades Voleibol, Handebol, Xadrez, Ginástica Artística e Judô. Nos seus seis anos de existência sempre recebeu um maior número de equipes inscritas na modalidade futsal. No tocante a Ligas esportivas escolares, na cidade de Ribeirão Preto/SP existem: a Liga Escolar Ribeirão Preto (LERP), que organiza campeonatos para duas modalidades esportivas (Futsal e Handebol), e a Liga Escolar de Futsal (LEF) destinada apenas a modalidade esportiva futsal.

Uma característica do futsal em Ribeirão Preto é a predominância desta modalidade no ambiente escolar, ela praticamente não ocorre fora da escola, e tampouco existe uma Liga ou Campeonato entre os clubes do município.

A escolha pelos I/T esportivos dentre tantos agentes do campo esportivo ocorre pela relevância destes nas relações do ensino do esporte. As ações do I/T têm impacto significativo sobre os comportamentos, cognições e respostas afetivas dos alunos. Cushion, Armour e Jones (2003) consideram as ações do instrutor/treinador como parte integrante do epicentro do processo esportivo.

O I/T esportivo é incumbido de um conjunto alargado de funções. Suas ações estão para além do ensino e do aperfeiçoamento de habilidades físicas, técnicas, táticas e motoras. Envolvem o desenvolvimento integral dos alunos, ensinando e mediando a construção de um conjunto de princípios e valores acerca do esporte e da vida em sentido mais amplo (SANTANA, 1996; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008; CUSHION; FORD; WILLIAMS, 2012).

A atuação do I/T influencia a formação integral de crianças e jovens. A disponibilização de recursos e ferramentas do I/T, ação essa contribuinte na atuação do indivíduo na sociedade, se relaciona com o tipo de planejamento e procedimentos pedagógicos que ele desenvolve. O I/T esportivo tem incorporado uma série de legitimações simbólicas que influenciam as suas formas de ação. Portanto, para melhor entender as formas de atuação dos I/T é importante relacionar seus objetivos, suas prioridades e como eles descrevem os seus comportamentos no contexto em que atuam.

A percepção dos objetivos e razões do I/T e suas formas de atuação descritas possivelmente impactarão na aprendizagem das crianças e adolescentes envolvidos com a modalidade futsal neste contexto de prática.

Para viabilizar este projeto de pesquisa, foram organizadas sessões que apontam primeiramente as contribuições do sociólogo Pierre Bourdieu, que configuram o campo esportivo e indicam formas de se investigar o fenômeno esporte como um fenômeno sociocultural heterogêneo. A seguir, as reproduções, transformações e criações que caracterizaram a modalidade esportiva futsal como um subcampo esportivo. Por conseguinte, é apresentado o Modelo de Concepções e Formas de Manifestação do Esporte (MCFME) de Marques, Gutierrez e Almeida (2008), que pautado na elasticidade semântica e no efeito de apropriação de Pierre Bourdieu, sugere uma abordagem teórica para interpretar o fenômeno esportivo. Após a exposição do referencial teórico, é apresentada a metodologia do trabalho pautada na abordagem qualitativa utilizando-se a Teoria Fundamentada nos Dados (TF). Por fim, com base nos resultados oriundos de entrevistas semiestruturadas com I/T de futsal atuantes em PEEEs de escolas particulares de Ribeirão Preto/SP, foi realizada uma reflexão sobre o *habitus* de tais agentes esportivos que influenciam o processo de formação esportiva de crianças e adolescentes.

A contribuição deste trabalho se relaciona com reflexões sobre as percepções dos I/T esportivos sobre as diferentes possibilidades de inserção do esporte no ambiente escolar extracurricular, possibilitando assim análises acerca da iniciação esportiva neste contexto. A reflexão sobre esta problemática também contribui para a compreensão em um dado contexto a respeito das influências sociais sofridas pelo esporte, bem como as formas de influência do esporte sobre a sociedade.

2. OBJETIVO GERAL

Analisar o sentido e os objetivos atribuídos à prática esportiva escolar, por instrutores/treinadores de futsal no ambiente extracurricular de escolas particulares da cidade de Ribeirão Preto/SP.

2.1. Objetivos específicos

2.1.1. Analisar no discurso dos instrutores/treinadores quais são as razões e justificativas para o ensino do futsal no ambiente extracurricular escolar.

2.1.2. Investigar como os instrutores/treinadores descrevem a própria atuação.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Contribuições de Pierre Bourdieu para a delimitação e investigação sobre o campo esportivo

A concepção sociológica proposta por Pierre Bourdieu, também chamada de Teoria dos Campos ou Sociologia Reflexiva, se constitui em um sistema de teoria aberto. Seus conceitos foram gestados aos poucos e se modificaram ao longo do tempo, principalmente em função dos diferentes objetos investigados e das alterações ocorridas ao longo da história (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2016).

Sua investigação sociológica detectou um jogo de dominação e reprodução de valores em diferentes esferas da sociedade, resultando em formas de distinção e diferenciação social entre grupos. “Suas investigações se direcionaram para diferentes campos de manifestação cultural, como a arte, ciência, mídia, educação e esporte” (MARQUES, 2015b, p. 11).

Para Pierre Bourdieu, os campos sociais são diferentes espaços sociais, não geográficos e não estanques, onde se organiza a sociedade. São definidos a partir das disputas no que diz respeito à sua própria demarcação, sendo a busca pelo poder a base que esculpe a teia de relações entre seus integrantes. Cada campo tem suas regras e capitais próprios de disputa, no entanto com relativa autonomia em relação à sociedade como um todo, pois existem regras macrosociais comuns a todos os campos sociais. Essa parcial autonomia implica ao campo uma lógica e história própria, porém que também sofre influências do meio que o cerca. O fluxo praxiológico da teoria bourdieusiana aqui se manifesta por meio da dialética estabelecida entre o campo específico e a sociedade macro (BOURDIEU, 1983b).

O olhar sociológico inspirado no método bourdieusiano considera a necessidade de ao se observar um campo específico, verificar a produção sociológica constituída em volta dele, e qual a posição ocupada por ele em relação ao macro campo. As contribuições de Pierre Bourdieu para as pesquisas e estudos voltados para a sociologia do esporte são importantes e a força de sua abordagem está na originalidade do método que direciona o estudo do esporte para a reflexividade (SOUZA; MARCHI JUNIOR, 2010).

Esta abordagem é inovadora, pois busca a superação das oscilações entre o objetivismo e o subjetivismo. O objetivismo atribui a ordem social de forma externa ao indivíduo, concebe para as ações do sujeito uma execução mecânica e inflexível determinada de fora para dentro. O subjetivismo, por sua vez, considera a ordem social como produto exclusivamente da ação individual, produto consciente e intencional (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2016).

Contudo, o conhecimento praxiológico bourdieusiano tem como objeto as relações dialéticas entre as estruturas e as disposições estruturadas. Assim, busca investigar como as estruturas se encontram interiorizadas pelos sujeitos (BOURDIEU, 1983b) “constituindo um conjunto estável de disposições estruturadas que por sua vez, estruturam as práticas e as representações das práticas” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2016, p.24).

Deste modo, uma análise da realidade social pela leitura bourdieusiana se preocupa em como as relações sociais se constroem e por quais meios as ações dos agentes acontecem. As posições relativas e as relações objetivas entre estas posições precisam ser consideradas para a compreensão de como operam os mecanismos das relações de poder e como as estruturas interferem e são interferidas nas e pelas ações dos sujeitos, sendo o espaço social o meio em disputa (BOURDIEU, 2004a).

A ordem simbólica que se estabelece neste meio social em disputa raramente passa pela via de consciência dos envolvidos. Os agentes convidados a esta ordem estão predispostos a percebê-la, pois a mesma foi incorporada em suas estruturas cognitivas e disposições por meio de um processo histórico cultural (BOURDIEU, 2011).

Este ajuste entre as estruturas objetivas e as estruturas subjetivas, que transmite o efeito social de ordem evidente é chamado de *doxa*. Para Bourdieu (2011), a *doxa* se refere ao acordo imediato e tácito, apoiado em uma relação inconsciente de submissão à ordem estabelecida. É um ponto de vista particular (dos agentes que tem o domínio do campo) que se impõe como um ponto de vista universal.

Assim, a *doxa* confere legitimidade na disputa pelo poder, protege a relativa autonomia do campo de que é própria, ao mesmo tempo em que desequilibra a luta entre os agentes do campo. Os agentes estão equipados de modo desigual, aqueles em posição dominante tem a seu favor o controle da legitimidade do campo (BOURDIEU, 2004a).

Os agentes dominantes do campo, para impor e legitimar essa ordem social, se utilizam de uma violência legítima, denominada de violência simbólica, que consiste em um instrumento estruturado e estruturante de comunicação e de conhecimento utilizado para assegurar a dominação, e se reveste na maioria das vezes, em um modo invisível de dominação que não é reconhecido pelo dominado (BOURDIEU, 2012).

Mas este jogo de disputas, apesar das desigualdades em seu meio, não está definido e nem determinado, existem possibilidades de alteração das posições sociais a serem ocupadas. Essas relações de força e distribuição de poder se dão entre agentes e instituições, e se constituem segundo algumas leis gerais de funcionamento. A primeira seria uma forma de

disputa específica pelo poder entre o “novo”, representados pelos heterodoxos, e o “velho”, representados pelos ortodoxos (BOURDIEU, 2012).

Nesta disputa entre o velho e novo, tem-se a perspectiva de que os ortodoxos, empregando a violência simbólica, lutam pela manutenção da *doxa*, ou seja, da ordem social estabelecida. A ordem social vigente favorece a manutenção das estruturas e distribuições de poder que os colocam em posição dominante. Os heterodoxos, por sua vez, entram nessa disputa questionando a *doxa*, e assim tentam viabilizar o acesso às posições sociais mais elevadas no campo, muitas vezes modificando os meios de distribuição e legitimação de poder (BOURDIEU, 2011).

A segunda propriedade se relaciona com a existência de objetos a serem disputados pelos agentes, que ao decidirem entrar no jogo aceitam as regras e as normas que regulam as disputas. A terceira propriedade opera na relação entre os agentes que se contrapõem no campo, que mesmo em posições contrárias assumidas têm o comum interesse na existência do campo e na sua continuidade (BOURDIEU, 1983b).

Na trilha dessas considerações, o conceito de *habitus* (sistema de disposições duráveis e transponíveis por meio do qual o indivíduo percebe, julga e atua no mundo) se interconecta ao de campo, na medida em que as pessoas são dotadas de uma variedade de esquemas internalizados que produzem, percebem e avaliam suas práticas (WACQUANT, 2006; 2007; BOURDIEU, 2011).

Com isso, a constituição de um campo relativamente autônomo das práticas esportivas pode ser instituído na medida em que se considera a incidência dos *habitus* esportivos nesse espaço, considerando que o campo estrutura o *habitus* em tão presente medida que o *habitus* constitui o campo (BOURDIEU, 2007).

Assim, sugere-se que a cultura é incorporada e reproduzida nas atividades do dia a dia pelas interações de campo e *habitus* através de estruturas e agentes sociais. Desta forma, as interações e os comportamentos sociais são produzidos pela interação do agente e da estrutura, ou seja, é categoria mediadora que transcende a fronteira entre o objetivo e o subjetivo, produto de uma relação dialética e não de uma doutrina estrutural mecânica (WACQUANT, 2006; 2007).

Bourdieu (2011) sugere que uma das funções da noção de *habitus* é apoiar uma unidade de estilo que liga as práticas aos bens de um agente (agente singular ou classes de agentes). Atuando assim como um princípio gerador e unificador, retraduzindo características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida.

Wacquant (2007, p. 69) acrescenta que o *habitus* é social, não se resume a uma aptidão natural,

O *habitus* não é um mecanismo auto-suficiente para a geração da ação: opera como uma mola que necessita de um gatilho externo; não pode, portanto, ser considerado isoladamente dos mundos sociais particulares, ou “campos”, no interior dos quais evolui. Uma análise completa da prática requer uma tripla elucidação da gênese e estrutura sociais do *habitus* e do campo e das dinâmicas de sua “confrontação dialética”.

Bourdieu (1983a) reconhece o campo esportivo como um lugar condicionante e condicionado, estruturado e estruturante pela história social das práticas esportivas. Para compreender essas trocas simbólicas, o conceito de capital é muito importante, pois direciona a dinamicidade com que se organiza o espaço social, sobretudo no que diz respeito a definição do gosto e dos estilos de vida.

A noção de capital para Bourdieu é ampliada para além do poder explicativo desse conceito nas abordagens marxistas. Para compreender as trocas simbólicas permeadas nos mais distintos campos sociais, pode-se recorrer à figura analógica da economia, na medida em que o capital se apresenta como um recurso que tende a conferir lucros distintivos a quem o possui, é em função da posse do capital valorizado pelo campo que os sujeitos se localizam posicionalmente no campo social (BOURDIEU, 2007).

As posições ocupadas pelos sujeitos no campo social se relacionam com a aquisição de capitais necessários para se manter ou ascender posicionalmente no campo. É possível construir uma compreensão multidimensional da realidade social por meio da complementariedade e inter-relação entre os diferentes tipos de capital (BOURDIEU, 2012).

Bourdieu sugere alguns tipos de capitais. O capital econômico é aquele vinculado às posses materiais do sujeito. O capital social significa a rede de relações sociais mantidas pelo sujeito. O capital cultural se apresenta sob três formas: institucionalizado (referente a titulações acadêmicas), objetivado (quadros, discos, livros que o sujeito tenha objetivamente) e incorporado (o que de fato o sujeito incorporou e conhece da cultura). O capital simbólico é o capital específico reconhecido em cada campo (BOURDIEU, 2012). Os capitais também podem ser reconvertidos, ou seja, o capital detido sob uma espécie particular se converte em uma outra espécie, mais acessível, ou mais rentável e/ou preferencialmente mais legítima (BOURDIEU, 2013).

Cada campo social específico valoriza tipos de capitais diferentes, no entanto alguns capitais são valorizados em mais de um campo. Esta valorização sempre tem que ser analisada

relacionalmente, considerando-se de que campo está se tratando e de quais capitais são valorizados neste campo. Essas reconversões se baseiam sempre na tentativa de ascender socialmente dentro do campo social (BOURDIEU, 2013).

O sujeito é pensado dentro dessa relação de disputa e sempre de forma relacionada ao espaço social e aos capitais que estão em disputa no campo. As representações dos agentes variam de acordo com a sua percepção e forma de apreciação do mundo social muito influenciados pela posição ocupada por ele no campo e pelo seu *habitus* (BOURDIEU, 2004a).

O *Habitus*, portanto, em uma relação dialética entre capital e campo, possibilita ao sujeito a incorporação de cargas culturais que favorecem as seguintes percepções: (1) como se luta pelo capital legitimado em determinado campo; (2) como se atua de acordo com as regras de funcionamento do campo; (3) em função da posição que ocupa; (4) principalmente com as perspectivas visualizadas no campo social (WACQUANT, 2006; BOURDIEU, 2011).

Desta forma, ao desenvolver essas ferramentas sociológicas de análise (campo, capitais, *habitus*, entre outras), a obra de Bourdieu possibilita pensar um sujeito em ação. Isto traz sentido e relevância para pesquisas em sociologia do esporte, contribuindo metodologicamente para a criação de um espaço específico para o esporte e as relações sociais pertinentes a ele, contribuindo para a compreensão das necessidades e ações humanas. Por exemplo, a necessidade de criação de modalidades esportivas, sua apreciação e suas possíveis e diferentes formas de utilização presentes no universo das práticas com valor simbólico (MARQUES, 2015b).

Bourdieu (1983a; 2004b) configura o campo esportivo com história relativamente autônoma que, mesmo articulada e inserida no espaço macrossocial, tem seu próprio tempo, regras e capitais próprios em disputa. Dessa forma, o esporte é um subcampo, caracterizado por lutas pela legitimidade da prática esportiva e distinção social, de um campo social mais amplo que transmite valores morais próprios dos grupos que o compõem.

Marques (2015b, p. 32) indica que,

A originalidade da análise sociológica de Bourdieu sobre o esporte é projetar as práticas esportivas em sistema, feito de convergências e de oposições, de correspondências e exclusões próprias de um campo social específico (esportivo), baseado na disputa entre agentes e objetos.

O campo esportivo não é estanque e as ações de seus agentes podem modificá-lo sobretudo em suas simbologias e formas de distinção. As diferentes formas de interesse,

aproximação e apropriação do esporte pelos grupos sociais diversos o configuram como um fenômeno heterogêneo, com diversos significados para os sujeitos que com ele se relacionam (MARQUES, 2015b). Essa elasticidade semântica ocorre devido às diferentes possibilidades e aos efeitos de apropriação por parte dos agentes envolvidos. Uma mesma modalidade esportiva pode assumir características e sentidos diversos, de acordo com o *habitus* dos envolvidos (BOURDIEU, 2004a).

O campo esportivo é, portanto, um lugar de disputas pela definição legítima da prática esportiva e das funções legítimas das atividades esportivas. Estas disputas consideram tanto a manutenção do *habitus* do campo como a possibilidade de imposição de novos princípios de visão e divisão neste espaço. Dessa dinâmica resultam estilos de vida distintivos, que evidenciam as estratégias dos agentes como um lugar de escolhas e investimentos, e os diferenciam ao mesmo tempo em que refletem as condições sociais e objetivas de sua própria produção (BOURDIEU, 2004b; SOUZA; MARCHI JUNIOR, 2010).

3.2. Futsal: um subcampo esportivo integrante da “Família de jogos com bola nos pés”

Os campos sociais são espaços com estruturas próprias, relativamente autônomas a outros campos, com uma lógica particular de funcionamento. No entanto, são homólogos, ou seja, orientados sempre pelos mesmos princípios. Essa característica permite elevar o nível de generalidade de princípios teóricos em estudos de diferentes universos. Assim, o funcionamento dos campos denuncia de maneira mais ou menos claras propriedades comuns a todos (BOURDIEU, 2012).

Para facilitar o procedimento de análise dos campos sociais, os mesmos podem ser organizados em pequenas frações, as quais são chamadas de subcampo. Desta forma, o esporte seria, por exemplo, um subcampo do campo macrosocial geral, enquanto o futsal, aqui estudado, poderia ser considerado um subcampo esportivo em referência ao campo macrosocial do esporte (BOURDIEU, 2004a).

Para ser considerado um subcampo, o espaço social precisa ser constituído historicamente. Precisa ter agentes, no caso praticantes, leis e regras próprias que regem sua legitimação e principalmente disputas específicas pelo controle do poder do campo em suas diversas áreas de atuação (BOURDIEU, 2004a).

Ocorrem muitas disputas no campo esportivo, tanto no considerado mais amplo, como disputas internas em cada subcampo. Por exemplo, em um campo mais amplo a luta de diferentes modalidades em busca de patrocínios, praticantes e espaço nas mídias. Um exemplo prático, a disputa pela legitimação entre o futebol de areia e o futsal para ser incluído nos Jogos Olímpicos (ANDRADE JR; CAREGNATO; CAVICHIOLLI, 2016). Essas disputas se vinculam ao que Bourdieu (1983a) sugere sobre a existência de concorrência entre modalidades esportivas pela busca da legitimidade e acesso a ganhos políticos e econômicos.

No interior de cada subcampo, pode-se citar as possíveis disputas pelos cargos de controle das Federações e Confederações. Além disso, há disputas para ser o grupo que domina as ações de uma seleção nacional, legitimando a convocação de atletas, a captação de patrocínios, e a decisão das linhas metodológicas a serem seguidas no desenvolvimento da modalidade (ANDRADE JR; CAREGNATO; CAVICHIOLLI, 2016).

Em alguns momentos também existe a colaboração entre os subcampos. Isto acontece, por exemplo, quando representantes do subcampo do Futsal, para se legitimar em algumas situações, posicionam este esporte dentro do campo esportivo como um “ajudante” do futebol de campo, divulgando relatos de atletas que praticaram futsal na infância e se tornaram

profissionais de futebol de campo em grandes equipes do Brasil e do Mundo. Grieve e Garrido (2014) defendem inclusive que o futsal é um esporte auxiliar do futebol de campo e que deve ser utilizado para desenvolver os jogadores deste esporte. Faz-se a ressalva de que esta medida pode até agregar alguns benefícios no marketing esportivo, porém, essa forma de divulgação mantém o futsal sempre em uma posição de inferioridade ao futebol no campo esportivo.

Após a descrição do que seria necessário para que um subcampo esportivo pudesse ser caracterizado, é possível considerar que o futsal reúne particularidades suficientes para ser considerado como tal (MARQUES et al., no prelo). O processo de produção cultural que originou a modalidade esportiva futsal é envolto em transformações, reproduções e disputas.

Scaglia (2011) propõe uma perspectiva teórica denominada “Família de jogos com bola com os pés”. Por esta denominação, as atividades que envolvem jogos que utilizem predominantemente os pés são considerados todas da mesma “Família”, cada qual com suas características peculiaridades, mas com importantes inter-relações. Desta forma, o futsal seria um integrante desta família, coexistindo nos outros jogos/brincadeiras com bola com os pés da mesma forma que em maior ou menor escala outros jogos e brincadeiras de bola com os pés também existam nele. Com autonomia e irredutibilidade, mas vinculados em dependência mútua (SCAGLIA, 2011).

Assim, associando a ideia de “Família dos jogos de bola com os pés” e o conceito de subcampo, entende-se que o subcampo social futsal faria parte de um subcampo intermediário ao campo esportivo mais amplo. Por esta associação, o subcampo que incluiria o futsal e seus “familiares” seria denominado subcampo “Família dos jogos de bola com os pés”. As modalidades esportivas como o futebol, o futevôlei, o futebol de areia, fariam parte também deste subcampo. A intenção de incluir estes jogos em um mesmo subcampo ocorre em função da proximidade e da influência sociológicas e pedagógicas que estas modalidades têm umas sobre as outras.

Baseado então nos aspectos mais similares entre os integrantes, Scaglia (2011) ao descrever o futebol, componente mais consumido e economicamente rentável desta família, e suas origens, identifica nele um processo de ressignificação cultural de jogos populares com bola. Processo este em que o futebol é produto e fenômeno sociocultural ao mesmo tempo. É produto na medida em que se originou de ressignificações de jogos populares com bola e é fenômeno enquanto permite que jogos continuem a modifica-lo originando novos jogos e brincadeiras, algumas vezes influenciando a criação de novas modalidades esportivas.

Neste panorama de familiaridade com o futebol, o futsal preserva em sua composição histórica aspectos semelhantes.

Cachón-Zagalaz et al. (2012) aponta que o futebol *indoor* surgiu como uma alternativa para os praticantes de futebol continuarem jogando bola mesmo diante do inverno rigoroso. Descreve em seus achados que os praticantes colocavam um piso de madeira sobre a neve e jogavam futebol, e a primeira partida que se tem registro foi jogada no Canadá em 1854 em uma quadra de hóquei com o piso de madeira montado sobre o gelo, com 11 jogadores de cada lado em um espaço apertado.

Em 1885, ocorre um jogo mais parecido com o futsal atual, no qual a *Asociacion de Fútbol Western Ontário e a ONT de la Newark* de *New Jersey* se enfrentaram com seis jogadores para cada equipe, também em um rink de hóquei adaptada com piso de madeira sobre o gelo (CACHÓN-ZAGALAZ et al., 2012).

Semelhante a estes jogos em locais fechados encontrados no Canadá e nos EUA, na América do Sul o futebol de salão teve sua gênese na década de 1930, por meio do intercâmbio cultural e esportivo dos professores de Educação Física da ACM, especificamente entre Brasil e Uruguai. No início se parecia mais com um futebol jogado na quadra, bem diferente do que foi visto e praticado na década de 1980, isto é, um esporte praticado e consumido internacionalmente, jogado sob regras institucionalizadas (SANTANA, 2008a; CACHÓN-ZAGALAZ et al., 2012; BELLO JR, 2014).

Sua origem provocou uma dualidade histórica acerca de sua criação, até hoje não muito bem esclarecida. Existe uma controvérsia em que alguns autores especializados afirmam que sua origem é uruguaia e se desenvolveu com o professor Juan Carlos Ceriani, que definiu os tempos de jogo, suas regras e a quadra de basquetebol como espaço de jogo (CACHÓN-ZAGALAZ et al., 2012). Outra corrente, defendida por Luis Gonzaga de Oliveira Fernandes, acredita que foi no Brasil, na ACM de São Paulo, onde fora praticado por jovens a título de recreação (posicionamento sustentado, inclusive, pela Confederação Brasileira de Futsal - CBFS). No entanto, é inegável que os brasileiros são os maiores responsáveis pelo seu crescimento, expansão e organização (SANTANA, 2008a).

Segundo Santana (2008a), nas décadas posteriores, o futebol de salão cresceu de maneira exponencial, motivando, no final da década de 1980, uma configuração social que resultou na criação do futsal:

- 1940: O futebol de salão é praticado e divulgado;
- 1950: Reconhecido e regulamentado com o surgimento de federações nacionais;
- 1960: Surge a Confederação Sul-americana;
- 1970: Confederação Brasileira e Federação Internacional de Futsal (FIFUSA);

- 1980: A modalidade se internacionaliza despertando o interesse da Federação Internacional de Futebol (FIFA) em dominá-lo;
- 1989: A FIFA passa a controlar e organizar o futsal;
- 1990: A Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS) se desliga da FIFUSA e filia-se oficialmente à FIFA.

Santana (2008a) ressalta a importância de considerar o futebol de salão como precursor do futsal. Porém, são duas modalidades esportivas diferentes, tanto pelos seus aspectos técnicos e táticos, como pela sua história e desenvolvimento. Nesses termos, ocorre algo semelhante ao descrito na história estrutural do esporte, que tem como seu principal objeto a dinâmica das transformações (e das rupturas) que se operam no próprio campo esportivo e nos subcampos que o compõem (BOURDIEU, 2004b).

Nesta mesma década, ocorre um grande feito para o futsal brasileiro. Em 1996, foi criada a Liga Nacional de Futsal, tornando o futsal mais organizado, fomentando aos clubes o surgimento de um *habitus* mais profissional (BELLO JR, 2014).

3.3. A elasticidade semântica do esporte e o Modelo de Concepção das Formas de Manifestação do Esporte (MCFME)

O esporte apresenta grande elasticidade semântica, ou seja, uma pluralidade de possibilidades de utilização e transformação do sentido da prática esportiva. Esta utilização estaria vinculada ao sentido atribuído pelos agentes envolvidos com a prática (BOURDIEU, 2004b). A elasticidade semântica oferece a possibilidade para usos diferentes da prática esportiva, os quais em alguns casos podem ser opostos. Essas possibilidades de mudança e transformação são grandes, mas não são infinitas, pois apesar de inúmeras, o espaço dos possíveis é restrito dentro daquilo que pertence ao universo esportivo (BOURDIEU, 2004b).

Marcado por essa polissemia de sentidos, o esporte é um fenômeno que ensina valores, que se distinguem relativos ao sentido da prática atribuído (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008; MARQUES, 2015a). O sentido atribuído vai gerar uma apropriação pelo praticante. Os agentes se apropriam de diferentes formas da prática esportiva, sendo que esta forma diferenciada é chamada de efeito de apropriação. Esse efeito em relação dialética com o sentido adotado vai indicar as formas como o indivíduo se relaciona com o esporte (BOURDIEU, 2004b), assim como as maneiras pelas quais o esporte se manifesta (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

A relação dialética entre elasticidade semântica e efeito e apropriação é influenciada diretamente pelo *habitus* do indivíduo que vai influenciar o subcampo esportivo na mesma medida em que este influencia a constituição do *habitus* do indivíduo, também em uma relação dialética (BOURDIEU, 2004a).

Para melhor entender o fenômeno esportivo, é preciso evitar reducionismos e determinismos que excluem suas inúmeras possibilidades de manifestação. Ao observar as diferentes formas de manifestações esportivas, sua diversidade parece muito mais significativa do que sua homogeneidade (MARQUES, 2015a).

É possível afirmar que, para compreender as diversas manifestações esportivas, é preciso considerar o significado destas para os participantes e como estas práticas ocorrem nos diferentes ambientes. É na relação entre os espaços das diferentes modalidades e das relações sociais que se definem as propriedades pertinentes de cada manifestação esportiva. Uma mesma modalidade esportiva pode ser desfrutada como prática recreativa, ensinada como atividade pedagógica na educação formal, ensinada no ambiente extracurricular escolar e/ou comercializada como espetáculo de massa (MARQUES, 2015a).

Desenvolvido por Marques, Gutierrez e Almeida (2008), o Modelo de Concepção das Formas de Manifestação do Esporte (MCFME) sugere uma sistematização teórica sobre possibilidades de classificações de manifestações esportivas na sociedade contemporânea.

De acordo com Marques (2015a p.163):

Esta tipologia procura oferecer uma classificação que não seja rígida, procurando não engessar determinadas práticas em tópicos imutáveis e terminados, mas sim, considerar que as diversas modalidades esportivas (como futebol, voleibol, natação, atletismo, tiro ao alvo, entre outras) podem adquirir simbologias e significações próprias, de acordo com o ambiente (alto rendimento, escolar e lazer) e o sentido atribuído (oficial ou ressignificado). Neste modelo, o esporte pode se manifestar através de três possíveis ambientes (alto rendimento, lazer e escolar), se expressar através de uma modalidade específica e com um sentido em particular (oficial ou ressignificado).

O MCFME se apropria do caráter heterogêneo do esporte, e assume que as manifestações esportivas possuem semelhanças e diferenças e ensinam valores. Este modelo toma como ponto de partida a compreensão de que a elasticidade semântica norteada pelo conhecimento praxiológico, a noção de *habitus* e o conceito de campo de Pierre Bourdieu são premissas que interferem nas ações dos sujeitos (BOURDIEU, 2004a).

O MCFME organiza essas ações em três esferas: Ambiente da Prática; Modalidade da Prática e Sentido da Prática (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

As relações sociais que se estabelecem dentro do espaço das modalidades esportivas formam as propriedades de cada prática esportiva. Desta forma, o esporte é o que se faz dele e como as pessoas envolvidas o entendem e o desejam, desconstruindo assim, alguns mitos e crenças sobre aspectos excessivamente positivos ou negativos do esporte, que aparecem em afirmações deterministas do tipo “esporte é saúde”, ou “esporte afasta das drogas”, ou ainda “quem pratica esporte segue a lógica capitalista e vai ser sempre dominado”. O que de fato pode se afirmar é que o esporte ensina valores, ou seja, ele tem uma razão de ser e acontecer e se desenvolve em uma gama de complexas relações (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

As modalidades esportivas têm como características: regras, normas de ação e formas de disputa próprias. São autônomas quanto às suas determinações legais e, em alguns casos, à sua história. A maioria delas têm entidades reguladoras próprias que normatizam e regulam a prática, como o futsal, o rúgbi, o basquete, entre outras (BOURDIEU, 2004b). Para o MCFME, estas são as modalidades da prática (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

O espaço das realizações neste Modelo é chamado de ambiente e as modalidades esportivas se concretizam nele. Desta forma, se apresentam o Ambiente do Esporte de Alto Rendimento, o Ambiente do Esporte de Lazer e o Ambiente do Esporte Escolar (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

No Ambiente do Esporte de Alto Rendimento, as manifestações formais que visam à melhoria de desempenho e a prioridade está centralizada na busca por vitórias, títulos e conquistas em competições esportivas majoritariamente profissionais. Este ambiente do esporte está ligado a investimentos e busca por lucro. As gratificações, as recompensas financeiras e a ascensão social são o ponto central que motivam sua prática. E estas se vinculam a um rendimento obrigatório que os mantenham neste ambiente (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

O Ambiente do Esporte de Lazer, é mais heterogêneo do que o ambiente de alto rendimento. Nele é possível observar práticas que se aproximam em maior ou menor escala das práticas realizadas no alto rendimento, o que os diferencia é o voluntarismo para a prática. Nesse meio, é possível encontrar práticas regulamentadas por um órgão oficial ou não. Os sentidos neste ambiente são mais variados, por exemplo, um mesmo garoto que joga futebol na rua com os amigos e em outro momento disputa uma partida da mesma modalidade sob as regras da federação competente, ainda o faz em seu momento de lazer, porém, com sentidos diferentes (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

O Ambiente do Esporte Escolar, se faz presente tanto na escola formal, incluso no seu Projeto Político Pedagógico, que com sua concepção de educação o direciona da forma e maneira que considera adequada, como também aparece oferecido por muitas escolas em atividades extracurriculares. Porém, dentro do mesmo ambiente existe uma mudança de sentido das aulas extracurriculares em relação às aulas de Educação Física curriculares (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

As modalidades esportivas no contexto da Educação Física curricular estão no rol dos diversos conteúdos elegíveis para representar a cultura corporal. A Educação Física na escola é uma disciplina que introduz e integra o aluno neste universo, e que pretende contribuir na formação do cidadão instrumentalizando-o para usufruir de maneira crítica e reflexiva acerca dos jogos, dos esportes e de todos os demais conteúdos da cultura corporal (DARIDO et al., 2006).

Santos e Simões (2007) consideram que a atividade esportiva extracurricular na escola tem crescido consistentemente e que a mesma se direciona para a competição. Porém, deve receber um tratamento com enfoque diferenciado das aulas curriculares de Educação Física,

mas com os cuidados para não reproduzir a mesma abordagem prioritariamente competitiva de clubes e centros esportivos especializados.

O Sentido da prática são as razões e valores que a configuram. Deriva-se das condições sociais, culturais e históricas dos indivíduos. Ele influencia a concepção da atividade e relativiza o que está em jogo, diferenciando os valores a serem ensinados. Práticas que estimulam a segregação e a comparação objetiva como prioritárias são diferentes de práticas que valorizem a inclusão e autovalorização. Portanto, neste jogo de sentidos estão interesses materiais, prestígio social, prestígio de grupo, que significam a cultura esportiva (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008; MARQUES, 2015a).

Uma diferenciação inicial, seria entre as práticas organizadas e regidas por órgãos oficiais e as práticas sem a regulamentação oficial. Por exemplo, um futebol jogado na rua com gols feitos de tijolos contraposto com uma partida da Copa CONMEBOL Libertadores promovida pela Confederação Sul-americana de Futebol (CONMEBOL). As duas práticas têm como modalidade o futebol. A primeira se baseia em consenso entre os participantes, e seu caráter pode ser exclusivamente de lazer e diversão (não excluindo a competitividade e inclusive possíveis conflitos). Já a segunda envolve obrigatoriamente alto rendimento atlético, comparando e estabelecendo vencedores para fins classificatórios, contando ainda com toda a espetacularização que envolve os eventos esportivos profissionais (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Toda prática esportiva exige um mínimo de rendimento para ser realizada. O que diferencia as práticas é o quanto ela pode ser alterada e adaptada (sem descaracterizá-la) para atender às necessidades dos sujeitos e o quanto os mesmos precisam se adaptar para conseguirem praticá-la. Desta relação se origina a nomenclatura sugerida pelo MCFME para os sentidos da prática esportiva: Sentido Oficial e Sentido Ressignificado (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

O sentido oficial remete a um rendimento obrigatório para a prática, vinculado ao respeito irrestrito às regras formais da modalidade esportiva, com o objetivo primário de comparação de desempenhos e destaque principal, e as vezes único, ao resultado da disputa. Este sentido pode ser encontrado em qualquer dos três ambientes (Alto Rendimento, Lazer e Escolar). Neste sentido, o esporte em sua forma oficial está acima dos praticantes, que necessitam se adequar às exigências impostas (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008; MARQUES, 2015a).

O sentido ressignificado considera o rendimento possível, ou seja, o mínimo necessário para que a atividade aconteça, baseia-se em processos de adaptação da atividade esportiva às

capacidades, limitações e objetivos dos participantes, privilegiando o processo de vivência esportiva, colocando o resultado da competição em um segundo plano. É incompatível com o ambiente de alto rendimento, pois se baseia em transformações de regras, e/ou do valor dado ao resultado da competição, portanto manifesta-se no ambiente de lazer e no ambiente escolar (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008; MARQUES, 2015a).

Considerando que os ambientes de prática por meio da modalidade esportiva escolhida ensinam valores e relacionando a prática com o sentido a ela atribuído, é possível interpretar o fenômeno esportivo sociologicamente, além de refletir sobre uma perspectiva pedagógica sobre o mesmo (MARQUES, 2015a).

A intenção não é santificar um ambiente em detrimento de outro, mas, refletir sobre situações que seriam mais favoráveis e adequadas para o desenvolvimento de práticas esportivas, pensadas em um sentido mais amplo, em que mais pessoas possam se relacionar e usufruir dessas práticas.

O esporte no ambiente de alto rendimento, por exemplo, tem importante papel social. Muitas vezes incentiva atitudes positivas de superação, cooperação, trabalho em equipe. Ao mesmo tempo em que é um ambiente marcado pela exclusão (ou inclusão de poucos), comparação objetiva, em que o resultado esportivo por ser prioridade absoluta em algumas situações se sobrepõe à ética, com os fins justificando os meios e com relativo desprezo pelo derrotado. Uma característica específica do ambiente do alto rendimento é o fato de que o ensino de valores acontece de maneira diferente para os que praticam em relação aos que consomem os produtos advindos deste ambiente. O primeiro grupo está sujeito a esta lógica de funcionamento e para fazer parte precisa se colocar a serviço com possíveis restrições de escolha e em busca de lucros financeiros. Já o segundo grupo, em tese, escolhe se quer consumir este produto e de que formas possíveis poderiam consumir os produtos esportivos (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Ainda considerando as características dos ambientes e a sua relação com os sentidos, é possível que distorções entre os objetivos dos praticantes e as situações e/ou valores vivenciados ocorram caso o sentido não esteja adequado ao ambiente. Por exemplo, os riscos de especialização precoce ou a exigência de vitórias sobre atletas de final de semana, podendo causar incompatibilidades em relação às intenções, condições de prática e vivências concretas dos envolvidos. Se isso for verificado, por exemplo, no ambiente de lazer ou mesmo no esporte escolar, pode-se considerar um desvio de objetivo da presença do esporte (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

A presença do sentido oficial nos ambientes de lazer e escolar precisa ser coerente com o grupo de indivíduos que está envolvido na prática para atenuar possíveis situações inadequadas. Desta forma, a ressignificação valoriza o processo da prática e de vivência e amplia as possibilidades de prática para além de objetivar única e exclusivamente o resultado de vitória e títulos. Ela estaria de acordo com os interesses, mas sobretudo, com as possibilidades do grupo envolvido com a prática. E destaca-se que aqui não se desconsidera a competição esportiva, ela só não é o objetivo central da atividade. O valor dado ao resultado da competição esportiva mostra-se um relevante indicativo do sentido dado à prática. Pode-se considerar que o sentido da prática deriva dos modos como os indivíduos valorizam os resultados de uma competição, em que quanto maior o valor atribuído ao resultado final mais se aproxima do sentido oficial, sendo o inverso proporcional à aproximação ao sentido ressignificado (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

No entanto, não se trata de deslegitimar o esporte no ambiente de alto rendimento. Conforme dito anteriormente, não se desconsidera a sua potencialidade para ensinar valores. O que se alerta é para a adequação do sentido aos objetivos e principalmente ao nível de preparo dos indivíduos envolvidos nos ambientes de prática (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Ao se verificar a lógica do esporte no alto rendimento e seu único sentido oficial é compreensível que se observe algumas situações e pressões, que não seriam necessariamente adequadas para o ambiente do esporte escolar (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Lettnin (2005) considera que o esporte vai se manifestar na escola de acordo com a concepção de educação adotada pela instituição. Porém, alerta que esta manifestação será mais institucional quando associada à Educação Física curricular. Já para as atividades extracurriculares, muitas vezes o professor contratado especificamente para ministrar as PEEEs não tem identificação com a filosofia do projeto pedagógico da escola. Desta forma, seus processos e ações para ensinar o esporte se vinculariam a outras influências.

Marques, Gutierrez e Almeida (2008) ressaltam que se as concepções da instituição escolar e do I/T escolar se pautarem no sentido oficial, o modelo do esporte de alto rendimento estaria sendo reproduzido.

Ressignificar o esporte seria uma possibilidade de ampliação da participação e do envolvimento dos indivíduos com o fenômeno esportivo. Ressalta-se que não se trata da negação do esporte de alto rendimento ou redução de sua importância, mas na atenção em formar indivíduos que estejam preparados para consumir o esporte percebendo seus benefícios

e seus exageros e reconhecendo os aspectos positivos e negativos deste fenômeno (MARQUES, 2015a).

Posto isso, o esporte no ambiente escolar extracurricular pode assumir diferentes sentidos e significados, principalmente em função do contexto. As opções assumidas pelo I/T podem direcionar a prática e indicar valores morais envolvidos no processo educativo (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

A variação de sentido nas turmas de treinamentos extracurriculares escolares é o ponto chave deste trabalho. Neste contexto, se insere a preocupação em observar e perceber se os objetivos se aproximam mais do sentido oficial ou mais do sentido ressignificado da prática. A premissa de que relações mais adequadas e saudáveis poderiam ser construídas se ocorresse uma preocupação maior com a participação de todos precisa ser ponderado.

Considera-se que se as mesmas cobranças e pressões realizadas em atletas de equipes esportivas profissionais de alto rendimento forem colocadas sobre as crianças em um torneio escolar, ou em algum outro contexto de aprendizagem, possivelmente haverá um cenário inadequado para este ambiente, com valores ensinados de comparações objetivas, segregação e competitividade exagerada. Neste caso nota-se a presença do sentido oficial da prática esportiva (SANTANA, 1996; MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Sobre isso, Santana (1996) propõe a Metodologia da Participação. Essa proposta envolve a participação efetiva de todos os segmentos envolvidos com o futsal em um determinado contexto de prática. Ela surge durante observações de seu cotidiano como I/T de futsal nas categorias menores, ao serem diagnosticados comportamentos inadequados tanto de I/T, como de pais de atletas e de dirigentes, sendo todos obcecados em conquistar títulos, tratando a criança como um adulto, cobrando resultados e vitórias, transformando a relação da criança com o esporte em uma relação utilitária, desconectada do prazer pela prática (SANTANA, 1996).

Desta forma as PEEEs poderiam caracterizar um ambiente mais democrático e acessível a crianças e jovens que se interessassem em aproximar-se das práticas esportivas para além das aulas de Educação Física curriculares. Neste caso, envolveria os I/T, a direção da escola, os pais e familiares dos alunos, os próprios alunos e as entidades responsáveis por organizar competições escolares. Essa metodologia que coloca o praticante no centro da atividade favorece a presença do sentido ressignificado da prática esportiva indicado pelo MCFME.

3.4. O *habitus* do Instrutor/Treinador (I/T) esportivo influenciando a formação esportiva nas Práticas Esportivas Escolares Extracurriculares (PEEEs)

O trabalho do I/T é complexo, envolve diferentes níveis de interação e influência sobre outras pessoas, e não se pode desconsiderar o fato de que cada indivíduo é único. Portanto, o trabalho do I/T pode ser compreendido como um fenômeno sociocultural estruturado na interação de contextos culturais e nas percepções, significados e singularidades dos participantes (JONES, 2007; CUSHION; JONES, 2014).

As ações dos I/T sob uma abordagem sociocultural, se baseiam nas interações sociais entre os agentes em posições sociais distintas no campo. As ocupações dessas posições sociais têm relação com a posse de capitais (econômico, cultural, social e simbólico) valorizados no campo ou subcampo em disputa. As formas de envolvimento nessas disputas ocorrem em função do *habitus* do agente, e este *habitus* também é gerado em função da posição que se ocupa em uma relação dialética (CUSHION; JONES, 2014; BOURDIEU, 2013).

As interações no processo de treinar, ao contrário de ser uma sequência cognoscível, é problemática, multifacetada e fundamentalmente entrelaçada com o ensino e a aprendizagem dentro de contextos específicos (JONES, 2007; MARQUES; NUNOMURA; MENEZES, 2016).

Desenvolver o trabalho de I/T é um processo social que está intrinsecamente ligado às oportunidades de interação humana. No seu âmago se localizam as conexões construídas entre I/T e os alunos/atletas dentro do campo do esporte. Os I/T lidam com humanos que se afetam e sentem emoções, com conhecimentos práticos, com ética e intersubjetividade (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2003; JONES; EDWARDS; VIOTTO FILHO, 2014).

No entanto, as ações dos I/T envolvem conflitos dentro da estrutura, pois nela se localizam disputas por poder. A dinâmica do poder é um componente subjacente inerente deste espaço social e pode se manifestar em *habitus* concorrentes e estruturas hierárquicas ocultas. As formas de distribuição e utilização da força nas relações do I/T com os demais integrantes deste campo social (pais, diretores/dirigentes, alunos/atletas, entre outros) pode ser um indicativo dos sentidos atribuídos por eles a esta atividade (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2002).

Os I/T e os atletas têm *habitus* distintos devido suas posições nesta estrutura. Bourdieu (2012) faz uma analogia com a nobreza para explicar a diferença do *habitus* em função da posição social que se ocupa. Nesta analogia, o príncipe sentia-se superior ao duque, que por sua vez sentia-se superior ao marquês. No conjunto da nobreza os três sentiam-se superiores aos

plebeus que lhes pagavam impostos, enquanto todos, com exceção dos plebeus, lutavam para que essa ordem se perpetuasse. Muitas vezes no interior das relações que se estabelecem entre I/T e alunos/atleta, por receio de perder o controle e estabelecer uma falsa sensação de comando, o I/T faz-se prevalecer por imposição, semelhante à descrita a respeito dos nobres (CUSHION; JONES, 2006).

Cushion e Jones (2006), analisando as relações de poder no interior de uma estrutura esportiva de futebol na Inglaterra, indicaram um sistema de dominação que sustentavam as relações. Os treinadores utilizavam de uma ação autoritária que categorizavam os bons e os maus jogadores, que aceitavam essas definições. De forma inquestionável, os treinadores estabeleceram uma *doxa* dentro desta estrutura esportiva.

No entanto, as práticas reproduzidas pelos jogadores desta equipe foram descritas como ações muitas vezes inconscientes relacionadas à internalização de um arbitrário cultural. Desta forma, passaram a ser percebidas como “naturais” pelos jogadores, que entraram em um processo de engano coletivo. A relação desigual de poder passou a ser consentida pelas duas partes e era percebida como legítima. Esse desconhecimento coletivo de onde emana o poder que estabelece as práticas é central para o que Bourdieu chama de violência simbólica, ou seja, um modo invisível de dominação que não é reconhecido pelo dominado (CUSHION; JONES, 2006; BOURDIEU, 2012).

Assim os *habitus* dos atletas desta equipe eram formados para a aceitação de múltiplas formas de controle por meio de um currículo oculto que envolve o reconhecimento de ações rotineiras, que formam um conjunto de mensagens implícitas e atuam como um poderoso meio de transmissão de normas, crenças e valores que são incorporados. Faz-se a ressalva de que a aprendizagem no esporte não é linear e por isso essa realidade se torna constantemente instável e passível de conflitos que geralmente giram em torno da manutenção ou modificação das formas, dos valores e aprendizagens a serem ensinados (CUSHION; JONES, 2014).

As relações de I/T e alunos/atletas, portanto, é parte de complexas realidades associadas aos ambientes esportivos, que envolvem interações entre indivíduos de diferentes *habitus* (CUSHION; JONES, 2014).

O processo a respeito das relações entre I/T e atletas, pode ser visto com potencial de um significativo gerador de *habitus*, com o poder de estruturar a ação prática dos agentes. Desta forma, as situações referentes ao treinador se configuram em um processo educativo e um lócus de produção de um *habitus* particular que origina formas de pensamento e ações (JONES, 2007; BARKER-RUCHTI et al., 2016; MARQUES; NUNOMURA; MENEZES, 2016).

Localizar em que contexto cultural e como ocorrem as relações do I/T com seus alunos/atletas parece favorecer as percepções de que tipo de influências individuais e filosóficas podem ocorrer (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2002).

Complexo e influenciado pela ação do treinador se apresenta o processo de formação esportiva. O esporte não é linear, é complexo, com imprevistos e incertezas, por isso não pode ser tratado de forma reducionista, impossível prever que impacto a formação esportiva terá daqui a dez anos sobre o indivíduo que hoje inicia. Há de se considerar também que uma minoria de crianças e jovens alcançará o profissionalismo dentro do esporte, e reduzir o esporte na infância ao treino para conquistas esportivas e formação de atletas parece um equívoco (SANTANA, 2005).

No entanto, uma sinergia entre as orientações e as práticas pautadas em um estilo predominantemente autoritário e instrumental dos I/T tem um custo. No esporte de alto rendimento, esses custos estão relacionados com a perda de poder dos atletas e a não utilização de maneiras criativas e potencialmente frutíferas de abordar o esporte (JONES, 2007; CUSHION; JONES, 2014; BARKER-RUCHTI et al., 2014).

As práticas esportivas amadoras e/ou escolares se relacionam melhor com atitudes agradáveis, sociabilidade, prazer, qualidade de vida e aprendizagem de valores, vencer não está excluído, mas não pode ser o único objetivo (SANTANA, 2005).

A sugestão para um bom relacionamento entre I/T e alunos/atletas e conseqüentemente um processo de formação esportiva positivo, seria o entendimento de um trabalho conjunto construindo novas estruturas de relações. Uma construção participativa em torno do consenso social que desenvolve obrigações mútuas, ao invés de agir apenas pela imposição de atitudes predeterminadas sem a opção de diálogo e reflexão (JONES, 2007; JONES; MORGAN; HARRIS, 2011).

A pedagogia do trabalho do treinador não implica apenas no ensino de competências físicas, técnicas, táticas e motoras. Considera para além das habilidades específicas do esporte, um cuidado com aspectos socioculturais do indivíduo, ensinando valores e princípios que podem afetar diretamente a forma como o praticante irá se relacionar com o esporte e com a sociedade (FREIRE, 2003; MATTHEWS; FLEMING; JONES, 2013).

Nesta linha de pensamento, Santana (2008b) destaca, especificamente sobre o futsal, que este na infância merece um tratamento pedagógico. Indica que sim, é necessário ensinar bem o futsal, mas é preciso ir além, e ensinar mais que futsal. Seria indicado ao I/T proporcionar momentos que apontem para a formação humana, afirmando habilidades e desenvolvendo competências para a atuação de seu aluno/atleta no mundo e não apenas no esporte.

Santos e Simões (2007), ao considerarem que o esporte está presente na vida dos indivíduos e especialmente dos jovens, sugerem a escola como um dos primeiros lugares de contato da criança com essas práticas. O I/T é o agente fundamental para orientar o sentido de uma prática esportiva, para entender o impacto da prática que o I/T representa, é necessário reconhecer momentos de aprendizado, e de aprendizagem de um conjunto de normas, crenças e valores (CUSHION; JONES, 2014).

A construção de uma cultura esportiva no ambiente escolar, portanto, seria possivelmente a principal função do esporte neste ambiente escolar extracurricular. Providenciando o apoio ideal para o aluno construir e desenvolver seu *habitus* esportivo. Ensinando a jogar e ensinando a viver.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

4.1. Delineamento Metodológico

A pesquisa qualitativa se aprofunda no mundo dos significados e é indicada quando se busca entender o significado ou a natureza da experiência das pessoas, e responde a perguntas muito particulares. O ser humano se distingue não só pelo agir, mas também por pensar sobre o que faz e por interpretar as suas ações dentro e a partir da realidade vivida (MINAYO, 2016).

A análise qualitativa consiste em construções da realidade por meio dos envolvimento e das interações com as pessoas. Desenha um retrato interpretativo do mundo estudado. Essa abordagem de pesquisa contribui para uma compreensão do “como” e do “por que” os participantes constroem significados e ações em situações específicas. Significado aqui é definido e redefinido através da interação. É uma tomada de consciência das inter-relações entre condições (estrutura), ações (processo) e suas consequências (STRAUSS; CORBIN, 2008; CHARMAZ, 2009).

Para este estudo foi utilizada a Teoria Fundamentada nos dados (TF). A TF é como uma câmera com muitas lentes. Primeiro percebe-se uma ampla extensão da paisagem para depois trocar as lentes diversas vezes, na tentativa de se aproximar cada vez mais das ações. Serve como um modo de aprendizagem sobre os mundos que estudamos e como um método para a elaboração de teorias para compreendê-los (STRAUSS; CORBIN, 2008; CHARMAZ, 2009).

Deriva indutivamente do estudo do fenômeno que representa. O fenômeno é descoberto, desenvolvido e de modo provisório verificado, tudo isto realizado por meio de sistemática coleta e análise de dados. Na TF, a produção de dados, a análise dos dados e a construção da teoria possuem relação recíproca entre si. Não se começa com uma teoria ou hipótese para ser provada. Começa-se com uma área de estudo em que se permite o surgimento do que é relevante produzindo declarações sobre como os agentes interpretam a realidade (CHARMAZ, 2009; GASQUE, 2011).

Realiza-se uma análise conceitual de relações padronizadas. Envolve derivar as comparações dos dados e chegar à construção das abstrações e ao mesmo tempo vincula essas abstrações aos dados. Estuda o específico e o geral e tenta perceber o novo que existe neles. A sociedade, a realidade e o indivíduo são construídos por meio da interação, contando com a linguagem e com a comunicação, e nessa interação, as pessoas refletem sobre suas ações e não apenas respondem mecanicamente a estímulos (CHARMAZ, 2009).

Desenvolve-se uma teoria a partir dos dados, desta forma, permitindo aos participantes falarem com voz clara, entendida e representativa. A codificação é o elo fundamental entre: a coleta de dados e o desenvolvimento de uma teoria emergente que explique esses dados. Os dados são analisados convertendo o texto das entrevistas em conceitos, integrando categorias relevantes, vinculando categorias com categorias e assim formando uma teoria substantiva da ação (STRAUSS; CORBIN, 2008; CHARMAZ, 2009).

Glaser e Strauss (1967) pontuaram a existência de duas principais tipologias de teorias: as formais e as substantivas. As primeiras seriam compostas pelo que eles denominam de grandes teorias, vistas como formais e abrangentes, enquanto o segundo tipo se refere às explicações para situações cotidianas, que explicariam melhor as áreas específicas da pesquisa empírica já que essas teorias nasceriam diretamente de dados do mundo real.

Nessa perspectiva, diferentemente das teorias formais que fornecem os conceitos e hipóteses necessárias, teoria é aquilo com que o pesquisador encerra seu trabalho e não com o que principia. Não é aquilo que vai ser testado, mas o que se conclui depois de uma pesquisa e da análise comparativa dos dados dela resultantes, valoriza o contato do pesquisador com o objeto e estimula a criação de uma sensibilidade para os dados. Assim, por ser um método geral de análise comparativa constante, a TF é citada frequentemente como método comparativo (GASQUE, 2011).

Dentre as diversas abordagens possíveis na TF, a linha proposta por Charmaz, opção deste trabalho, reconhece que as realidades e os fenômenos estudados são construções coletivas e que seus preceitos respondem fortemente à tradição interpretativa. Desta forma, Charmaz (2009, p. 24-25) sugere que,

A metodologia baseada nos dados, fundamentalmente, serve como um modo de aprendizagem sobre os mundos que estudamos e como um método para a elaboração de teorias para compreendê-los. O entendimento por esta perspectiva é que nem os dados nem as teorias são descobertos. Ao contrário, somos parte do mundo o qual estudamos e dos dados os quais coletamos. As teorias fundamentadas são construídas por meio de nossos envolvimento e das nossas interações com as pessoas, as perspectivas e as práticas, tanto passados quanto presentes. Essa abordagem admite, de modo explícito, que qualquer versão teórica oferece um retrato interpretativo do mundo estudado, e não um quadro fiel dele.

A mesma autora elenca as seguintes práticas para estabelecer o fazer da TF:

- O envolvimento simultâneo na coleta e na análise dos dados;
- A construção de códigos e categorias analíticas a partir dos dados e não de hipóteses preconcebidas e logicamente deduzidas;
- A utilização de método comparativo constante, que compreende a elaboração de comparações durante cada etapa de análise;
- O avanço no desenvolvimento da teoria em cada passo da coleta e da análise dos dados;
- A redação de memorandos para elaborar categorias, especificar as suas propriedades, determinar relações entre as categorias e identificar lacunas;
- A amostragem dirigida à construção da teoria, e não visando a representação populacional;
- A realização da revisão bibliográfica após o desenvolvimento de uma análise independente (CHARMAZ, 2009).

4.2. Participantes

Este estudo caracteriza-se como qualitativo, baseado em análises de entrevistas semiestruturadas com Instrutores/Treinadores (I/T) de futsal de escolas particulares da Educação Básica de Ensino Fundamental II (EF II – 6º ao 9º ano – alunos e alunas entre 11 e 15 anos de idade) da cidade de Ribeirão Preto/SP. A opção por investigar as escolas particulares se deu em função da presença consistente das PEEEs nessas.

Ribeirão Preto conta com 30 escolas particulares de Ensino Fundamental II, segundo dados do IBGE (2016) e do site TELELISTAS RP (2016).

O futsal é uma modalidade esportiva de destaque na quantidade de escolas participantes em competições escolares, na maioria das vezes é a modalidade com mais participantes inscritos. O Quadro 2 compara, nos últimos três anos, o número de escolas inscritas em cada modalidade, em uma competição escolar da cidade de Ribeirão Preto (PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO, 2017).

Quadro 2. Jogos da Primavera: Participação de escolas particulares com alunos do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) Categorias: sub 12, sub 14 e sub 15

Modalidade/Ano	Total de equipes inscritas			Números de equipes inscritas: femininas (F) / masculinas (M)			Número de equipes de escolas particulares		
	2015	2016	2017*	2015	2016	2017*	2015	2016	2017*
FUTSAL	21	22	35	F: 6 M: 15	F: 7 M: 15	F: 12 M: 23	12	12	13
HANDEBOL	18	24	26	F: 9 M: 9	F: 12 M: 12	F: 12 M: 14	8	15	12
VOLEIBOL	8	12	27	F: 3 M: 5	F: 6 M: 6	F: 13 M: 14	5	2	6
BASQUETEBOL	6	8	24	F: 3 M: 3	F: 3 M: 5	F: 8 M: 16	4	5	16

F = feminino; M = masculino.

* Em 2017 foram introduzidas as categorias sub 12 e sub 15 nos Jogos da Primavera e com isso o número de inscritos em todas as modalidades aumentou. Até o ano de 2016 as categorias oferecidas eram sub 14 e sub 17. Para efeito deste trabalho, não foram consideradas as equipes inscritas da categoria sub 17, uma vez que esse estudo se ocupa de investigar I/T que trabalham com equipes do EF II da Educação Básica, que para efeito de competições escolares englobam as categorias: sub 12; sub 13; sub 14 e sub 15.

Fonte: Prefeitura Municipal de Ribeirão Preto – Jogos da Primavera 2017 (<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/sesporte/primavera/i20principal.php>).

Em uma perspectiva de pesquisa qualitativa, o número de indivíduos entrevistados é menos importante do que a qualidade das informações. Deste modo, foram utilizados os conceitos de amostragem inicial¹ e amostragem teórica² como critérios para seleção e recrutamento de sujeitos. A amostragem inicial foi composta por três I/T que atendiam aos critérios iniciais de inclusão para este estudo:

- a) Graduado em Educação Física;
- b) Instrutor/Treinador (I/T) de futsal de equipes de escolas particulares formadas por alunos do EFII (6º ao 9º ano).

Durante o processo de análise, algumas categorias não previstas no roteiro inicial ganharam destaque, principalmente a competição esportiva, em função das respostas dos participantes. Ao lado das demais situações do processo de ensino e oferecimento do futsal na escola a competição se apresentou com relevância na percepção dos sentidos do esporte para os instrutores.

A competição esportiva é um conteúdo a ser aprendido por todos os alunos envolvidos com o esporte (GALATTI et al., 2007; REVERDITO et al., 2008; SANTANA, 2008b). Corroborando com essa perspectiva, Lovisolo (2001) sugere que a competição que se expressa em ganhar e perder é a alma do esporte, e que é impossível imaginar como realizar uma modalidade esportiva que não seja competitiva.

Diante desta necessidade, foi realizado um levantamento das competições escolares de futsal em que as escolas particulares de Ribeirão Preto/SP participam.

O Quadro 3 ilustra o calendário de competições de futsal escolar anual da cidade de Ribeirão Preto e as respectivas idades, considerando-se para este estudo escolas que participam de competições até a categoria sub 15.

¹ A amostragem inicial é composta pelos primeiros indivíduos selecionados, tanto pela relevância dos mesmos em relação ao tema proposto, como pela sua disponibilidade em participar da pesquisa (CHARMAZ, 2009).

² A Amostragem teórica se baseia em fazer comparações, tem como principal objetivo procurar pessoas que maximizem as oportunidades de descobrir variações entre conceitos e de tornar densas as categorias em termos de suas propriedades e dimensões (CHARMAZ, 2009).

Quadro 3. Competições de futsal escolar na cidade de Ribeirão Preto

Competições / Categorias	Sub 11	Sub 12	Sub 13	Sub 14	Sub 15	Sub 16	Sub 17
Jogos Escolares do Estado de São Paulo (JEESP) *	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Sim
Jogos Escolares Marista (JEMAR) *	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
Jogos da Primavera (Municipal) **	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Liga Escolar de Futsal (LEF) **	Não	Sim	Não	Sim	Não	Não	Não
Liga Escolar Ribeirão Preto (LERP) **	Não	Não	Não	Sim	Não	Não	Sim

*competição que contempla regras adaptadas por faixa etária.

** competição que não tem nenhuma regra adaptada, segue os moldes das competições adultas.

Fonte: Próprio autor; Municipal, (<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/sesporte/primavera/i20principal.php>); JEESP, (<http://www.selj.sp.gov.br>); LERP, (<https://pt-br.facebook.com/ligaescolarpp/>).

O Quadro 4 ilustra em quais competições as equipes dos I/T deste estudo participaram nos últimos 5 anos.

Quadro 4. Competições disputadas pelos I/T deste estudo nos últimos três anos

	2015	2016	2017
I/T 1	JEESP/JEMAR/Municipal/LEF	JEESP/JEMAR/Municipal/LEF	JEMAR/Municipal/LEF
I/T 2	JEESP/JEMAR/Municipal	JEESP/JEMAR/Municipal	JEESP/Municipal
I/T 3	JEMAR/Municipal	JEMAR/Municipal	Municipal
I/T 4	JEMAR/LEF	JEMAR/LEF/LERP	JEMAR/LEF
I/T 5	JEMAR/Municipal	JEMAR/Municipal/LEF	JEMAR/Municipal/LEF
I/T 6	JEESP/JEMAR/Municipal	JEESP/JEMAR/Municipal/LEF	JEESP/JEMAR/Municipal/LEF
I/T 7	JEMAR/Municipal/LEF	JEESP/Municipal/LEF	JEMAR/Municipal/LEF

Fonte: Próprio autor

A opção pela escolha apenas das escolas que participaram de competições em todos os últimos três anos se deu em função de que essa participação demonstra uma constância no envolvimento em competições escolares, e consequentemente uma consistência no trabalho desenvolvido, condição *sine qua non* para que os I/T tivessem elementos e a vivência necessária que atendessem as necessidades deste estudo.

Portanto, foi realizada uma reestruturação dos critérios de inclusão e do roteiro de entrevista, configurando assim a amostragem teórica do estudo.

Desta forma, foram entrevistados novamente os três primeiros I/T, e foram incluídos os quatro I/T que faltavam para completar os sete que atendiam aos critérios reestruturados:

- a) Graduado em Educação Física;

- b) Instrutor/Treinador (I/T) de futsal de equipes de escolas particulares formadas por alunos do EFII - 6º ao 9º ano;
- c) Participantes de pelo menos uma competição de futsal escolar em todos os 3 últimos anos (2015 a 2017) pela mesma escola.

Dos oito I/T, atuantes em 8 diferentes escolas, que atendiam aos critérios, sete foram entrevistados, uma vez que o oitavo é o próprio autor deste trabalho. Desta forma, este estudo esgotou o número de participantes que atingiam os critérios.

O Quadro 5 apresenta a caracterização dos I/T selecionados para o estudo.

Quadro 5. Características dos Instrutores/treinadores entrevistados.

	Gênero	Idade	Experiência como praticante esportivo	Atuação: Curricular e Extracurricular	Tempo de Graduação em Educação Física	Tempo de atuação com o futsal escolar	Curso de atualização nos últimos 5 anos	Experiência como I/T em outro ambiente
I/T 1	M	27	Em ambiente de lazer	Curricular e Extracurricular	4	8	Sim	Futsal universitário
I/T 2	M	49	Em ambiente de lazer	Extracurricular	25	22	Não	Futsal universitário
I/T 3	M	29	Em ambiente de lazer	Extracurricular	7	3	Não	Escolar
I/T 4	M	44	Em ambiente de lazer	Curricular e Extracurricular	21	19	Não	Futebol de base
I/T 5	M	29	Em ambiente de lazer	Curricular e Extracurricular	7	4	Não	Escolar
I/T 6	M	55	Futebol de base e Futsal amador	Curricular e Extracurricular	31	23	Sim	Escolar
I/T 7	M	46	Futebol de base e Futsal profissional	Curricular e Extracurricular	25	20	Não	Escolar

Fonte: Próprio autor

Considera-se que todos os profissionais escolhidos são importantes contribuintes para o estudo, uma vez que eles são agentes diretamente ligados e inseridos no contexto estudado.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP) sob o número CAAE: 52319315.3.0000.5407 (ANEXO A). Cada I/T, no momento das entrevistas, recebeu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em (APÊNDICE A).

4.3. Produção e Análise dos dados

Tanto a produção, quanto análise de dados foi baseada na Teoria Fundamentada nos Dados (TF), instrumentalizados por meio da análise das respostas de entrevistas semiestruturadas (CHARMAZ, 2009).

O modo dialógico, como são operacionalizados os raciocínios na TF, movimentam os sentidos do pesquisador por meio da indução e dedução dos dados. O movimento indutivo compara os dados fornecidos pelos participantes informantes em uma ação interativa que possibilita o ir e vir entre os dados e as fontes. Este processo direciona os dados construídos às respostas da investigação. O movimento dedutivo por sua vez, realiza-se quando o pesquisador, ao ser impactado pela potencialidade dos dados, realiza esforços para conceitua-los (CHARMAZ, 2009; LEITE, 2015).

A interpretação do processo social pode gerar um conhecimento, que por sua vez é fruto de uma co-construção entre o investigador e os indivíduos participantes da pesquisa. Os dados relevantes gerados fornecem consistentes subsídios para uma análise expressiva, que revelam as opiniões, os sentimentos, as intenções e as ações dos participantes (CHARMAZ, 2009).

Pormenorizando o que foi feito neste estudo, a análise das entrevistas foi iniciada com a microanálise, que possibilita a geração de categorias iniciais. Este processo é denominado codificação aberta e contém duas fases: inicial e focalizada. A codificação axial permite especificar as propriedades e as dimensões de uma categoria gerando uma estrutura densa de relações em torno do eixo de uma categoria. Tem como objetivo classificar, sintetizar e organizar grandes montantes de dados e reagrupá-los de novas formas. Assim, possibilita uma coerência a análise emergente. Pode resolver as questões do tipo: “quando”, “onde”, “por que”, “quem”, “como” e “com que consequências” (CHARMAZ, 2009; STRAUSS, CORBIN, 2008).

A codificação teórica é uma análise mais sofisticada dos dados, favorecendo o contorno aos códigos focais, entrelaçando a história fragmentada. Conceitua o modo como os códigos se relacionam, alteram a sua história analítica para uma orientação teórica. A codificação seletiva integra e refina a teoria, além de gerar categorias e suas propriedades determinando como elas variam dimensionalmente (STRAUSS; CORBIN, 2008; CHARMAZ, 2009).

Na TF as codificações não seguem uma ordem linear, permitindo a todo o momento retomar as análises bem como fazê-las simultaneamente. As codificações proporcionam que as categorias se desenvolvam em propriedades e dimensões, se tornando consistentes. Contribui para o estabelecimento de comparações identificando similaridades e diferenças dentro e entre as categorias (STRAUSS; CORBIN, 2008; CHARMAZ, 2009).

Diagramas e Memorandos foram produzidos para representar as ideias. Os diagramas demonstram as relações entre os conceitos por meio de representações visuais. Os memorandos elevam os códigos focais a categorias conceituais. Com eles é possível comparar dados e dados; dados e códigos; códigos de dados e outros códigos; códigos e categorias; e categorias e conceitos. São registros escritos de análises que podem variar em tipo e formato e consistem na etapa intermediária entre a coleta de dados e a redação dos relatos de pesquisa. Por fim a redação da teoria é uma história analítica clara, interpretada dos conceitos que emergiram dos dados das entrevistas (STRAUSS; CORBIN, 2008; CHARMAZ, 2009).

Os I/T, neste processo, descreveram e refletiram sobre suas experiências de maneira que raramente ocorrem na vida cotidiana. As perguntas foram amplas e abertas para permitir uma investigação interpretativa e com profundidade analítica. Esse tipo de entrevista oferece uma exploração irrestrita e detalhada de um aspecto da vida sobre o qual o entrevistado tem uma experiência substancial, muitas vezes combinada com *insights* consideráveis. O método permite e apoia uma complementação ou alteração no roteiro de entrevista com o acréscimo de questões para as entrevistas seguintes, bem como entrevistar novamente um participante caso surja a necessidade de reforçar algum posicionamento ou mesmo realizar novas perguntas aos participantes que já haviam sido entrevistados. O processo de entrevistas e análises dos dados ocorreram simultaneamente em um constante ir e vir (STRAUSS; CORBIN, 2008; CHARMAZ, 2009).

Isso ocorreu neste estudo. O roteiro inicial foi sendo complementado entre uma entrevista e outra até a terceira entrevista (I/T 1, I/T 2 e I/T 3) e sofreu uma reestruturação para as entrevistas seguintes (I/T 4, I/T 5, I/T 6 e I/T 7). Por este motivo os três primeiros I/T foram novamente entrevistados com as novas questões. O roteiro reestruturado se encontra em APÊNDICE B. As íntegras das entrevistas se encontram nos Apêndices: C; D; E; F; G; H; e I; respectivamente para os I/T: 1; 2; 3; 4; 5; 6; e 7.

A análise dos dados se orientou na tentativa de construir uma teoria fundamentada na interpretação das falas dos entrevistados.

Para efeito do tempo médio das entrevistas, foi somado o tempo total de todas as falas de cada I/T. As sete falas realizadas tiveram uma duração média de 35 minutos por I/T.

Strauss e Corbin (2008) e Charmaz (2009) também alertam que o pesquisador não consegue entrar no processo de pesquisa com a mente completamente limpa e vazia, ou seja, já têm um repertório consolidado das suas respectivas áreas. Soma-se a isso o fato de muitos desses indivíduos, provavelmente, também possuírem certa intimidade com o tema da investigação e com o seu respectivo referencial teórico.

Desta forma, considera-se que o início do estudo é feito a partir dessas perspectivas privilegiadas. No entanto, o pesquisador com equilíbrio e ética precisa manter-se o mais aberto possível a tudo o que ocorre nas etapas da pesquisa, possibilitando que as suas abstrações interpretativas assumam a forma de conceitos e de relações (STRAUSS; CORBIN 2008; CHARMAZ, 2009).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O alicerce de uma Teoria Fundamentada nos dados se constrói durante todo o processo. Neste estudo teve como base a interpretação da perspectiva dos participantes sobre os sentidos e objetivos de se ensinar uma modalidade esportiva, associadas às interpretações, à literatura e aos autores escolhidos para apoiar as discussões sobre os resultados.

Os resultados se apresentam organizados em quatro eixos, e em cada eixo se conectam categorias. O eixo 1, intitulado “A elasticidade semântica e o efeito de apropriação observados nas percepções dos I/T ao ensinar futsal no ambiente escolar”, trata sobre a elasticidade semântica e as diferentes formas de se apropriar do sentido do esporte para ensinar futsal, consideradas pelos I/T. Para melhor compreender essas questões, se conectaram ao eixo três categorias: (a) “Conteúdos distintos para ensinar futsal no ambiente escolar (curricular *versus* extracurricular)” e trata de possíveis diferenças de sentido, entre ensinar o futsal nas aulas curriculares, e aulas/treinos extracurriculares; (b) “Porque ensinar esporte: a consideração dos I/T pelos valores a serem aprendidos pelo futsal e aplicados na vida em sociedade”, que considera o potencial de se ensinar valores aprendidos pelo esporte e eles estruturarem a ação dos indivíduos na sociedade; e (c) “Ensinando futsal: para competir, para usufruir e para profissionalizar” indica objetivos dos I/T de curto (resultados imediatos de vitórias e títulos de seus times), médio e longo prazo (possibilidades dos alunos adquirirem uma cultura esportiva e se tornarem praticantes por toda a vida e a possibilidade dos alunos decidirem por seguir uma carreira profissional no esporte) ao ensinar futsal.

O eixo 2, intitulado “A “*doxa*” do Sentido oficial do esporte orientando o *habitus* dos I/T para a valorização da competição esportiva”, considera as influências do esporte de alto rendimento sobre as decisões e ações dos I/T. Neste eixo se conectam duas categorias: (a) “A competição sempre ensina, mas nem tudo convém”, relaciona o ensino de valores que as competições esportivas escolares podem proporcionar, principalmente pautadas pelas influências do esporte de alto rendimento; (b) “A “*não pressão*” extrínseca por vitórias e conquistas esportivas *versus* o *habitus* do I/T”, indica que a maioria dos I/T não sofrem pressões externas para centralizar seus objetivos de trabalho em vitórias e títulos esportivos, mas mesmo assim o fazem, possivelmente pela incorporação de um *habitus* esportivo pautado no Sentido oficial do esporte.

O eixo 3, intitulado “A escolha dos eleitos” para a composição das equipes esportivas escolares: tornando a participação um privilégio de poucos”, foi possivelmente o que permitiu a mais clara percepção dos objetivos dos I/T, relacionou as formas e critérios que os I/T

elaboram as convocações de seus alunos para os jogos e como e porque eles realizam as substituições durante os jogos de competição formal. Essas formas de seleção ocasionam uma desigualdade na participação esportiva dos alunos nas competições escolares. A este eixo se conectam duas categorias: (a) “A escolha dos selecionáveis pautada no sentido oficial da prática esportiva e a não substituição para vencer”, considera a possibilidade de que existe um seleto grupo de alunos privilegiados que são considerados pelos I/T como aqueles que têm condições de jogar, participam muito mais do que os demais em jogos de competição formal; (b) “Os “excluídos do interior” à espera de soluções para participar”, analisa a possibilidade de que os alunos considerados pelos I/T, como os que não têm tantas condições de jogar, ficam à espera de atitudes pautadas no sentido ressignificado da prática para tentar entrar no jogo.

O eixo 4, intitulado “A “cumplicidade ontológica do *habitus*” dos I/T norteando as disposições para ações em treinos e jogos de competição formal”, um pouco destoante dos demais, aborda aspectos mais procedimentais dos I/T e se organiza em duas categorias: (a) “Organizando as ações em treinamentos, o *habitus* norteador”, se refere ao *habitus* esportivo dos I/T, que pautado no Sentido oficial do esporte, influencia atitudes dos I/T, referentes à escolha de atividades práticas e principalmente a ações em jogos de competição formal. Atitudes que podem ser consideradas como legítimas sob a lógica do Sentido oficial do esporte; (b) “Humor efêmero – o *habitus* intencional sem intenção, variante quanto às formas de quando e como orientar”, aponta possíveis motivos que alteram os comportamentos dos I/T relativos a treinos e principalmente aos jogos de competição formal.

5.1. Eixo 1 - A elasticidade semântica e o efeito de apropriação observados nas percepções dos I/T ao ensinar futsal no ambiente escolar

Para este primeiro eixo, iniciamos a discussão (categoria a) sobre a relação entre ensinar futsal nas aulas de Educação Física curriculares e ensinar futsal nas aulas/treinos extracurriculares. Na sequência (categoria b), observa-se as considerações sobre a construção de valores por meio do futsal e possíveis transferências desses valores incorporados para a vida em sociedade. Em seguida (categoria c), os I/T descrevem objetivos mais específicos sobre as razões e objetivos de se ensinar futsal, por exemplo, participar de competições escolares, e/ou possíveis contribuições do futsal para a decisão por uma carreira esportiva profissional e/ou a influência que a prática esportiva na escola poderia representar na incorporação de um estilo de vida mais saudável e assim incorporar o habitus de praticar atividades esportivas em sua vida adulta nos seus momentos de lazer.

Categoria (a): Conteúdos distintos para ensinar futsal no ambiente escolar (curricular versus extracurricular)

Os I/T indicaram diferenças quando perguntados sobre os objetivos de se ensinar o futsal nas aulas curriculares e nas aulas/treinos extracurriculares. As aulas curriculares foram apontadas como um momento menos específico da modalidade esportiva, com atividades que ensinam suas regras básicas e um conhecimento técnico dos principais fundamentos (passes, finalizações, entre outros). Já para as aulas/treinos extracurriculares, os I/T indicaram uma preocupação maior com a especificidade da modalidade. Ensinando conteúdos técnicos e táticas do esporte, tratando a modalidade de maneira mais específica, visando principalmente às disputas de campeonatos escolares.

Na sequência, trechos de algumas falas dos próprios I/T ilustram essa relação:

No curricular eu trabalho de uma forma diferente né, o futsal extracurricular, mas com a parte tática, técnica, mais aprofundado. Na educação física (curricular), a gente dá uma introdução, tentando fazer mais a parte lúdica, com que eles se interessem pelo esporte mostrando as regras, que eles tenham mais conhecimento sobre o esporte mas não tão aprofundado, como no extracurricular (I/T 1).

Ah e tem outra coisa né, no curricular a sala é mista né, nem toda menina gosta né, de praticar futebol (I/T 4).

Sim a diferença é muita, na curricular não é homogênea. A coordenação motora é muito complicada dessa geração, o moleque está começando lá na aula e não tem habilidade e nem a aptidão (I/T 6).

É muito diferente trabalhar no curricular da parte do treinamento em si (extracurricular). No curricular é mais o básico mesmo, ensina um pouquinho de passe, chute, entendimento das regras, porque no curricular são juntos meninos e meninas e aí a gente não consegue especificar como no treinamento propriamente (I/T 7).

A pluralidade dos pontos de vista dos I/T caracteriza a elasticidade semântica e as diferentes formas de se apropriar do esporte. Mesmo quando os I/T concordam que os objetivos de ensino do futsal no ambiente escolar extracurricular e curricular são diferentes, nesta concordância existe diferenças. Por exemplo, o I/T 1 aponta as diferenças em uma perspectiva de complementariedade: nas aulas curriculares ele apresenta a modalidade e nas aulas/treinos extracurriculares ele aprofunda os conhecimentos sobre o futsal. Já o I/T 4 concorda com o I/T 1 que os objetivos são diferentes, no entanto ele se refere ao curricular como um ambiente esportivo menos específico, heterogêneo.

Bourdieu (2004a, p.161), sobre a elasticidade semântica, sugere:

Os objetos do mundo social, como assinalai, podem ser percebidos e expressos de diversas maneiras, porque sempre comportam uma parcela de indeterminação e fluidez, e, ao mesmo tempo, um certo grau de elasticidade semântica: de fato, mesmo as mais constantes combinações de propriedades estão sempre fundadas em conexões estatísticas entre traços intercambiáveis; e, além disso, estão sujeitas a variações no tempo, de modo que seu sentido, na medida em que depende do futuro, está ele próprio em expectativa e é relativamente indeterminado. Esse elemento objetivo de incerteza - que é muitas vezes reforçado pelo efeito da categorização, podendo a mesma palavra englobar práticas diferentes - fornece uma base para a pluralidade de visões de mundo, também ela ligada à pluralidade de pontos de vista. E, ao mesmo tempo, uma base para as lutas simbólicas pelo poder de produzir e impor a visão de mundo legítima.

Betti (1998) destaca um enfoque hegemônico nos discursos que associam o esporte à vitória, ao esforço intenso, aos recordes, aos campeões, às medalhas, ao dinheiro e ao sucesso na vida. Essa concepção garante a coerência e a continuidade do discurso sobre o esporte. Marques et al., (2009) aponta que esse sentido do esporte se liga ao mercado, influenciando culturalmente as práticas, tanto as voltadas ao lazer, à educação formal e as de alto rendimento, e essas se associam com o giro de capital.

Faz-se a ressalva de que as escolhas dos sujeitos não respondem sempre aos mecanismos dominantes. Nesta perspectiva, os protagonistas com uma postura ativa são capazes de criar e

recriar as práticas esportivas, essa capacidade diferenciada denomina-se efeito de apropriação (BOURDIEU, 2004a).

Bourdieu (2004b p.213) sugere que,

Esse efeito de apropriação social faz com que, a todo momento, cada uma das "realidades" oferecidas sob o nome de esporte seja marcada, na objetividade, por um conjunto de propriedades que não estão inscritas na definição puramente técnica, que podem até ser oficialmente excluídas dela, e que orientam as práticas e as escolhas.

Essas escolhas influenciadas mais ou menos pelo Sentido oficial do esporte são definidas pela particularidade do *habitus* do I/T. As práticas esportivas, portanto, em função de sua elasticidade semântica e o efeito de apropriação, se prestam a uma diversidade de utilizações geralmente marcadas pelo uso dominante em cada momento da história (BOURDIEU, 2004b).

No momento de escolha, o sujeito pode agir de modo sincrônico ou diacrônico. Neste caso, o agir sincrônico do I/T significaria a reprodução do Sentido oficial do esporte, realizando uma ligação direta entre o conhecimento inscrito e legitimado do esporte por este modelo. Um agir diacrônico seria ilustrado pelo I/T que optasse por uma representação diferente do modelo Sentido oficial do esporte (BOURDIEU, 2004b). Esse saudável relativismo pode significar a prevenção de uma possível escolha do I/T por não apenas reproduzir o modelo oficial do esporte, mas refletir sobre ele, e ponderar os aspectos positivos e negativos e em até que medida ele é adequado ao ambiente escolar.

Destacando ainda mais alguns trechos das falas dos I/T, percebe-se por exemplo a nítida distinção entre os objetivos curriculares dos extracurriculares na seguinte colocação “no curricular é mais uma introdução [...], no extracurricular é mais aprofundado” (I/T 1). Este I/T utiliza em outro trecho a palavra “lúdico” quando se refere às aulas curriculares, indicando uma diferença significativa de sentido entre estas e as extracurriculares, em que na segunda se nota um caráter mais sério.

O I/T 4 relaciona uma possível dificuldade/diferença das aulas curriculares para as extracurriculares, o fato de meninas e meninos participarem juntos das primeiras, fato apontado também pelo I/T 7 “com meninos e meninas juntos não é possível especificar como no treinamento propriamente dito”. Essa fala reforça a significativa diferença de sentido em dois momentos: o primeiro seria a referência ao Sentido oficial do esporte que divide a maioria das

disputas em modalidades esportivas entre homens e mulheres; o segundo demonstra a busca que este I/T revela em treinar especificamente seus alunos.

Ainda dentro dessa necessidade de um treino específico e próximo ao Sentido oficial do alto rendimento, o I/T 6 coloca que nas aulas curriculares tem-se muita heterogeneidade entre os alunos: “na Educação Física curricular a turma é heterogênea”.

Nas colocações dos I/T mais uma vez se nota a presença da elasticidade semântica, por exemplo, o mesmo I/T capaz de proporcionar uma aula mais inclusiva, lúdica e com objetivos introdutórios de uma modalidade esportiva na Educação Física curricular, também organiza aulas/treinos mais específicos e com objetivos e percepções diferenciadas para este outro momento do ensino esportivo. Ou seja, ele realiza apropriações diferenciadas para usos distintos.

Estas relações indicam uma coerência com o que se espera para as aulas de Educação Física curriculares. Nestas, as crianças devem conhecer a diversidade de conteúdos da cultura corporal, e o esporte preferencialmente ensinado de maneira ampla (DARIDO et al., 2006; LUGUETTI et al., 2015). Os I/T deste estudo, além de indicar que ensinam o futsal de modo diferenciado nas aulas curriculares das aulas/treinos extracurriculares também citaram envolver outros conteúdos e modalidades esportivas. Por exemplo, o I/T 4 relata que “na Educação Física eu posso trabalhar o basquete, o voleibol, eu gosto de trabalhar com jogos cooperativos jogos pré-desportivos”.

No entanto, este estudo tem o foco nas aulas/treinos extracurriculares e a comparação com as aulas de Educação Física curriculares acontece na intenção de contribuir para a percepção dos objetivos destes I/T neste contexto.

As falas dos I/T também são coerentes com o que se espera para as aulas/treinos extracurriculares. As PEEEs podem possibilitar um aprofundamento de conhecimento e vivências das manifestações culturais de natureza esportiva ensinadas nas aulas de Educação Física curriculares (LUGUETTI et al., 2015).

Porém, as relações manifestadas neste aprofundamento precisam ser ponderadas. Ao mesmo tempo em que os I/T indicam uma especialização esperada para o contexto das PEEEs, dependendo de como é desenvolvida, precisa ser revista. Afinal, mesmo considerando este contexto mais específico de prática esportiva, ele ainda está envolvido no ambiente escolar.

Para se pensar em especialização esportiva, que significa ensinar bem uma modalidade esportiva (SANTANA, 2005), não necessariamente uma turma homogênea se faz necessária. Ao que parece pelos discursos dos I/T, quando os mesmos se referem a esse contexto específico extracurricular de práticas, eles o visualizam com um tipo ideal, no sentido Weberiano: uma

turma homogênea com aptidão física e técnica capaz de receber os ensinamentos necessários para um bom treino a ser realizado.

No ambiente do alto rendimento as competições, em sua grande maioria, são divididas entre homens e mulheres, se espera um rendimento obrigatório e uma homogeneidade na capacidade dos atletas. Por outro lado, em um ambiente que considera o sentido ressignificado da prática, essas questões não seriam barreiras ou problemas para o desenvolvimento da atividade. A heterogeneidade, por exemplo, se resolveria com adaptações das regras facilitando o envolvimento e a participação de todos, independentemente de suas habilidades prévias (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Outro aspecto que se destaca é a perspectiva de gênero. O futsal, neste contexto, demonstra ser uma modalidade esportiva de reserva masculina, haja visto que dos sete I/T, todos são homens e para pelo menos dois deles (I/T 4 e I/T 7) as meninas não gostam de futebol e quando todos treinam juntos as meninas atrapalham um treino mais específico: “é difícil, pois tem que trabalhar com meninos e meninas juntos (I/T 4)”. Altmann e Reis (2013) destacam que a experiência com o futsal para mulheres lhes exige enfrentar barreiras sociais que masculinizam o futsal e aquelas que o praticam. Elas precisam literalmente driblar alguns estereótipos, construindo novas possibilidades dentro da sociedade contemporânea para se estabelecerem como mulheres jogadoras de futsal.

Este tema, apesar de muito interessante e importante para as reflexões acerca do esporte, não é central em nosso estudo, mas ao mesmo tempo não poderia deixar de ser mencionado.

Avançando nas questões de significado, que aqui é definido e redefinido através da interação, percebe-se nitidamente uma relação dialética entre as influências da estrutura (contexto, ambiente), e das disposições individuais (*habitus* individual) dos I/T.

Categoria (b): *Porque ensinar esporte: a consideração dos I/T pelos valores a serem aprendidos pelo futsal e aplicados na vida em sociedade*

Os I/T participantes deste trabalho relataram diversos objetivos ao ensinar o futsal no ambiente escolar em treinos extracurriculares. Destacaram-se inicialmente os objetivos que versavam acerca dos valores morais e comportamentais. Considerando que o ensino de uma prática esportiva pode proporcionar aos seus praticantes a aquisição de valores morais que podem ser transferidos para a vida em sociedade. Seis dos sete I/T relacionaram diretamente a seguinte ideia: “o que se aprende no esporte se aplica na vida”. Desta forma, em uma primeira

análise, as razões de ensinar futsal estariam relacionadas em ensinar valores morais por meio do esporte para a formação de um cidadão capaz de conviver bem em sociedade.

Neste primeiro momento, de forma mais tímida surgiram outros objetivos e razões de ensinar o futsal na escola: a participação em competições esportivas; uma base para a carreira esportiva profissional; a aquisição de um *habitus* esportivo que poderia ser incorporado para a vida adulta; a divulgação do nome da escola por meio das vitórias esportivas. Destacam-se alguns trechos das falas dos I/T que ilustram essa categoria:

No ambiente escolar que envolve educação, nós estamos sempre educando (I/T 1).

O esporte é a melhor resposta que tem para a formação da pessoa como cidadão, eles têm que saber os valores que estão intrínsecos ali, e isso é muito cobrado por mim todos os dias e a forma que eles têm que estar representando a equipe, o que é estar jogando junto de um colega, defendendo a mesma camisa do colega, esses valores são bem passados no futsal aqui (I/T 2).

Ensina essa coletividade, o respeito de jogar um pelo outro de respeitar um ao outro, de ajudar na dificuldade (I/T 3).

Tem gente que coloca uma camisa e se torna extremamente agressiva, e aí você vai conversar com ela e conviver no dia a dia ela é totalmente diferente. Vai transformar? Sei lá, eu não vejo que pode influenciar tanto assim. Pergunta difícil hein (I/T 4).

O esporte em geral é uma ferramenta para o bom convívio em sociedade né, se você consegue conversar, se você consegue ter uma boa convivência, se você consegue ter disciplina dentro do jogo, as situações que a vida te proporcionar, você vai conseguir administrar melhor (I/T 5).

Que os jovens formem verdadeiras equipes com apreço a solidariedade. Solidariedade essa, que atinja, que ultrapasse as linhas da quadra e atinge a vida pessoal de cada um (I/T 6).

Eu trabalho com o futsal por uma paixão mesmo eu gosto muito do futsal. O meu é ensinar os meninos, dar uma formação boa, o principal para mim de trabalhar com essa faixa etária é deles terem uma sociabilização e trabalhar em grupo.” [...] “os meus times em hipótese alguma pode brigar, falar palavrão, isso não existe na minha cabeça, eu fui criado assim e eu tento transmitir isso para os meus alunos, então dificilmente você vai ver um time meu brigando em quadra, isso não acontece (I/T 7).

O menino que não faz esporte é droga, é vídeo game o dia todo. Então quanto mais atividade física você conseguir inserir neste menino eu acho que melhor vai ser para a formação dele (I/T 7).

Fica nítido no discurso dos I/T a preocupação em justificar a presença do esporte no ambiente extracurricular escolar principalmente pelo pressuposto da formação do bom cidadão, aquele que com os bons valores apreendidos no esporte irá transferi-los para a vida em sociedade.

Essas preocupações podem, de certa forma, serem relacionadas com a gênese do esporte moderno no século XIX nas *public schools* inglesas, em que as práticas esportivas tinham entre seus objetivos um forte apelo para o ensino de valores e condutas entendidas como importantes, tanto para o convívio social, como para demonstrar um *habitus* distintivo da elite. No processo de ruptura dos jogos populares existia a preocupação da elite de que seus jovens, futuros aristocratas, se comportassem de maneira distintiva e demonstrassem atitudes consonantes com as suas respectivas posições sociais (BOURDIEU, 1983a).

Outra relação que poderia ser feita com essa preocupação, também demonstrada nos discursos dos I/T com o ensino de valores morais, tem ressonância nas colocações de La Taille e Menin (2009) sobre a ampla discussão acerca do questionamento se a sociedade contemporânea vive uma crise de valores ou mesmo se os valores desta sociedade estão em crise. Comportamentos reforçados pela mídia, sobre casos de *bullying*, violência urbana, força do crime organizado, corrupção, incivilidade, individualismo, que contribuem para a divulgação de um cenário caótico acerca dos valores morais. Este trabalho não tem a pretensão de entrar nesta seara específica, apenas sugere esta situação como uma possibilidade de influência na interpretação dos I/T sobre a necessidade de ensinar valores e atitudes que possam contribuir para melhorar a sociedade.

Sobre isso, Letnin (2005) ressalta que “o uso da mídia pela indústria, comércio, entre outros segmentos, desde os primórdios, sempre foi percebido”. No entanto, nota-se um aumento na utilização desses recursos com o produto esporte e com isso cada vez mais os meios de comunicação de massa exercem seu poder na construção do saber, influenciando a cultura esportiva.

Isto reforçado por algumas considerações sobre o esporte, que em muitos casos é colocado como salvador e solucionador de todos os males. Caron et al., (2017) ao estudarem o ensino de valores em um projeto social de voleibol, apontaram que a prática de atividades esportivas pode contribuir para o ensino de valores e o desenvolvimento de habilidades sociais. Neste estudo, destacaram-se aspectos como a melhora no relacionamento com os treinadores, o trabalho em equipe, relacionamento com novas amizades, controle emocional e aumento da confiança. No entanto, ressalta que isso ocorreu diante de algumas condições, como a formação e a visão filosófica do I/T que atuou diretamente com os envolvidos, o tempo de permanência e adesão dos participantes ao projeto e a coerência metodológica com o que se pretendia fazer e o que realmente se aplicou.

A dimensão salvacionista do esporte, que o considera como algo inerentemente puro e bom, precisa ser avaliada cuidadosamente. Não se nega o fato do esporte ensinar bons valores,

porém não é garantia que o simples contato com uma prática esportiva permitiria o aprendizado somente de coisas boas. Os valores ensinados estão associados ao sentido que é dado à prática pelo grupo envolvido nela e principalmente pelo I/T, no caso de atividades orientadas (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008; CARON et al., 2017).

Categoria (c): *Ensinando futsal: para competir, para usufruir e para profissionalizar*

Os I/T reconhecem a participação em competições esportivas escolares como uma das funções do ensino das PEEEs. Tal posicionamento repercutiu em perspectivas de curto, médio e longo prazo, tanto vinculadas ao esporte como lazer ou esporte como profissão:

A primeira coisa é motivá-los para que eles estejam em competição com outras equipes (I/T 1).

O mais importante de tudo isso é a convivência a disciplina a participação em campeonatos (I/T 4).

Treinar não para ser um craque no esporte mas para nunca deixar de praticar esporte, quando chegar lá na universidade, que ele tenha interesse por algum esporte, disputar algum torneio, ou de jogar bola com os amigos, de ter uma vida mais ativa fisicamente também (I/T 1).

Qualquer modalidade, e qualquer atividade física a gente tem que trabalhar a cervical deles, porque eles estão olhando muito para baixo, para o computador, para o celular e eles não conseguem erguer o pescoço e olhar que tem uma pessoa do lado, uma árvore na frente, que tem rua (I/T 2).

Você incentivando, melhorando a autoestima, dando autoestima para ele, acredito que isso vai influenciar no futuro ele a praticar esporte (I/T 3).

Mas daqui ele vai sair tendo alguns conhecimentos de cobertura, no futsal todo mundo marca e todo mundo ataca, movimentação. Eu acho que ele sai com todos esses pré-requisitos do futebol de campo também já bem preparados. (I/T 1)

O ideal seria que nós professores escolares fossemos os que indicassem a matéria prima para as equipes né, a raiz sai da escola. Ai depois os clubes absorvessem esses alunos se eles quiserem seguir a carreira né esportiva. Esse deveria ser o caminho sim, eu penso que esse é o melhor caminho, desde lá da base, a qualidade escolar é que vai sair e revelar talentos (I/T 3).

Acredito que possa ser um ponto de início mesmo, pode ser que isso desperte no menino realmente e mais para frente ele se torne um jogador profissional não que isso seja o objetivo principal, mas faz parte do processo sim (I/T 4).

Tem alguns que jogam futebol de campo e os pais acompanham, o que é gratificante é os pais irem na escola te elogiar porque o menino começou a jogar melhor no campo. Conseguir levar isso para o campo, passa a ser um diferencial deles né (I/T 7).

Os I/T consideram múltiplas possibilidades de incorporações pelos alunos diante do mesmo objeto (futsal). Além de perceber essa diversificação de apropriações, os I/T atuam também com objetivos diversificados. Divididos em três objetivos, as falas foram apresentadas como de curto a médio prazo e de médio a longo prazo. Considerou-se o de curto a médio prazo o referente às competições escolares e aos valores sociais a serem aprendidos. Uma vez que eles disputam essas competições no momento presente e estão agindo na sociedade macro.

O segundo e o terceiro momento consideram objetivos de médio a longo prazo. No segundo momento, o futsal orienta para a incorporação de uma cultura esportiva a ser usufruída ao longo de toda a vida de forma amadora nos momentos de lazer, e no terceiro momento, o futsal fomenta uma carreira profissional esportiva.

Os I/T reconhecem a força das PEEEs em influenciar um estilo de vida mais ativo no futuro do indivíduo e também uma opção de equilíbrio na distribuição do tempo das crianças e jovens frente às demandas tecnológicas. Acerca da incorporação de um *habitus* esportivo, a possibilidade é concreta, uma vez que o sujeito envolvido nas aulas/treinos escolares tem a possibilidade de, pela *práxis* (BOURDIEU, 1983a), experimentar da relação dialética subjetiva e objetiva de aprender futsal. A condição objetiva é o acesso que ele tem em praticar futsal em sua escola nas aulas extracurriculares e a condição subjetiva é que essa não é uma prática obrigatória. Portanto, de alguma forma seu *habitus* o conduziu a realizar essa atividade. A única situação que não se pode inferir nesta relação é de que forma essas aulas/treinos de futsal estão ensinando essa possível incorporação do *habitus* esportivo, uma vez que este estudo não acompanha as ações dos I/T.

Os I/T foram unânimes em relatar que a formação para uma carreira profissional não seria uma preocupação do trabalho deles. Porém, não descartam a possibilidade dessa ocorrência. Faz-se a ressalva que por se tratar de escolas particulares e, por conseguinte, de crianças e jovens de classe média e alta da cidade, a opção pela carreira esportiva não representa muitas vezes a possibilidade de ascensão social, de modo que outras carreiras profissionais são mais vislumbradas por este público.

O I/T 2 ilustra essa situação: “são jovens de escola particular, aí a família diz: ‘não ele tem que estudar porque ele vai se formar em isso ou aquilo’, o esporte não vai trazer os benefícios que a família espera para ele”. Para a maioria destes alunos destas escolas particulares, as possibilidades de ascensão social ou manutenção de seus *status* de elite do campo são mais seguras por meio dos estudos. Os agentes sociais apreendem os objetos por meio de seus esquemas de percepções e de apreciação via *habitus* (BOURDIEU, 2012), isso significa que os praticantes do mesmo esporte conferem sentidos diferentes a essa prática, da

mesma forma que diferem em relação aos ganhos esperados com a prática esportiva (RIAL, 2008; SOUZA; VAZ; BARTHOLO, 2008).

Deste modo, o Eixo 1 no início indicou objetivos mais voltados para o ensino de valores. Porém, foi possível perceber que outras preocupações tinham lugar central nos objetivos e razões do ensino do futsal. A participação em competições esportivas escolares foi uma delas e o Eixo 2 aborda este tema.

5.2. Eixo 2 - A “*doxa*” do Sentido oficial do esporte orientando o *habitus* dos I/T para a valorização da competição esportiva

Neste segundo eixo, primeiramente destacam-se os objetivos e percepções dos I/T acerca das competições esportivas escolares (categoria a). Na sequência os I/T demonstram uma predominância pelo Sentido oficial do esporte em relação ao Sentido ressignificado da prática. Ao descreverem as suas formas de apropriação da competição esportiva e as pressões sentidas (ou não) em seu cotidiano, a valorização da vitória e das conquistas esportivas aparecem com alto grau de valoração. Percebe-se, portanto, características do *habitus* destes I/T, possivelmente influenciados pelo sentido oficial do esporte (categoria b).

Categoria (a): A competição sempre ensina, mas nem tudo convém

A competição esportiva ganhou relevância neste estudo em função da importância que os I/T foram atribuindo a ela ao longo das entrevistas. Nesta primeira categoria, destacou-se a preocupação dos I/T em atribuir alguma função utilitária à competição esportiva:

A competição ensina:

A competição na vida ela vai existir sempre, não tem como a gente fugir muito disso. E eu acho que ele tem que saber lidar com esse fato. Entender que eu não posso fazer de tudo para ganhar, né, não posso passar por cima das regras, burlar a lei do jogo, desrespeitar o meu amigo que está ali do meu lado (I/T 1).

Eu acho que a competição escolar, ela é bem importante, porque vai ensinar muito para os alunos além do esporte, porque eles têm que ter disciplina, durante o jogo, fora do jogo, tem que compreender a hora, porque eu procuro sempre esclarecer para os meus alunos que eu coloco eles para jogar conforme a característica de cada um (I/T 5).

A competição em si, você faz amigos o pessoal se solidariza, o aluno aprende a ganhar e a perder esse é o ponto positivo (I/T 6).

Dentro do esporte ganhar ou perder faz parte, você nunca vai ganhar sempre e nem sempre o melhor vence, mas você tem que sempre ser leal e jogar o seu máximo (I/T 7).

A competição motiva:

Ela motiva eles a irem treinar, porque eles gostam de competir um com o outro (I/T 1).

Bom, a competição é muito importante por uma coisa: ela estimula a criança a vir treinar, acho que esse é o grande combustível nosso é você ter a competição (I/T 4).

Bourdieu (2004a) sugere que os espaços sociais se caracterizam por uma constante disputa entre os agentes para ocupar uma posição social de maior destaque, sendo, os campos sociais são competitivos. Essa disputa ocorre dentro das leis e normas estabelecidas para seu funcionamento.

Os contextos das competições esportivas escolares também podem ser caracterizados como um espaço de lutas e disputas. Em um primeiro momento, podem-se destacar as disputas internas entre os alunos que irão compor as equipes. Uma segunda disputa poderia ser considerada entre as instituições escolares, que lutariam pelo lugar de destaque entre as escolas particulares que oferecem modalidades esportivas. Uma terceira disputa se refere à necessidade individual do I/T em se colocar em uma posição destacada por meio de vitórias e conquistas esportivas diante da comunidade de I/T de futsal.

O potencial da competição esportiva é observado nos quatro primeiros trechos selecionados das falas dos I/T, neles estão contidos a possibilidade de ensino de comportamentos de solidariedade, de lealdade, de respeito ao próximo, de lidar com as frustrações da derrota, de vencer dentro das regras.

Observa-se nos quatro primeiros trechos selecionados das falas dos I/T o potencial da competição esportiva em ensinar comportamentos de solidariedade. Pode-se interpretar pelas falas dos I/T que existe um desejo comum entre eles pela criação de um *habitus* para a competição esportiva.

Porém, sobre o ensino e a relação da teoria com a prática, é preciso ficar atento, pois nem sempre o que se objetiva teoricamente se verifica na prática.

Por estas colocações entende-se que para que ocorra uma construção de um *habitus* esportivo voltado para a competição esportiva desejado pelos I/T, seriam necessárias aulas/treinos sincrônicas com tal sentido, de modo a construir nos alunos a percepção de que esta prática faz sentido.

Nos dois últimos trechos destacados nesta categoria observa-se o uso da competição esportiva como motivação para o aumento da frequência dos alunos nas aulas/treinos. Galatti et al. (2007) sugerem que quando tratada de forma adequada, a competição pode promover a alegria e o prazer de uma prática incerta, atuando como um fator de motivação, despertando cada vez mais o interesse pelo esporte.

Diante das intenções dos I/T, pondera-se que a construção de um *habitus* esportivo acontecerá em função principalmente das ações práticas, ou seja, da qualidade das relações que se estabelecerem entre os I/T e os seus alunos (SANTANA, 2003).

Importante ressaltar que, conforme a descrição do MCFME de Marques, Gutierrez e Almeida (2008), o valor atribuído pelo I/T à competição esportiva revela muito sobre sua preferência de sentido para a prática esportiva. Quanto mais direcionado a vitórias e títulos esportivos, mais próximo do sentido oficial, e quanto mais esses objetivos são transformados, mais próximo do sentido ressignificado. Lovisolo (2001) aponta que as atividades esportivas pressupõem alguma forma de competição, mas esta não precisa necessariamente ocupar o lugar central da atividade.

Categoria (b): A “não pressão” extrínseca por vitórias e conquistas esportivas *versus* o *habitus* do I/T

Nesta categoria, os I/T descrevem principalmente suas sensações, objetivos e crenças sobre a competição esportiva escolar. Em suas colocações nota-se uma aparente predominância do Sentido oficial do esporte de alto rendimento. Os I/T foram convidados em um primeiro momento a pensar sobre a competição esportiva de maneira ampla e em seguida de forma mais específica quando descreveram os tipos de pressões sentidas em seu cotidiano.

Desta forma, ao interpretar as falas dos I/T deste estudo, chama a atenção a quase ausência extrínseca de pressões por vitórias e conquistas esportivas nas competições escolares que eles estão envolvidos. Exceção feita ao I/T 3, os demais I/T indicam uma relação sem cobrança da direção da escola:

Da direção eu tenho certeza que não. Esse não é o principal objetivo da escola (I/T 1).

Eu não vejo no ambiente escolar os pais influenciando tanto. Eu acho válido o pai vim aqui e saber o que está acontecendo, o que o filho dele está fazendo. Eu não acho ruim se tiver o limite, se ele tiver o respeito (I/T 1).

Eu nunca tive aqui pressão nenhuma, pelo contrário, só apoio (I/T 2).

Durante o tempo que eu estou trabalhando na escola, não é prioridade da escola vencer. A escola quer que as crianças tenham disciplina e se comportem bem nas competições em outros locais. Porque é uma forma de mostrar a escola e seu comportamento, o ensino (I/T 4).

A direção da escola não me cobra tanto, até porque a escola não tinha muita fama assim no futsal, isso veio mais recentemente que nós tivemos alguns bons resultados. (I/T 5).

Em momento algum tem a cobrança, se o trabalho está sendo bem feito, então não tem o que falar, o que cobrar. A gente se dedica ao máximo e treina ao máximo e o resultado é consequência né (I/T 6).

Nunca fui cobrado para isso, tenho carta branca da direção, e aí a gente faz. O relacionamento é muito bom com a direção (I/T 7).

Com relação aos pais, os I/T descrevem uma boa convivência, apesar de considerarem que, neste contexto, os pais pressionam mais que o corpo diretivo da escola. Ao mesmo tempo se referem à presença dos pais, desde que dentro dos limites do respeito mútuo, como importante para o processo. Apresentam algumas estratégias para lidar com as situações embaraçosas e assim manterem o bom ambiente:

O pai está ali é o suporte para ele, é o melhor alicerce que ele tem na vida dele, a presença do pai é imprescindível (I/T 2).

Porém, a gente procura sempre travar um combinado com os pais, em evitar tantos comentários e informações durante a uma competição (I/T 2).

Eu acho que a cobrança maior é dos pais, o que eu tento fazer é separar ao máximo os alunos dos pais. Porque eu acho desagradável chamar a atenção do pai que está passando uma instrução para o filho, acho que isso é do pai, ele quer de alguma forma ajudar (I/T 4).

Com os pais nunca tive nada, eu acho que sou um iluminado, estou nessa labuta há 23 anos e nunca tive um problema com pai, com a mãe e nem com familiares nenhum (I/T 6).

Aqui em Ribeirão tem muito pai boleirão, eles acham que eles jogam, e aí eles vão na quadra e eles querem passar isso para os filhos. Mas eu nunca tive esse problema de pai invadir a quadra, tem aqueles que torcem, gritam, mas como eles já conhecem o meu jeito e muitos estão comigo a muito tempo eles evitam de ficar até perto do meu banco (I/T 7).

Eu já cheguei a falar abertamente com os pais que quem manda no time sou eu, e se não estiver contente, vai até a direção da escola, comunica a direção da escola, ou vem falar direto comigo, mas na hora do jogo, deixa eu fazer o meu trabalho (I/T7).

Exceção feita ao I/T3, que relata sofrer tanto uma pressão da direção da escola como dos pais de seus alunos, e nesse relato indica um desconforto com essa situação que interfere diretamente em seu trabalho e em suas convicções:

Às vezes tem uma premiação que é interessante para a escola, divulgação do nome da escola, eles (diretoria) priorizam muito isso [...] a gente sofre uma pressão tanto da escola quanto dos pais (I/T 3).

Os pais pressionam muito, então eles cobram muito isso dos filhos né. E acaba cobrando mais ainda do professor. Então faz parte, a gente sente um pouco pressionado (I/T 3).

A exceção neste estudo foi algo predominante em outros estudos sobre o oferecimento das PEEEs em escolas particulares. Nestes outros trabalhos, os I/T descreveram sofrer pressões por vitórias e títulos, principalmente porque estas estariam relacionadas a estratégias de *marketing* das instituições, as quais buscavam associar as vitórias no esporte à qualidade acadêmica (LETTNIN, 2005; LUGUETTI; BASTOS; BÖHME, 2011; LUGUETTI, et al., 2015).

Essa situação pode ser relacionada com as disputas dentro do espaço social apontadas por Bourdieu (2004b), onde as práticas são compreendidas por uma lógica relacional. Neste caso, as disputas seriam entre o I/T e a direção da escola, e entre o I/T e os pais dos alunos.

A dinâmica do poder é um componente deste sistema social e pode se manifestar em egos concorrentes e estruturas hierárquicas ocultas. As formas de distribuição e utilização da força nas relações do I/T com os demais integrantes deste campo social (pais, diretores/dirigentes, alunos/atletas) pode ser um indicativo dos sentidos atribuídos por eles a esta atividade (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2002).

Essa lógica relacional de poder diferenciado considera as posições que os agentes ocupam no subcampo. Por exemplo, em nível hierárquico dentro da instituição escolar, a direção da escola ocupa uma posição de maior relevância que a ocupada pelo I/T 3, uma vez que este está a serviço da instituição escolar e sujeito a algumas normas e regras de condutas implícitas e explícitas de como agir diante das determinações da direção. Neste caso, cabe ao I/T quatro vias de ação: a primeira seria aceitar as condições impostas pela direção e continuar realizando seu trabalho, a segunda, e mais radical, seria o I/T 3 pedir para sair da instituição ao não concordar com as determinações da direção. A terceira via seria a de não concordância com a direção e a partir dessa discordância tentar demonstrar que existem outras possibilidades de se trabalhar o esporte na escola. E a quarta seria fingir que aceita e fingir que aceita e adota as medidas, mas realiza de maneira diferente.

Já na relação com os pais, uma solução possível seria a tentativa do I/T 3 demonstrar aos pais e alunos seu conhecimento sobre futsal, ou seja, a posse do capital simbólico (esportivo) valorizado neste subcampo, e a partir desse convencimento, procurar uma relação de maior parceria com os pais buscando possibilidades de entendimento.

O I/T 4 relata que percebe uma cobrança maior por parte dos pais, mas descreve atitudes que amenizam e antecipam possíveis situações problemas e de forma geral não aponta essa pressão interferindo em seus trabalhos.

Nos trechos abaixo os I/T demonstram uma necessidade própria em buscar vitórias e conquistas esportivas:

No início quando participava era meio deprimente porque eram aqueles jogos de levar goleada [...] então a gente tentou fazer de um jeito, um horário, que todos pudessem participar, os que também eram os mais craques. Aí nós acabamos sendo vice-campeões do Primavera. E a partir daí o futsal lá na escola foi pegando, sabe. Então foram três anos bons dois vice-campeonatos e um título (I/T 1).

Eu sinto essa pressão da minha parte. Se existir de pais... se existir de pais é uma coisa bem guardada para eles que não chega até a mim. Mas a maior pressão de ganhar acho que vem de mim mesmo. De querer ganhar, de querer buscar. Mas sempre dentro de um limite (I/T 1).

Ganhar é importante, o primeiro colocado é importante, é, porque segundo terceiro não vale nada. Vice não vale nada (I/T 4).

Agora vencer (pausa), todo mundo gosta de vencer, ninguém gosta de perder [...] então assim para mim, é importante ganhar, tem o ego lá né, dizer ó foi campeão (I/T 4).

O negativo é lidar com a derrota. Que na vitória é muito fácil, na derrota é mais complicado né, essa é a desvantagem [...] tem jogos que você vai arrebenta o adversário no meio, quatro cinco bolas na trave e vai e toma um gol de contra-ataque e perde o jogo, porque isso faz parte dessa modalidade né (I/T 6).

Existe com a gente mesmo né. Em competição ninguém gosta de perder (I/T 6).

A pressão é minha com eles, eu falo para eles que a gente tem a obrigação de chegar, ganhar é outra coisa, mas tem que chegar nas finais. Isso eu falo para eles que tem que chegar (I/T 7).

As colocações do I/T 1 classificando como “deprimente” o fato de no início do trabalho ele sofrer muitas goleadas, e em contrapartida classificar como “três anos bons” aqueles em que chegou nas finais, podem significar que o resultado em uma competição esportiva distingue o que seria um ano bom de um ano ruim, descartando outras possíveis variáveis presentes em um processo de formação esportiva. A evolução da equipe, a evolução individual dos alunos, a consolidação da prática da modalidade na escola, o número de alunos e alunas praticantes da modalidade, poderiam, por exemplo, representar fatores positivos de um programa esportivo na escola. Pautar-se apenas na vitória poderia significar uma redução de tantos aspectos complexos que envolvem o ensino de uma modalidade esportiva.

O I/T 4 reproduz o dito popular de que vice não vale nada, mesmo ao final da frase ressaltando que com o passar do tempo “isso foi meio que caindo” a ênfase dada no início da fala sobre ganhar, e assim poder dizer que foi campeão, permite supor uma centralidade na conquista de títulos em competições esportivas.

O I/T 6 descreve que a parte difícil da competição é lidar com a derrota, realmente perder não é agradável, mas a aprendizagem esportiva passa também por aprender a lidar com os

aspectos positivos e negativos. Matthews, Fleming e Jones (2013) sugerem que o treinador tem um efeito sobre aspectos socioculturais nos atletas, ensinando valores e princípios que podem afetar diretamente a forma como o praticante irá se relacionar com o esporte e com a sociedade.

Lovisolio (2001) considera a competição que se expressa em ganhar e perder como a alma do esporte. Reverdito et, al. (2008) evidencia que não se pode negar a competição nem tampouco atribuir a ela um valor inferior, no entanto ressalva que neste ambiente não estamos falando de qualquer competição, mas de uma que envolve escolares e deste modo pressupõe um compromisso com a formação do indivíduo e com a sua capacidade de aprender e de se transformar.

Ainda considerando a influência da visão de mundo e o compromisso educador de um I/T na mediação do conhecimento junto aos alunos, Santana (1996) sugere que o I/T ensina um conjunto de princípios e valores acerca do esporte e da vida em sentido mais amplo. Portanto, a forma como ele valoriza ou relativiza a importância do ganhar e do perder vai afetar o modo dos seus alunos também se relacionarem com esses aspectos.

Relacionando a estrutura estruturante do ambiente e o *habitus* do agente estruturador, foi possível perceber uma relativa autonomia dos I/T em relação à importância dada à competição esportiva. A relativa autonomia se caracteriza pela relação dialética entre a liberdade que eles descrevem receber da direção da escola, e por isso escolhem qual sentido atribuir à competição esportiva, e o seu próprio *habitus* de I/T esportivo incorporado dentro de uma sociedade contemporânea capitalista que ensina valores e orienta condutas consideradas legítimas.

Essa relativa autonomia ocorre, pois, os campos de produção cultural, entre eles o esportivo, ocupam uma posição dominada no macro campo do poder e essa forma de dominação toma uma forma exercida por mecanismos gerais como os do mercado, que influenciam o *habitus* dos agentes sociais, neste caso os dos I/T (BOURDIEU, 2004a).

Bourdieu (2004a p.175) acrescenta:

A forma das lutas internas ao campo, varia consideravelmente não só de acordo com as épocas de uma mesma sociedade, mas também de acordo com as sociedades. E, concomitantemente, variam a força relativa dos dois polos no interior do campo e o peso relativo dos papéis atribuídos.

Transportando esta citação de Bourdieu para a disputa deste subcampo estudado, pode se considerar os dois polos como sendo um o *habitus* do I/T e o outro o Sentido oficial do esporte. A relação entre esses dois polos de forças desiguais, permite supor que Sentido oficial

do esporte de alto rendimento funciona como uma *doxa* que influencia a formação do *habitus* dos I/T.

O esporte oficial de alto rendimento, configurado em uma *doxa*, é reproduzido pelos agentes sem questionamento. Representa “uma *ortodoxia*, um ponto de vista particular, dos dominantes que se impõem como universal, o ponto de vista que domina o dominado” (BOURDIEU, 2011, p. 120). Deste modo, os indivíduos realizam algumas ações pautadas no senso comum de que aquilo é assim mesmo, de que sempre foi assim, reforçado por mensagens simbólicas específicas de cada subcampo, enviadas pelos agentes que dominam o campo e que procuram legitimar essa *doxa*. Diante do exposto, tem-se uma disputa no campo social entre os *ortodoxos* que se esforçam por manter a *doxa* e os *heterodoxos* que questionam a *doxa* (BOURDIEU, 1983b).

No entanto, os agentes que defendem a *ortodoxia* posicionados em uma posição privilegiada no campo social se esforçam para que a *doxa* seja mantida e essa situação privilegiada também lhes conferem mais poder para decidir o que é legítimo para o funcionamento do campo social (BOURDIEU, 2011).

Desta forma, é possível colocar que o Sentido oficial do esporte encontra suporte na sociedade contemporânea que supervaloriza os vencedores. É possível atribuir à influência do esporte profissional, induzindo os I/T a valorizarem a vitória e os títulos esportivos (CUSHION et al., 2010; JONES; CUSHION, 2014).

Reverdito et al. (2008) sugerem que a reprodução do Sentido oficial do esporte de alto rendimento no ambiente escolar seria um problema para o seu pleno desenvolvimento, atuando de modo reducionista, transformando a atividade com um fim em si mesma.

Nos trechos abaixo dois I/T apontam a possibilidade de relativizar a vitória e ampliar a participação dos alunos:

Eu nunca fui a favor da competição escolar muito nova (para alunos muito novos). Eu acho que a precocidade de você colocar uma criança numa competição com regras oficiais... e aí vem a pressão da família, da própria escola, do próprio professor, é uma exposição muito forte. O ideal seria dos 14 anos em diante, antes não, a não ser que você faça as adaptações necessárias, como eu vejo alguns campeonatos com bom senso, de cuidar do tempo, com trocas, com cartão, para que todos tenham as mesmas oportunidades né [...] não existe essa titularidade o rodízio de jogadores frequentemente é muito importante. E eles entenderem de que todos ali são substituíveis e não temos titular “oh eu sei que você é o melhor mas fica um pouco para cá” (no banco) joga o outro, mesmo que sabendo que a gente não vai conquistar o placar desejado né (I/T 2).

Mas eu penso assim ó, você vê seu time jogando direito, fazendo o que você treinou, independente se ele vai chegar em primeiro, em segundo em terceiro, eu acho que é isso que vale [...] quando eu comecei lá atrás aquela euforia, você tem que ganhar. Hoje meu objetivo maior não é esse cara, o objetivo maior é você ver as crianças progredirem (I/T 4).

Foi raro identificar nas falas dos I/T trechos que remetessem a um sentido mais ressignificado da competição esportiva. O I/T 2 demonstrou uma preocupação com a participação de todos. Na primeira parte de seu trecho destacado, ele sugere que as competições esportivas escolares precisam de alguma forma de adaptação, principalmente para os alunos mais novos. Na segunda parte do trecho destacado de sua fala, relata que já substituiu um aluno por outro mesmo sabendo que aquele que iria entrar não era tão bom jogador quanto o que saiu. Essa atitude, segundo ele, demonstra para os alunos que todos são substituíveis e que todos precisam participar do jogo, mesmo que esse rodízio não contribua para a vitória no jogo. O I/T 4 demonstrou que também considera outros objetivos que superam apenas a busca pelas vitórias e títulos em competições esportivas, quando descreve que seu principal objetivo atual é “ver as crianças progredirem no futsal”.

Mesmo em um campo dominado por uma determinada *doxa* é possível ocorrer atitudes *heterodoxas*. Essas ações são mais raras, pois é mais difícil ser *heterodoxo* e escolher lutar contra toda uma estrutura já organizada e com poder para se manter. Essa opção pela *heterodoxia* é possível, pois cada I/T tem a sua história de vida e em suas trajetórias receberam diferentes influências que formaram algumas crenças e convicções, que se incorporaram ao seu *habitus* de I/T esportivo. Esse *habitus* incorporado e diferenciado de cada agente vai nortear as condutas e ações destes sujeitos e vai permitir que eles façam escolhas (BOURDIEU, 2007).

A pedagogia do esporte, com uma postura mais voltada à *heterodoxia* reconhece o Sentido oficial do esporte, no entanto, proporciona uma reflexão se os valores transmitidos por este modelo estariam adequados a todos os indivíduos e a todos os ambientes de prática esportiva (MONTAGNER; SCAGLIA, 2013).

Essa postura *heterodoxa* é descrita por Montagner e Scaglia (2013) quando consideram que a pedagogia do esporte é um processo de reflexão que leva ao saber. Acrescentam que existem outros objetivos no esporte para além do referencial pautado apenas no desempenho e na aptidão física. A pedagogia do esporte permite avançar no entendimento dessas questões, pois, ao ensinar sobre esporte, pondera o que se ensina sobre, como se ensina sobre esporte e para quem se ensina sobre esporte. E não apenas reproduz a *doxa* estabelecida do Sentido oficial do esporte.

Desta forma, considera-se a competição esportiva um conteúdo a ser aprendido por todos os alunos envolvidos com o esporte (LOVISOLO, 2001; GALATTI et al., 2007; REVERDITO et al., 2008; SANTANA, 2008b; MONTAGNER; SCAGLIA, 2013).

No entanto, Montagner e Scaglia (2013) sugerem que quando se pensa em competição no âmbito escolar a lembrança é dos melhores na quadra jogando e os piores fora dela assistindo. E isso ocorre porque as competições escolares muitas vezes reproduzem um sistema que do ponto de vista educacional acrescenta muito pouco ou quase nada.

Esse sistema que enfatiza e valoriza apenas os vencedores, acompanhado de uma mentalidade com foco unicamente no êxito, cria uma medida para o sucesso: só vale ser o primeiro. Possivelmente esse processo valoriza o individualismo, e corre-se o risco da difusão de um sentimento de que para ganhar vale tudo, com os fins justificando os meios (MONTAGNER; SCAGLIA, 2013).

No lugar desse sistema é indicada uma pedagogia que retire das competições infantis apenas os objetivos dos adultos e a mera formalidade (SANTANA, 2008b). E em seu lugar se construiria outro modelo de competição, direcionada para um sentido que zele pela ludicidade, e que considere principalmente quem está jogando (SANTANA, 2008b; MARQUES, 2015a). Existem pressupostos pedagógicos na competição que podem ser aproveitados: ultrapassar os seus próprios limites, sentir-se bem, aprender a cooperar, vencer de maneira sustentável (MONTAGNER; SCAGLIA, 2013). Seria, portanto, necessário a utilização de um Sentido ressignificado das competições esportivas, sentido esse que baseia a prática esportiva em processos que permitem a adaptação da atividade esportiva às capacidades, limitações e objetivos dos participantes, privilegiando o processo de vivência esportiva, deixando o resultado da competição em um segundo plano (MARQUES, 2015a).

Ao ampliar a perspectiva do sucesso esportivo para além da exclusividade do vencer jogos e campeonatos, abrem-se novos horizontes para se pensar os processos de formação esportiva e os modelos das competições esportivas escolares. Colocar o sujeito que compete (no caso das competições escolares, os alunos) acima da competição e identificar quem é esse indivíduo e quais são seus anseios poderia significar um primeiro passo para a realização de transformações nas competições esportivas escolares. Isso significaria superar o reducionismo de apenas reproduzir no seio da escola o que acontece no ambiente de alto rendimento (SCAGLIA; MEDEIROS; SADI, 2013; SCAGLIA; MONTAGNER, 2013).

A competição é sempre uma disputa, mas não precisa ser necessariamente uma guerra. Pode-se considerar inclusive que a competição permite o sentido no ato de cooperar, uma não existe sem a outra (MARQUES; GUTIERREZ, 2006). As ações competitivas podem dar

sentido unicamente ao ato de vencer ou receber um direcionamento para a necessidade de cooperar, essas relações não ocorrem de modo determinista, mais uma vez fica nítido que o esporte é polissêmico e não é neutro, e os sentidos atribuídos é que indicarão o que está sendo feito dele (MARQUES, 2015a).

5.3. Eixo 3 - “A escolha dos eleitos” para a composição das equipes esportivas escolares: tornando a participação um privilégio de poucos

Este eixo se estabelece com grande relevância, pois nele foi possível perceber mais claramente os objetivos dos I/T. As formas de seleção de alunos e alunas para os jogos de competições escolares demonstraram as principais intenções e objetivos dos I/T ao ensinar o futsal no ambiente escolar extracurricular, uma vez que os motivos de escolha se relacionam diretamente com as expectativas e a valoração destinada aos resultados a serem obtidos em competições escolares.

Uma convocação pautada na escolha dos melhores jogadores, apoiada apenas por critérios técnicos e táticos, e as substituições realizadas pensadas unicamente para a obtenção da vitória, indicam uma preocupação prioritária com o resultado da competição (categoria a). Uma convocação baseada em uma distribuição mais igualitária de oportunidades para todos os alunos que treinam, independentemente de suas habilidades, poderia indicar uma preocupação menor com o resultado (categoria b).

Categoria (a): A escolha dos selecionáveis pautada no sentido oficial da prática esportiva e a não substituição para vencer

As competições esportivas, principalmente as organizadas seguindo os moldes das realizadas no ambiente de alto rendimento, geralmente permitem um número limitado de jogadores participantes. No futsal profissional, são 14 jogadores permitidos, sendo cinco na quadra de jogo e nove no banco de reservas (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL, 2017). As trocas ilimitadas possibilitam ao I/T substituir quantas vezes ele achar necessário, inclusive é permitido ao jogador que é substituído retornar para a partida. No entanto, esse limite de jogadores ocasiona um momento de seleção dos escolhidos para representar a equipe na partida de uma competição.

Posto isso, esta categoria se refere aos critérios de seleção utilizados pelos I/T e o quanto esses critérios se aproximam do *modus operandi* do Sentido oficial da prática esportiva.

Ao justificar como convocam os alunos e alunas para jogos de uma competição esportiva, os I/T iniciaram as suas respostas indicando critérios mais comportamentais, como por exemplo, a frequência nos treinos, a disciplina, e até mesmo o desempenho acadêmico. Porém, quando o assunto é aprofundado, os critérios que aparecem são os relacionados às habilidades do aluno em jogar futsal, ou seja, aspectos físicos, técnicos e táticos:

Hoje eu posso levar todo mundo porque o número de alunos que eu tenho não é muito grande... Tem aqueles que a gente sabe que não tem muita condição de estar participando, não estão no mesmo nível que alguns outros. Mas a gente leva porque se tem algum jogo que você ou tá ganhando de muito ou perdendo de muito, você consegue fazer essa troca e colocar todos para jogar. Eles vão sempre para os jogos sabendo, já na cabeça deles que não é porque eu estou convocado que necessariamente eu vou jogar (I/T 1).

Procuro não trabalhar com muito alunos justamente para evitar problemas na convocação, quando se trata de um grupo que treina para competições [...] mas a nata, a cereja do bolo é sem dúvida a aptidão física para o futsal (I/T 2).

Como funcionário a gente tem que cumprir o objetivo da escola. E aí a gente acaba considerando também a parte técnica, às vezes assim contrariando a nossa própria vontade, levando os alunos melhores para uma competição que o objetivo é ganhar (I/T 3).

Bom é aquele negócio né você não faz omelete sem ovos né, não adianta, tem os melhores, para quem entende de futebol você sabe né, aí você pode até levar um menino que não sabe nada mas tem que colocar ele para jogar junto (I/T 4).

Tem a parte técnica, as vezes eu fico de olho até no intervalo deles, que eles jogam bola, fora do horário do treino, eu observo eles jogando e aí converso com os outros professores e digo olha o fulano é bom de bola, aí durante os treinos eu observo também eles jogando, separo alguns que jogam bem, que tem essa parte técnica bem desenvolvida os que são bonzinhos, que convivem bem, que não brigam e que jogam direitinho, e que não dão problema vamos colocar assim (I/T 5).

Expressões como “a cereja do bolo” (I/T 2) ou “não se faz omelete sem ovos” (I/T 4) e mesmo a colocação de I/T 1 “a gente leva o aluno para o jogo mesmo sabendo que ele não tem condição”, indicam que esses I/T tem em seu *habitus* esportivo incorporações do Sentido oficial do esporte. Dessa forma eles privilegiam em suas convocações os alunos que em suas opiniões têm mais capacidade para jogar futsal e obter bons resultados na competição. Porém quando explicam seus procedimentos é possível identificar diferenças nesta semelhança.

Os I/T se diferenciam, pois alguns deles já selecionam os alunos que irão treinar ao longo do ano, outros permitem que todos os alunos interessados treinem e o processo de selecionamento ocorre as vésperas dos jogos e de competições formais. Por exemplo, os I/T 2, I/6 e I/T 7 já realizam uma seleção antes de iniciar o ano de treinamentos:

Eu já trabalho apenas com 14, no início do ano 14 alunos são selecionados entre todos aqueles que querem jogar futsal e os treinos ao longo do ano são com esses 14 alunos (I/T 2).

Eu trabalho com 18 atletas. Nós temos as escolinhas e a Educação Física da onde eu tiro os que tem mais qualidades (I/T 6).

A escola abre para que eu possa selecionar os alunos que eu vou trabalhar. Durante um período os interessados fazem alguns jogos que eu observo, então eu tento selecionar dentro do que eu vejo de cada um [...] porque na vida nem tudo é fácil para nós (I/T 7).

Os outros quatro I/T trabalham com um número maior de alunos por treino e a participação nas atividades aparentemente é mais democrática. Mas para efeito dos jogos de competição a seleção é semelhante, baseada nas habilidades específicas para o futsal, escolhendo os alunos por eles entendidos como os melhores jogadores.

Essa diferenciação de valoração do resultado final em uma competição esportiva, via convocação e seleção dos alunos para os jogos, indica uma aproximação diferenciada com os sentidos da prática. Sempre que os objetivos se direcionam mais, ou até exclusivamente, para a vitória e conquista de títulos, a aproximação é maior com o Sentido oficial, na mesma medida em que se o processo está colocado acima do resultado final, procurando ampliar a oportunidade de vivência para todos os alunos, a aproximação é maior com o Sentido ressignificado da prática (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Outros trechos destacados das falas dos I/T reforçam a preocupação em levar um time forte para as competições e mantê-lo competitivo durante a partida.

Eu digo a eles: não é porque eu estou convocado que necessariamente eu vou jogar [...] eu falo para eles que tem dois jeitos de eu trocar o time, ou quando eles estão muito mal que eu preciso substituir, para a gente ver se consegue ter uma reação, ou quando a gente está muito bem e eu tenho a oportunidade de colocar os outros [...] tem aqueles que a gente sabe que não tem muita condição de estar participando, não estão no mesmo nível que alguns outros. Mas a gente leva porque se tem algum jogo que você ou está ganhando de muito ou perdendo de muito, você consegue fazer essa troca e colocar todos para jogar (I/T 1).

Procuro não trabalhar com muito alunos justamente para evitar problemas na convocação, quando se trata de um grupo que treina para competições (I/T 2).

Na hora do jogo a gente acaba não colocando aqueles que ainda precisam se desenvolver mais, acabo levando todos os que temos disponíveis que querem participar, porém não entram no jogo. A gente consegue trabalhar a parte psicológica dizendo olha se esforça no treino, a melhora no seu desempenho vai levar vocês a jogarem mais [...] eu coloco para jogar quando o jogo já está ganho com um placar elástico, aí dá para incluir eles no jogo. Mas quando é um jogo difícil que a gente precisa do resultado aí a gente acaba segurando um pouco mais né (I/T 3).

Agora na outra competição que foi mais curta com um grupo fechado de inscritos, de três semanas eu escolhi os melhores né, é duro, é bem complicado mas é aquele negócio, como é que você vai levar um menino que não tem condição só por levar [...] eu não troco todo mundo, é aquele negócio assim, você leva, aí vai do jogo, se está difícil você mantém, aí você espera, o

professor troca lá, você troca aqui também, não tiro o time inteiro porque lógico vai cair [...] de repente você vai já abriu quatro a zero, aí você fala, vamos jogar, aí você troca, né na medida do possível também (I/T 4).

Então eu vou sentindo a turma tem campeonato que eu procuro chamar menos, uns 10, o menos possível para poder competir melhor [...] eu falo para eles não tenho um time titular, vou montar o time conforme o perfil de cada um, conforme o talento de cada um, as vezes eu preciso de um time que marca mais, para não levar gol, vou colocar em quadra jogadores que marcam melhor e que aguentam mais, as vezes de dois mais entrosados para fazer uma triangulação melhor, ter mais posse de bola, aí já são outros que eu vou colocar, então eu vou sentindo o jogo e vou escalando o time (I/T 5).

Nós temos as escolinhas e a Educação Física da onde eu tiro os que tem mais qualidades [...] geralmente tem relação com o adversário, cada equipe tem um estilo de jogar, o adversário não é igual, o placar dilatado também é bom porque permite a mobilidade de colocar todos para jogar. É, eles já estão cientes que a gente conversa sobre isso, e diz óh hoje infelizmente eu tive que segurar não poderia te colocar na fogueira, o jogo estava a mil por hora e é por aí (I/T 6).

E falo para eles que durante o ano podem haver substituições na equipe em caso de algum aluno se destacar ele pode entrar no treinamento no lugar de outro que estiver mal ou faltando. [...] eu deixo bem claro para eles, eu procuro fazer o máximo de amistosos possíveis para que todos joguem igual. Mas na competição nem sempre a gente pode colocar todo mundo. Então isso é bem claro para os meninos, que quem manda no time sou eu, que não adianta vir diretor, vir pai. Então eu deixo isso bem claro para eles no começo, se você não gostar disso não tem problema, me comunica que eu tiro e coloco outro (I/T 7).

Foi recorrente nas falas dos I/T deste estudo a descrição de ações e condutas muito semelhantes aos observados no esporte de alto rendimento: “observo os que tem mais qualidades e convido” (I/T 6), “aqui quem manda sou eu” (I/T 7), “não está satisfeito, avisa que chamo outro em seu lugar” (I/T 7), “para competir melhor” (I/T 5).

Este momento para o nosso estudo pode ser considerado crucial, pois nas questões anteriores sobre os objetivos de se ensinar futsal, e mesmo na abordagem sobre a competição esportiva, a busca pelo resultado ficaram um pouco mascarados por discursos acerca dos valores, da formação do cidadão. No entanto, a descrição dos modos de seleção para jogos e campeonatos coloca de fato a busca pelo resultado e conquistas esportivas no centro das razões e objetivos de ensinar futsal. Não se desconsidera as preocupações desses I/T com as demandas formativas, mas observa-se que estas estão em segundo plano.

Percebe-se uma classificação feita pelos I/T entre os que “têm condições” de jogar competitivamente e os que “não têm condições”, para estes últimos, o banco de reservas será o seu principal local de “participação” esportiva. Renegados, que na maioria das vezes não entram

nas partidas, ou entram bem pouco tempo quando elas já estão decididas, seja a favor de seu time quando está goleando o adversário ou quando está sendo goleado

Santana (1996) considera que a criança não treina para não jogar. Sem viver a experiência concreta de competição, ela não terá condições de aprendizagem para realizar futuras abstrações e ainda fica sujeita ao risco de ficar mais tempo no banco de reservas do que jogando, reforçando sentimentos de conformação e aceitação de que o lugar dela é fora do jogo.

A relação de troca entre os jogadores é fundamental para desmistificar algumas crenças estabelecidas sobre o banco de reservas. Este local não necessariamente precisaria ser associado ao lugar dos fracassados, dos que “não têm condições”. Em uma perspectiva ressignificada da prática esportiva, o banco de reservas poderia ser apenas um lugar de transição onde o jogador aguarda para daqui a pouco entrar no jogo, e aquele que está jogando entende que em algum momento ele cederá o seu lugar para outro entrar, ou seja, o banco de reservas seria um espaço de compartilhamento da oportunidade de participar ativamente do jogo. Ensinar esses valores para perspectiva ressignificada da prática esportiva poderia ser considerado pelo I/T como tão ou mais importante do que ganhar o jogo e ou ser campeão.

Sugere-se a seguir algumas possíveis situações que favorecem, e de certa forma induzem, os I/T a tomarem algumas decisões em relação à seleção de jogadores e à realização de substituições nos jogos. A primeira possibilidade de influência seria a da teoria da Reprodução denunciada por Bourdieu e Passeron (2013), analisando as escolas francesas da década de 1970, se reproduzirem nas ações dos I/T deste estudo. Para esses autores, a escola e o seu sistema de organização da época eram favoráveis a determinados alunos, geralmente oriundos das classes mais favorecidas da sociedade, que já tinham em seu ambiente familiar um contato com o capital cultural semelhante ao exigido na escola.

Em contrapartida, outros alunos, geralmente das classes menos favorecidas, que não tiveram acesso a esse capital cultural antes da escola, sentiam um distanciamento com as exigências escolares. Essa desigualdade inicial não era considerada pela escola, que pelo contrário, acentuava ainda mais essa diferença em suas formas de seleção de conteúdos, modelos de comportamento e avaliação (BOURDIEU; PASSERON, 2013). Desta forma, se criava um sistema de reprodução de desigualdades, semelhante ao descrito na relação entre os alunos que jogam mais tempo das partidas do que outros, pois são considerados pelos I/T como “aqueles que tem condições” (BOURDIEU; PASSERON, 2013). Um trecho da fala do I/T 1 ilustra essa relação:

Sempre tem aqueles que jogam mais, que são aqueles que têm uma qualidade técnica melhor, uma melhor compreensão do jogo, que já estão comigo a mais tempo. Eu costumo falar com eles assim: esteja preparado para jogar ou os 30 minutos ou os 30 segundos do jogo. Porque em 30 segundos se pode perder ou ganhar o jogo. Então se ele entrar os 30 segundos ele tem que estar preparado (I/T 1).

A fala indicativa dos critérios utilizados (qualidade técnica melhor e uma melhor compreensão do jogo) pelo I/T 1, para manter alguns jogadores em quadra mais tempo do que outros, associando esses critérios aos jogadores que treinam a mais tempo com ele, pode representar no esporte, a reprodução, observada por Bourdieu e Passeron nas escolas francesas (BOURDIEU; PASSERON, 2013). Isto porque os alunos que já treinam há mais tempo com este I/T 1, já possuem alguns capitais simbólicos, neste caso um capital esportivo relacionado ao futsal, valorizados por este I/T 1.

Os alunos que treinam há menos tempo, por esta teoria, teriam desvantagens e essas se acentuariam cada vez mais, pois os alunos que treinam há mais tempo recebem mais oportunidades de tempo de jogo, o que vai lhes proporcionar um desenvolvimento cada vez maior dentro da modalidade. Em contrapartida, os que menos jogam teriam menos oportunidades de desenvolvimento. A seleção e a manutenção em quadra desses alunos privilegiados funcionariam, portanto como a “escolha dos eleitos”. Os critérios de seleção determinados atuam em um ciclo vicioso sempre favorecendo os mesmos alunos a se desenvolverem mais na prática esportiva. Em outras palavras, um processo de Reprodução da desigualdade já estabelecida de acesso aos capitais em questão (aprendizagem sobre a prática esportiva) (BOURDIEU; PASSERON, 2013, 2014).

Uma consequência que esta relação pode ocasionar é a “causalidade do provável” e sobre isso Nogueira e Nogueira (2015, p. 52) explicam:

Em primeiro lugar, cabe ressaltar a presença de uma das teses mais centrais da Sociologia da Educação bourdieusiana, a de que as aspirações e expectativas subjetivas são moldadas pelas condições objetivas nas quais os atores são socializados. [...] desta forma, as oportunidades objetivas de cada grupo social condicionam a experiência dos atores, configuram suas esperanças subjetivas e suas escolhas concretas, fazendo com que os mesmos contribuam, sem que tenham plena consciência disso, para a realização de uma trajetória mais provável para indivíduos com seu perfil social.

A segunda possibilidade que poderia influenciar os I/T a escolher seus alunos para os jogos de competição formal se encontra na contribuição da crença em uma concepção de talento esportiva inata. Indicando um processo formativo voltado para a seleção e detecção de

“jogadores talentosos” ao invés da construção de conhecimentos e vivências sobre a modalidade esportiva, objetivando a capacitação de todos os envolvidos. Em destaque, alguns trechos das falas dos I/T sobre este assunto:

Eu acho que já vem com eles, mas se for estimulado lá na infância, lá atrás, pode melhorar de alguma forma. Não aplicado diretamente para o futsal, eu acredito que a gente tem que trabalhar todas as habilidades as capacidades motoras lá atrás, e introduzir o futsal lá pelos 10/11 anos, e eu acho que esse trabalho lá atrás pode desenvolver mais esse talento que já é nato deles né (I/T 1).

Eu sempre ouvi que talento nasce, mas eu ainda acredito que quando você desperta na criança o gosto pela atividade física você faz as fases corretas de aprendizagem motora ele vai se destacar em determinado movimento e aí cabe ao professor ajuda-lo nessa lapidação. E o talento vai ser desenvolvido (I/T 2).

Eu acredito que vem com a criança, claro que tem que ser explorado e lapidado... [...] você vê que o menino já é diferenciado só no jeito de chutar a bola, você percebe, é lógico que quem não tem o talento se você trabalhar ele melhora, ele consegue evoluir, mas não chega próximo ao que já nasce (I/T 3).

Você percebe parece que é nítido, você já percebe quem tem, não sei se é dom ou coordenação (I/T 4).

A maioria acho que já nasce, já nasce com o talento... para o futsal, para o esporte e esse talento é trabalhado durante a vida dele (I/T 5).

Eu acho assim, por mais que eles falem que não, eu acho que o menino nasce com isso. Não adianta você falar que não, você vai falar que o Neymar aprendeu tudo treinando, mentira, ele nasceu com aquilo lá (I/T 7).

A concepção de talento como dom ou algo inato pode favorecer a percepção do ofício de I/T esportivo como sendo o de um “caça talentos”, à procura dos “iluminados” que nasceram para jogar futsal. Reduzindo ao mesmo tempo a complexidade da função e a importância do I/T esportivo para o desenvolvimento do ensino do esporte. Essa crença no talento inato e definitivo precisa ser alterada, talento se relaciona com as aquisições que se operam através da prática orientada, sustentada e estruturada, promovendo assim o desempenho esportivo. É uma disposição dinâmica que se atualiza constantemente em resposta a estímulos e oportunidades desenvolvidos em ambientes de treino e de competição (GARGANTA, 2013).

Essa concepção clássica sobre o talento esportivo inato, se não ressignificada, prioriza os considerados talentosos, se aproximando do Sentido oficial da prática esportiva que atua pela lógica meritocrática reforçando ainda mais as desigualdades em relação aos considerados menos talentosos, que jogam menos e têm menos oportunidades.

Bourdieu e Passeron (2014) ao discutirem o acesso de estudantes franceses ao Ensino Superior desconstruem a ideia de que esse acesso é relativo apenas ao mérito individual e a livre manifestação de dons e talentos dos alunos. Os autores evidenciam outras influências, como a origem social, o percurso de vida e os tipos de acessos desses estudantes à vida intelectual valorizada para o ingresso no Ensino Superior. Essa ideia muito presente no senso comum ainda hoje, é percebida em vários campos sociais, inclusive no esportivo.

Associando o que foi verificado neste determinado campo educacional com o percebido no subcampo esportivo deste estudo, pode-se considerar que os alunos que têm acesso a uma maior participação esportiva em competições formais escolares, são aqueles que possivelmente em suas trajetórias de vida tiveram mais acesso e mais oportunidades de contato com práticas esportivas.

Deste modo, parece instaurado no *habitus* destes I/T o mito de que o esporte exige atletas talentosos, bom rendimento e conquistas. Não se refuta o talento, a competição e a conquista, o que se faz é questionar o reducionismo que se apega apenas nestes fatores para desenvolver um processo de formação esportiva. A preocupação se refere menos às vitórias e conquistas e mais na qualidade das relações que se estabelecem (SANTANA, 2003).

A terceira possibilidade seria de que as competições esportivas escolares, quase em sua totalidade, seguem os moldes das competições adultas do ambiente do alto rendimento. Isso contribuiria para que ocorresse a manutenção e reprodução de comportamentos dos I/T e, ao mesmo tempo, para que as atitudes observadas neste ambiente de alto rendimento se transferissem e se reproduzissem no ambiente escolar.

Os modelos de competição escolares voltados para o Sentido oficial do esporte poderiam ser considerados como possíveis influências sobre os critérios de convocação utilizados por alguns dos I/T. Scaglia, Medeiros e Sadi (2003) apontam que as competições que seguem este modelo confirmam os estudantes de destaque e excluem aqueles considerados “sem aptidão”.

Porém, Ricci e Marques (no prelo), analisando o tempo e o número de vezes que os alunos participavam do jogo em uma competição escolar de futsal que adaptava regras de substituição e números de períodos da partida para viabilizar a participação de mais alunos, constataram que mesmo diante das adaptações os I/T envolvidos na competição ofereciam aos alunos de suas equipes oportunidades desiguais de participação.

Neste trabalho (RICCI; MARQUES, no prelo), foi desenvolvido um cálculo, que permitiu, em função do número de jogadores presentes em cada partida analisada, determinar qual seria o tempo de permanência em quadra considerado igualitário. Calculou-se o tempo

total de permanência em quadra dos jogadores ao longo de toda a competição. Utilizou-se de médias e porcentagens para as comparações. Participaram deste estudo 62 jogadores de 5 escolas. Mais da metade dos alunos jogaram abaixo do tempo considerado igualitário. Os cinco jogadores que mais atuaram na competição permaneceram em quadra 88,5% de tempo a mais do que os 5 jogadores que menos participaram. Nenhuma das 5 escolas ofereceu aos seus alunos as mesmas oportunidades de participação. Esses achados neutralizam de forma relativa a influência da escolha do modelo de competição esportiva nas relações de convocações e substituições. A relatividade aparece, pois mesmo com alterações das regras para que ocorresse uma maior participação de todos os alunos envolvidos, os I/T privilegiaram alguns poucos alunos em relação aos demais integrantes da equipe. No entanto, provavelmente se não houvesse tais regras adaptadas, as diferenças de participação poderiam ser ainda maiores (RICCI; MARQUES, no prelo).

Esse resultado demonstra que possivelmente a alteração ou adaptação de regras em uma competição esportiva escolar não seja plenamente suficiente para ampliar significativamente a participação dos alunos sem que ocorra simultaneamente uma mudança na forma de envolvimento, ou seja, de sentido dos I/T com as competições. Marques, Gutierrez e Almeida (2008) contribuem para esta percepção quando colocam que a simples alteração de regras não garante uma mudança de sentido do jogo, visto que esse depende também de um consenso entre os participantes em relação aos objetivos da prática.

Categoria (b): Os “excluídos do interior” à espera de soluções para participar

Nas falas dos I/T foi muito raro encontrar trechos que demonstrassem uma preocupação em proporcionar uma participação maior de todos os alunos em jogos de competição formal. A posição dominante dos I/T demonstrou um maior espaço oferecido aos que, em suas concepções, são os melhores jogadores. Aqui destacam-se alguns trechos em que os I/T flertam com possibilidades mais inclusivas de suas ações:

Mas não fica só na habilidade não, o aluno tem que ter uma prestação aqui de boa conduta, de notas, enfim ele tem que saber que: a parte pessoal dele que ele traz de casa é muito importante na hora em que ele vai vestir a camisa da escola. Mas a nata, a cereja do bolo é sem dúvida a aptidão física para o futsal [...] não existe essa titularidade e o rodízio de jogadores frequentemente é muito importante. E eles entenderem de que todos ali são substituíveis e não temos titular e mostro sempre a observação dos jogos dos profissionais [...] oh eu sei que você é o melhor mas fica um pouco para cá (no banco) joga o outro,

mesmo que sabendo que a gente não vai conquistar o placar desejado né (I/T 2).

Então, assim os critérios utilizados, eu primeiramente vejo a participação deste aluno na aula né, o interesse dele, eu levo muito em consideração essa parte de compromisso do aluno. Se respeita o amigo, esse é um critério que eu levo muito em consideração (I/T 3).

Então o critério para levar... essa é a parte mais difícil nossa né... é a parte mais difícil (pausa) eu tento ir levando em banho-maria. A Liga por exemplo foi mais fácil esse ano por conta disso não iludi ninguém, eu falei: ó todo mundo vai jogar, mas não dá para levar todos em todos os jogos em um jogo vou chamar uns em outros jogos vou chamar outros agora (I/T 4).

Nos trechos acima, o I/T 2 descreve uma série de critérios mais direcionados ao comportamento, que o aluno deve demonstrar para ser convocado para o jogo. Mas no final, ao citar a “cereja do bolo”, revela a principal motivação para realizar suas convocações. Ao mesmo tempo em que admite já ter sacrificado o resultado esportivo para colocar todos para jogar, organizando um sistema de rodízio em que todos da equipe revezam.

O caso do I/T 3 é um pouco diferente. Ele relata que como critério pessoal não leva tanto em consideração a parte técnica para convocar, que a frente disso estão outros critérios. No entanto, na sequência da entrevista, o mesmo I/T 3 relata que pressionado pela direção da escola, acaba passando por cima de suas convicções e convocando os melhores para a disputa da competição. Mais uma vez, nota-se um discurso que carrega certas preocupações com outras justificativas e razões, mas quando se detalha a prática, percebe-se que ela ocorre muito mais próxima ao Sentido oficial.

O I/T 4 descreve este momento com um certo pesar, indica que essa para ele é a parte mais difícil do trabalho de I/T. Entende que este momento pode causar frustrações nos seus alunos em dois momentos, tanto ao não ser convocado, como quando é convocado e não entra para jogar. No entanto, ao mesmo tempo, descreve uma preocupação em levar um aluno para uma competição formal e este aluno não apresentar condições (físicas, técnicas, táticas e psicológicas) para enfrentar o desafio do jogo e, deste modo, ele também estaria expondo seu aluno a uma situação vexatória diante do público. Por este motivo, ele convoca poucos alunos para o jogo, cerca de oito, sempre levando 5 ou 6 com mais habilidades e revezando os demais alunos da equipe em duas vagas.

Percebe-se com essas considerações, um conflito de interesses nas atitudes de alguns I/T deste estudo. Nota-se que a preocupação deles em alguns momentos não é apenas com o resultado da partida ou do campeonato. Existe uma preocupação com o bem-estar e a preservação do aluno nas relações que se estabelecem no cotidiano.

Essa ambiguidade percebida na descrição dos I/T sobre algumas de suas ações pode ser considerada em função das constantes transformações a que os *habitus* dos agentes do campo estão sujeitos, pois o *habitus* como uma estrutura estruturada e estruturante, é modificado, ao mesmo tempo que transforma a estrutura. Bourdieu (2004a, p.22) sugere:

A noção de *habitus* foi inventada, digamos, para dar conta desse paradoxo. Do mesmo modo, o fato de as práticas rituais serem produto de um "senso prático", e não de uma espécie de cálculo inconsciente ou da obediência a uma regra, explica que os ritos sejam coerentes, mas com essa coerência parcial, nunca total, que é a coerência das construções práticas.

Sendo assim, de modo paradoxal, o mesmo I/T terá ao longo de sua trajetória oscilações em seu *habitus* que ocasionam atitudes variadas e, às vezes, contraditórias. Aqui pode-se referir também a atuação do efeito da elasticidade semântica do esporte (BOURDIEU, 2004b).

Apesar dessas observações de algumas atitudes que se aproximam do Sentido ressignificado das práticas esportivas, os modos de seleção descritos pelos I/T indicam um processo seletivo bem próximo ao ocorrido no esporte de alto rendimento, ocasionando desigualdades na participação esportiva dos alunos.

Bourdieu e Champagne (2015), ao se referirem às desigualdades observadas no sistema de ensino francês na década de 1990, transmite uma ideia que pode ser associada às desigualdades de participação esportiva observadas nos discursos dos I/T participantes do presente estudo. Faz-se aqui uma analogia entre os alunos de boas famílias e os alunos de famílias desfavorecidas, termos utilizados pelos autores, e os jogadores considerados como habilidosos ou não para a participação em competições esportivas.

A seleção que se operava era amplamente aceita pelas crianças vítimas desta seleção, pois ela se apoiava exclusivamente nos dons e méritos dos eleitos, enquanto os rejeitados ficavam convencidos de que essa operação estava correta. Quando os I/T descrevem o comportamento dos alunos que participam menos, “os que não têm condições”, o fazem dizendo que eles entendem bem, inclusive se “sentem parte do time”, mesmo não entrando no jogo, se comportando como verdadeiros torcedores dos colegas em quadra:

Porque às vezes não jogam, mas eles estão ali junto com os amigos deles, estão ali torcendo, e eu sinto muito isso que eles mesmos não entrando às vezes, eles se sentem parte do grupo (I/T 1).

E eles, mesmo não jogando, gostam de estar ali, eles ficam ali torcendo para os amigos né (I/T 3).

Essas percepções de que estão todos bem diante dessa situação, se atribuem a um sistema de seleção instaurado com práticas de exclusão branda, ou seja, insensíveis. São exclusões graduais e imperceptíveis, que passam despercebidas tanto pelos que exercem como por suas vítimas, ou seja, tanto pelos I/T como para os alunos (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015). Um *doxa* se estabelece, ou seja, um processo de violência simbólica por parte dos I/T sobre os alunos, e neste caso específico os alunos não somente não percebem essa violência como consentem essa situação.

Portanto, o sistema esportivo que aparenta ser aberto a todos é estritamente reservado a alguns. Essa aparente “democratização” na realidade se apoia na reprodução, realizada em alto grau de dissimulação, com efeito acentuado de legitimação social. Os “excluídos do interior” (BOURDIEU; CHAMPAGNE, 2015) são forçados a diminuir as suas pretensões, e como colocam os I/T 1 e 3, passam a ser “verdadeiros torcedores” de seus companheiros de equipe, já que não entram na quadra, este é o papel que lhes cabe.

A discussão que se propõe neste momento é a de até que ponto um aluno ou aluna que gostaria de optar pela participação de uma modalidade esportiva no ambiente escolar extracurricular, teria de fato acesso a todos os processos que seu ensino pressupõe (treinos e competições)? As formas que as PEEEs e suas competições são organizadas favorecem uma participação maior de todos os interessados? Um adolescente, de fato, tem que se conformar que o esporte não é para ele? Que o que lhe cabe é frequentar as aulas de Educação Física curriculares, pois ele não está entre os “melhores da escola”? As justificativas de que a “vida vai selecionar”, ou que “não dá para se ter tudo o que quer” são cabíveis para este ambiente de prática?

A intenção dessa reflexão não é desvalorizar comportamentos caros ao esporte, como a dedicação ou o esforço, mas questionar a ausência de oportunidades para os que desejam participar de um programa esportivo mais específico de forma efetiva. O fato de que se trabalhe pela inclusão nas atividades físicas ou esportivas escolares não significa que todos queiram incluir-se da mesma maneira, ou participar com a mesma intensidade e, até mesmo, podem existir aqueles que não desejam ser incluídos. A possibilidade não pode ser confundida com sua realização (LOVISOLO, 2001).

5.4. Eixo 4 - A “cumplicidade ontológica do *habitus*” dos I/T norteando as disposições para ações em treinos e jogos de competição formal

Este último eixo de análise destoa um pouco dos anteriores, pois tem um caráter mais procedimental. Talvez não diga tanto sobre os sentidos, mas sim sobre os modos de ação dos I/T. Ações estruturadas pelos *habitus* dos I/T, orientam a escolha dos métodos de ensino utilizados (categoria a) e influenciam o comportamento dos mesmos em jogos de competição formal (categoria b).

Categoria (a): *Organizando as ações em treinamentos, o *habitus* norteador*

Nesta categoria, os I/T descrevem quais tipos de atividades eles utilizam para ensinar o futsal. Ao descreverem as escolhas de suas situações de aprendizagem, os I/T deste estudo parecem utilizar de ferramentas e exercícios mais tradicionais da pedagogia do esporte. Optando em sua maioria por exercícios de fundamentos com passes e finalizações em duplas e trios, e um jogo denominado por eles de “coletivo” (5x5 sem alterações das regras formais e oficiais da modalidade) no final.

Para entender o que as pessoas fazem, é preciso supor que elas obedecem a certo sentido do jogo. Para compreender suas práticas, é preciso reconstruir esquemas informacionais que lhes permite produzir práticas sensatas, que ocorrem sem a intenção da sensatez e sem uma obediência consciente a regras explícitas (BOURDIEU, 2004a).

Desta forma, a opção que os I/T fazem tem relação direta com a construção de seu *habitus* de I/T esportivo. As condutas geradas pelo *habitus* não têm regularidade, estão intimamente ligadas ao fluído e ao vago e se caracterizam por uma espontaneidade geradora. Essa espontaneidade geradora afirma-se no confronto improvisado com situações constantemente renovadas, obedecendo a uma lógica prática, que define a relação cotidiana com o mundo (BOURDIEU, 2004a).

Portanto, a escolha por um método e não por outro pode também ser considerado um indicador de sentido. Os métodos de ensino dos jogos esportivos coletivos (JEC) são diversos e diante de diferentes concepções, facilitam e priorizam o acesso a tipos de informações determinados. Para as relações deste estudo, utilizaremos a terminologia sugerida por Menezes, Marques e Nunomura (2014): são eles, os métodos analítico-sintético, o método global funcional e o método situacional com processos cognitivos.

O método analítico-sintético tem como princípio metodológico a centralidade na aprendizagem da técnica de modo desvinculado da tática. Ensina elementos técnicos das modalidades, com base na repetição e automatização de movimentos considerados "ideais". A crítica a essa perspectiva pedagógica é de que a mesma não capacita o jogador a resolver situações-problemas do jogo. Uma vez que consiste em atividades fragmentadas, muitas vezes descontextualizadas (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014). Os trechos destacados abaixo das falas dos I/T indicam a predominância por este método:

Início com algum tipo de movimentação ou até essa parte que a gente falou do seriado, do analítico, às vezes usado como aquecimento [...] e no final sempre um coletivo, para poder trazer eles comigo (I/T 1).

Eu sempre preconizo, muito trabalho com bola, sempre, aliás 100% com bola, a parte física com bola. Então se eu realizar algum trabalho aeróbico a bola vai estar no pé, ou seja, ele sempre está jogando e também aperfeiçoando a parte técnica. Todo início tem essa parte técnica chutes, passes alguma coisa que serve como parte de aquecimento (I/T 2).

Passes, finalizações, posicionamento, alguma jogada ensaiada [...] então eu divido uma aula na semana com 30 minutos de físico e o coletivo no final né. E no outro dia a gente faz um trabalho técnico e tático com o coletivo, sempre com o coletivo né, se não tem os alunos reclamam (I/T 3).

Eu gosto de trabalhar com bola, toda a parte física é com bola, está inserida ali com bola, eu gosto de trabalhar fundamento de passes, e as finalizações (I/T 4).

Por exemplo, eu vou ensinando passe, de uma forma mais específica, com exercícios mais difíceis, por exemplo, tocar a bola entre cones, fazer exercícios mais elaborados de toque de bola. Para os maiores o passe tem que ser firme, se o passe for fraco o adversário pode te roubar a bola, então eu vou especificando mais conforme a faixa etária [...] eu procuro sempre trabalhar meia hora de exercícios e meia hora de jogo (I/T 5).

Na primeira parte fazemos um aquecimento legal, na segunda parte uma recreativa, na terceira parte mais tática e quarta parte mais técnica. Variados, com quadra reduzida, reduzido e sempre na véspera do jogo um coletivo. Mas o que eu mais trabalho são os fundamentos (I/T 6).

No treino de posicionamento, eu oriento onde eles têm que ficar, onde eles têm que receber a bola, como dominar essa bola. Fundamentos, muito contato com bola, passe, domínio, chute. Depois eu sempre faço um trabalho utilizando cones com eles para posicionar. Aí joga um time contra outro, mas com posicionamento, que é o mais chato para eles, não rola a bola, você toca e aí mostra esse domina e fala olha esse aqui vai passar aqui e receber ali. E é isso a gente vai organizando eles na quadra (I/T 7).

Os sete I/T deste estudo utilizam em algum momento o método analítico-sintético, sendo que alguns (I/T 3, I/T 5, I/T 6 e I/T 7) o utilizam de forma exclusiva.

O método global-funcional apresenta um processo de aprendizagem que não se confine ao domínio exclusivo dos elementos técnicos, mas que desenvolva, concomitantemente, a inteligência dos jogadores para resolver tarefas cognitivas e motoras (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014). O jogo neste caso é tido como um elemento fundamental, no qual a adaptação das regras permite o acesso dos alunos aos conteúdos propostos (GALATTI et al., 2008). Neste trabalho foi difícil encontrar na descrição dos I/T elementos que caracterizassem o uso deste método, os que mais se aproximaram estão destacados abaixo:

Utilizo sempre algum jogo com regras adaptadas (I/T 1).

Eu enfatizo muito os jogos pré-desportivos com mudança de regras para quando eu quero otimizar alguma sequência ou algum fundamento do jogo [...] exercícios combinados, o pré-desportivo e depois o coletivo é a base, a essência do meu treino (I/T 2).

Os jogos situacionais baseiam-se em situações do jogo, organizados de forma reduzida. Por este método é possível desenvolver as capacidades técnicas do jogador concomitantemente ao desenvolvimento das capacidades táticas. Permite a construção a partir da realidade do próprio aluno, que pouco a pouco amplia a compreensão sobre o jogo e o domínio das exigências físicas, técnicas e táticas que surgem das situações-problema com as quais se depara e precisa resolver (GRECO, 2001). As falas dos I/T deste estudo que indicam a utilização do Método Situacional se destacam abaixo:

Às vezes eu início já com bola, um bobinho, uma segunda parte que eu faço com alguma coisa tentando simular a situação de jogo, ou algum joguinho do tipo 3x2 (I/T 1).

A nossa quadra que é bem pequena ela é a metade de uma oficial, então a gente tem que reinventar muitas vezes o treino né, a gente acaba fazendo muito 2x1 ali na quadra, situação que tem muito no jogo ou 1x1 a gente faz muito também (I/T 3).

Situações de jogos, tirando do coletivo, sabe, quebrar um pouquinho. Dois contra um, três contra dois, gosto de fazer bastante isso aí. E na finalização algumas jogadinhas ensaiadas (I/T 4).

A forma como e os valores pelos quais os I/T ensinam irão dizer mais sobre o sentido atribuído do que a escolha do tipo de método. Apesar dos métodos indicarem uma aproximação maior ou menor com a *doxa* do Sentido oficial do esporte, seria leviano apenas com a descrição feita pelos I/T, sem acompanhar de fato as suas ações no cotidiano, relacionar essas escolhas à opção por um Sentido de prática esportiva.

Porém, Menezes, Marques e Nunomura (2014) indicam que o ensino dos JEC deve pautar-se, principalmente, no desenvolvimento do pensamento tático individual e coletivo, analisando criticamente as diferentes possibilidades de ação no contexto do jogo.

Diante destas colocações, é possível supor que, para este fim, métodos que considerem atividades que suscitem a resolução de problemas e um pensamento mais crítico e reflexivo sobre os aspectos do jogo podem ser mais favoráveis do que um método que considere apenas o caráter do desenvolvimento da individualidade e especificidade técnica. Talvez este não fosse suficiente para atender às demandas complexas e imprevisíveis do jogo. Por conseguinte, um método consistente para o ensino dos JEC precisa levar em conta a interação entre os jogadores e as respostas às situações-problema (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014).

Categoria (b): *Humor efêmero – o habitus intencional sem intenção, variante quanto às formas de quando e como orientar*

Nesta categoria, os I/T descrevem a forma como percebem os próprios comportamentos nos jogos de competições formais escolares. Em uma primeira descrição os I/T relatam que a experiência, ou seja, o passar do tempo alterou algumas formas de conduta “à beira da quadra”. Da mesma forma, eles indicam que essa alteração do humor também se relaciona ao tipo de jogo que está em disputa e ao resultado da partida. Abaixo alguns trechos das falas dos I/T ilustram essas colocações:

Acho que isso eu fui amadurecendo com o tempo, acho que antes, no começo eu era muito nervoso, então jogava sempre junto, estava sempre no calor do jogo (I/T 1).

Olha eu já fui mais bravo viu, mais gritante (I/T 2).

Muda demais, em função do resultado, mesmo sendo experiente... eu já melhorei bastante assim (I/T 4).

No começo eu era sim muito... como você fala... Como você dá bastante treino você sempre quer ganhar, você almeja a vitória. No começo eu ficava muito inflamado, eu chegava em casa e não dormia. Hoje em dia eu sou mais tranquilo (I/T 7).

Apesar dos relatos de que com o passar do tempo foram modificadas algumas posturas, os trechos abaixo relatam as dificuldades encontradas para que essas mudanças de atitudes se consolidem de fato. Ainda nem tão diferente:

Mas ainda hoje acho que o resultado da partida acaba influenciando o meu comportamento sim, tanto quando a gente está perdendo de muito, eu já sento no banco para me “desestressar” um pouco por que se eu ficar em pé a beira da quadra eu vou ficar muito nervoso, mas quando o jogo está pau a pau eu estou sempre ali do lado tentando passar algum tipo de orientação para estar jogando junto com eles (I/T 1).

Hoje mesmo citando uma final que eu acabei de fazer por exemplo, em alguns momentos eu tive que elevar a voz (I/T 2).

É certo que a gente tenta se segurar né mas é difícil, dependendo do torneio... se é um jogo amistoso a gente se controla tranquilo, mas quando é um campeonato ou quando a gente está disputando algo para a classificação ou por medalha, aí altera tanto do treinador quanto deles porque a competitividade vai a mil, o futsal ele tem isso né, mas uma competição que você entra para ganhar ele altera (I/T 3).

Mas é as vezes quando você está perdendo e perdendo de muito não é fácil não, de repente você vê algumas atitudes no outro banco, né o cara mandando o time ir para cima com cinco, seis a zero e o cara trocando e dizendo vai pra cima... você fica nervoso, que sai fora do controle um pouquinho (I/T 4).

Ah depende, eu sou bem ativo com eles, grito bastante, a gente tem que gritar para eles ouvirem, para eles saberem (I/T 5).

Nos jogos de competição formal, os I/T descrevem um comportamento no banco de reservas com a transmissão de orientações durante todo o jogo para os seus alunos. Relatam também uma alteração no humor e na forma de agir em função do resultado da partida e da importância que esta tem para o campeonato, por exemplo, uma final ou um jogo eliminatório.

Os relatos dos I/T de que com o passar do tempo as cobranças sobre seus alunos foi diminuindo e outros aspectos para além das vitórias passaram a ser considerados, ao aprofundar as respostas surgiram falas do tipo “quando estou perdendo de muito preciso sentar para desestressar” (I/T 1), ou “quando o jogo está pegado fico à beira da quadra jogando junto com eles” (I/T 1), “eu grito a todo momento para que eles mantenham o foco no jogo” (I/T 5), “eu cobro muito, mas cobro e digo para eles que cobro por que eles podem dar” (I/T 7), “eu cobro bastante, mas só aquilo que foi treinado” (I/T 6).

O comportamento variante se refere novamente ao *habitus* esportivo dos I/T, que atua como sistema de disposições para a prática, é um fundamento objetivo de condutas regulares, logo, da regularidade das condutas. Se for possível prever as práticas, é porque o *habitus* faz com que os agentes que o possuem comportem-se de uma determinada maneira em determinadas circunstâncias (BOURDIEU, 2004a).

No tocante às orientações durante o jogo competitivo formal, os I/T descrevem as suas preferências:

Ao longo do jogo mesmo, pois em função da idade nos pedidos de tempo eles não se concentram muito, começam a conversar um com o outro, e as vezes eu preciso dar uma chamada do tipo, eu pedi tempo para que eu fale com vocês (I/T 1).

Prefiro no tempo e intervalo, durante o jogo você grita, mais por algum erro, e acaba alterando um pouco a voz, mas a correção mesmo e explicar é no intervalo e no final do jogo (I/T 3).

Bom, é eu gosto do jogo, e também de trabalhar com o banco, as vezes eu troco o aluno para conversar com ele no banco e aí falo para ele, gosto de cantar o jogo também (I/T 4).

Eu tento estar sempre corrigindo alguma coisa, e me policiando também para não deixar eles nervosos, isso já aconteceu... principalmente com as meninas. Então eu tento me policiar um pouco, mas eu tenho uma atitude ativa assim, tô sempre gritando, e corrigindo, tentando passar instruções (I/T 5).

Eu tento orientar a todo momento, principalmente em termos de marcação, porque como a gente já vivenciou muito, eu consigo ver o que o menino vai fazer, eu enxergo para onde ele vai cortar, eu consigo ver isso, então eu vou cantando, olha a direita, olha a esquerda, então a gente consegue definir isso. Lógico que o menino não tem essa experiência nossa, a nossa vivência então ele não vai conseguir, mas eu tento passar isso para eles. Porque na hora em que você pede tempo no máximo você consegue falar duas três palavrinhas e acertar alguma coisa. Jogando você consegue falar com eles, e eu procuro falar principalmente com meu fixo e com o meu goleiro, porque de trás eles conseguem ver o jogo melhor. Então para eles acertarem também a marcação dos meninos (I/T 7).

Pelos trechos destacados dos discursos dos I/T, pode-se supor que eles permitem pouca liberdade de ação para seus jogadores. As falas descrevem um comportamento de orientação constante que deixa pouco espaço para o aluno decidir sobre as ações que poderia ou não tomar para resolver os problemas do jogo.

O *habitus* como aprendizado social, permite a produção de uma infinidade de atos que estão inscritos no jogo. Em estado de possibilidades de exigências objetivas, as coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras, impõem-se àqueles que, por terem o sentido do jogo, ou seja, o senso da necessidade imanente do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las (BOURDIEU, 2004a). Isso se transpõe facilmente para o caso do esporte. Especialmente para este caso, provavelmente baseados no Sentido oficial do esporte, que consolida a ideia do I/T líder, aquele que orienta seus discípulos para o caminho da vitória. Assim, possivelmente, os I/T imaginam que se não agirem desta forma, não estarão realizando o seu ofício da maneira que todos esperam.

Porém, o contributo entre as orientações e as práticas pautadas em um estilo predominantemente autoritário e instrumental dos I/T podem ter um custo negativo para os alunos. Em uma atividade de pouca interação, pode ocorrer a perda do interesse daquele que é

apenas comandado. As relações que se estabelecem com uma distribuição de poder acentuadamente desigual, diminuem o empoderamento do jogador e inibem a sua criatividade. Isso pode ocasionar um desinteresse e até mesmo um abandono precoce da prática esportiva (JONES, 2007; CUSHION; JONES, 2014; BARKER-RUCHTI et al., 2014).

Talvez percebendo que às vezes esse comportamento pode ser prejudicial os I/T, cada um à sua maneira, agem de maneira diferenciada e, em alguns casos, ambígua. Os trechos abaixo ilustram momentos em que os I/T descrevem apoiar seus alunos ou não os pressionar tanto em relação a possíveis insucessos nas competições esportivas formais:

Eu cobro mais na intenção do menino despertar, mas em seguida eu tenho uma frase ou um termo de apoio, porque eu aprendi com um ex-treinador Nicolino Bello, um professor daqueles com discursos antigos, que diz que o atleta acaba sempre ouvindo mais a última frase, desta forma sempre que eu faço uma crítica em seguida vem uma frase de incentivo, lembrando do que ele é capaz (I/T 2).

Mas meu estilo assim, eu não cobro tanto das crianças, eu reclamo mais com o árbitro e menos com os alunos, só seu tiver muito nervoso. Mas eu melhorei bastante. Mas não é fácil não (I/T 4).

Sou bem ativo com eles, grito bastante para que eles prestem atenção, para que eles consigam um resultado melhor, mas eu tento me conter para não tornar uma coisa agressiva. Porque também não é o objetivo, o objetivo não é tanto o alto rendimento (I/T 5).

A minha atitude, eu cobro muito, eu cobro o que foi treinado. Nada além disso. E disposição e atitude, porque eles estão preparados para isso, nós treinamos para isso (I/T 6).

Eu cobro muito, mas falo para eles que eu só cobro porque sei o que eles podem dar. Quando tem algum menino que é mais fraco, destes então eu cobro menos ainda. Eles estão ali para te ajudar, então é isso que hoje em dia eu valorizo muito. Eu já aprendi assim não adianta você xingar, cobrar o aluno. Tem aluno que se você xingar ele cresce, mas a maioria principalmente os pequenos quanto mais você grita, mais ele abaixa a cabeça, ele some. Então eu entro na quadra dou um abraço no menino, beijo a cabeça dele, e falo: não faz mal que você errou, futsal é assim mesmo (I/T 7).

Três I/T que relataram cobrar dos alunos também citaram atitudes de apoio nos momentos de dificuldade. Por exemplo, em um erro cometido, “dar um abraço no menino e um beijo na cabeça” (I/T 7), “sempre após uma crítica vem uma frase de incentivo” (I/T 2). Em mais uma oportunidade, nota-se a complexidade do trabalho do I/T e a quantidade de situações que extrapolam o reducionismo de apenas treinar bem o time fortalecendo aspectos técnicos e táticos. Mesmo os I/T deste trabalho, que pelas suas falas demonstram uma aproximação maior com o sentido oficial da prática esportiva, conseguem também agir de maneira diferenciada,

por vezes, relativizando o resultado final de vitória e conquista de títulos esportivos, para apoiar o seu aluno em um momento de dificuldade.

Para entender essa situação ambígua vivida pelos I/T, pode se fazer uso da elasticidade semântica. Apesar de finita, permite escolhas entre as diferentes possibilidades oferecidas, mesmo que as escolhas estejam diante de um espaço restrito dos possíveis. Por exemplo, a situação sugerida pelo I/T 3, em um dos eixos anteriores, expondo que é refém da direção da escola, que impõe a ele certas exigências no tocante a resultados de vitória e títulos esportivos. Ainda assim, mesmo dentro desse espaço restrito de possibilidades, este I/T pode tentar escolher alternativas menos ruins.

A elasticidade semântica também se sujeita a variações no tempo. O sentido está sempre colocado em expectativa e é relativamente indeterminado. Esse elemento de incerteza fornece uma base para a pluralidade de visões de mundo e de pontos de vista (BOURDIEU, 2004a). Essas colocações de Bourdieu possibilitam entender que os I/T, mesmo com suas práticas estruturadas por um *habitus* esportivo semelhante, podem agir de maneiras mais ou menos distintas. Em alguns casos, o próprio I/T age de maneira diferentes em situações semelhantes às de seus colegas de profissão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o sentido e os objetivos atribuídos à prática esportiva escolar, pelos sete I/T de futsal no ambiente extracurricular de sete escolas particulares da cidade de Ribeirão Preto/SP não foi tarefa simples, a proximidade e a familiaridade com o objeto de análise são fatores que trazem consigo boas estimativas. Porém, em dadas circunstâncias podem ser prejudiciais.

Ao mesmo tempo em que estudar os sentidos atribuídos à prática esportiva para os I/T foi uma missão árdua, foi também gratificante. Enquanto interpretava as falas dos I/T, um sentimento de solidariedade se percebeu, e o desejo de construir coletivamente uma estrutura esportiva que favoreça uma maior participação de crianças e jovens se fortaleceu. Aqui não cabem julgamentos, mas fazem-se necessárias reflexões.

Diante destas sensações é possível inferir que as respostas a que este estudo se propunha foram encontradas. Considerando sempre que essas respostas dizem respeito ao contexto restrito e específico estudado neste trabalho. Foi possível perceber que o sentido da prática esportiva para esses I/T se aproxima mais ao Sentido oficial do esporte. O que não exclui algumas atitudes dos mesmos I/T que por vezes se aproximam do sentido ressignificado das práticas esportivas.

A falas dos I/T que colocam as vitórias, e as conquistas esportivas como centrais, e a forma que os mesmos descrevem seus modos de agir, permitem relacionar a predominância do Sentido oficial do esporte. Isso se destaca ainda mais quando os mesmos relatam as suas motivações e critérios para convocar e selecionar seus alunos para jogos e campeonatos, sempre preocupados em levar os considerados “com mais condições” de apresentar bons desempenhos. Fica mais nítido ainda quando os I/T descrevem sua postura em situação de jogo transmitindo orientações e a forma com que realizam as substituições durante os jogos, sempre privilegiando o placar esportivo em detrimento da participação de todos.

O sentido ressignificado apareceu de forma bem tímida em algumas colocações sobre a possibilidade de sacrificar o resultado esportivo para oferecer a todos a oportunidade de jogar (apenas um I/T colocou essa possibilidade). Em outro momento, foi citado também por outro I/T a preocupação em não frustrar os alunos nos momentos da convocação. Preocupação em três direções: tanto da frustração em não ir para o jogo, como da frustração de ir para o jogo e não entrar ou entrar pouco tempo e ainda de entrar e não conseguir o desempenho esportivo esperado pelo contexto (I/T, colegas de time, pais).

Quando se verifica os objetivos e expectativas descritos, percebe-se uma diversidade deles:

- a) A intenção de formar um bom cidadão, capacitado com valores ensinados pelo esporte que possivelmente serão transferidos para a vida em sociedade;
- b) Ensino de uma cultura esportiva a ser usufruída por toda a vida principalmente de forma amadora e em momentos de lazer;
- c) De forma mais discreta, a possibilidade de contribuição para a formação de um atleta profissional;
- d) Objetivos competitivos imediatos de vencer jogos e campeonatos escolares.

Quando se verifica as razões e justificativas para o ensino, percebe-se:

- a) Formação do cidadão;
- b) Alternativa frente ao sedentarismo, principalmente associados ao equilíbrio do tempo gasto em atividades eletrônicas de baixa ou nenhuma movimentação;
- c) Se concentra prioritariamente nos resultados esportivos em competições escolares.

Portanto, ao se investigar como os instrutores/treinadores descrevem a própria atuação, foi possível perceber um cenário mais próximo do sentido oficial da prática esportiva, semelhante ao alto rendimento. Não nas recompensas financeiras e no profissionalismo dos atletas, mas um sentido oficial da prática esportiva presente no *habitus* dos agentes envolvidos neste contexto estudado. Os I/T organizam suas equipes, cobram de seus alunos e percebem o seu sucesso baseado nos resultados esportivos vinculados a vitórias e títulos em competições escolares.

Diante desta constatação, são pertinentes alguns questionamentos: seria este o sentido mais adequado para o ambiente escolar extracurricular? Seria esta a melhor forma de convocar e selecionar alunos para as competições escolares? Seria esta a melhor maneira de participação em competições escolares? Desta forma, a participação esportiva escolar para além das aulas de Educação Física curriculares está ao alcance de todos os alunos e alunas que manifestem vontade de ingressar neste processo? Em que medida o ambiente escolar extracurricular esportivo reproduz ou transforma as práticas esportivas pautadas pelo modelo do alto rendimento?

As respostas a estas questões serão relativas aos óculos que o leitor deste estudo escolher utilizar, ou seja, de acordo com o seu próprio *habitus*. Uma leitura sob a preferência do sentido oficial do esporte poderia responder a essas questões com as seguintes afirmações:

- 1) O ambiente extracurricular esportivo permite ser interpretado como um local de desenvolvimento de equipes esportivas de competições que muitas vezes levam o nome da instituição e são utilizadas como ferramentas de marketing para a divulgação da escola e captação de alunos.

- 2) O esporte é seletivo, a inclusão de todos os interessados já ocorre nas aulas curriculares, portanto o ambiente extracurricular é mesmo para os “que tem mais condições” utilizando termo retirado das entrevistas dos I/T deste estudo.
- 3) O Sentido oficial do esporte de alto rendimento tem que ser reproduzido mesmo no ambiente extracurricular, pois ele ensina que a vitória é fundamental e que na sociedade capitalista não tem espaço para perdedores.

Uma leitura sob a luz do esporte ressignificado, opção preferida e indicada por este estudo, colocaria:

- 1) É preciso rever o sistema de competições escolares, em um primeiro momento adaptando e modificando regras que permitam uma participação maior de todos aqueles que se interessam em ingressar em um processo de formação esportiva para além das aulas curriculares de Educação Física. Ao mesmo tempo, proporcionar debates reflexivos com todos os agentes envolvidos sobre o papel social do esporte escolar extracurricular.
- 2) Valorizar mais os processos envolvidos do que apenas o produto (vitórias e títulos em competições).
- 3) Questionar o Sentido oficial do esporte como único ideal de sucesso esportivo.

O principal limite deste estudo envolve a não observação da atuação propriamente dita dos I/T. Desta forma, todas as interpretações aqui são baseadas na confiança das falas que os I/T fizeram sobre seus modos de pensar e agir.

Considera-se ainda que este estudo qualitativo retrata um específico contexto estudado, de modo que todas as relações aqui estabelecidas se referem a este ambiente de prática investigado. Por isso, faz-se necessário mais pesquisas, estudos e trabalhos, em outros contextos e ambientes de prática, que relacionem os agentes do campo esportivo e os sentidos da prática esportiva, para que se ampliem as discussões e as reflexões acerca deste tema.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, H.; REIS, H. H. B. Futsal feminino na América do Sul: trajetórias de enfrentamentos e de conquistas. **Movimento, Porto Alegre**, v. 19, n. 03, p. 211-232, 2013.
- ANDRADE JR, J. R.; CAREGNATO, A. F.; CAVICHIOILLI, F. R. et al. Futsal, um sonho Olímpico: o jogo de poder FIFA x COI. **Pensar a Prática, Goiânia**, v. 19, n. 2, abr./jun. 2016.
- BARKER-RUCHTI, N.; BARKER, D.; RYNNE, S. B.; LEE, J. Learning cultures and cultural learning in high-performance sport: opportunities for sport pedagogues. **Physical Education and Sport Pedagogy**. v.21, n.1, p.1-9, 2016.
- BARKER-RUCHTI, N.; RYNNE, S.; LEE, J.; BARKER, D. Athlete learning in Olympic sport. **Sports coaching Review**. v.3:2, n.2, p.162-178, 2014.
- BELLO JR, N. Futsal uma reflexão pedagógica. In: NISTA-PICCOLO, V.; TOLEDO, E. **Abordagens Pedagógicas do Esporte: modalidades convencionais e não convencionais**. Papirus. Campinas, SP, 2014.
- BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, p.136-153, 1983a.
- _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b.
- _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2004a,
- _____. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, p. 207-220, 2004b.
- _____. **Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico**. Ed. UNESP, São Paulo, p.18-30, 2004c.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. Perspectiva: São Paulo, 6ª edição, 2007.
- _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Papirus: Campinas, 11ª edição, 2011.
- _____. **O poder simbólico**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 16ª edição, 2012.
- _____. **A distinção: a crítica social do julgamento**. Ed. Zouk: Porto Alegre, 2013.
- BOURDIEU, P; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (Orgs.). **Escritos de Educação**. 16ª ed. Vozes: Petrópolis, 2015.
- BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 6ª edição. Vozes: Petrópolis, 2013.
- _____. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Editora da UFSC, Florianópolis, 2014.

CACHÓN-ZAGALAZ, J.; RODRIGO-CONDE, S. M.; CAMPOY-ARANDA, T.J.; LINARES-GIRELA, D.; ZAGALAZ-SÁNCHEZ, M.L. Fútbol sala y educación. Aprendizaje de un deporte colectivo para los escolares. **Journal of Sport and Health Research**. v. 4, n. 3, p. 245-254, 2012.

CAREGNATO, A. F. et al. A produção científica sobre futsal: análise de dissertações e teses publicadas no portal da Capes entre 1996-2012. **Motrivivência**. v. 27, n. 46, p. 15-34, 2015.

CARON, A. E. G. et al. Desenvolvimento humano e transmissão de valores nos projetos socioesportivos do instituto compartilhar: a perspectiva dos ex-alunos. **Motrivivência**. v. 29, n. 50, p. 31-49, 2017.

CHARMAZ, K. **A construção da Teoria Fundamentada: guia prático para análise qualitativa**. Artmed: Porto Alegre, 2009.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL, CBFS. **Livro Nacional de Regras 2017**. < <http://www.cbfs.com.br> >. Acesso em: 28 de outubro de 2017.

CUSHION, C. J.; ARMOUR, K. M.; JONES, R. L. Coach Education and Continuing Professional Development: Experience and Learning to Coach. **QUEST**, v. 55, p. 215-230, 2003.

CUSHION, C; FORD, P.R; WILLIAMS, M. Coach behaviours and practice structures in youth soccer: Implications for talent development. **Journal of Sports Sciences**, v. 30, n. 15, p. 1631-1641, 2012.

CUSHION, C. J.; JONES, R. L. Power, Discourse, and Symbolic Violence in Professional Youth Soccer: The Case of Albion Football Club. **Sociology of Sport Journal**. v. 23, p.142-161, 2006.

CUSHION, C. J.; JONES, R. L. A Bourdieusian analysis of cultural reproduction: socialisation and the 'hidden curriculum' in professional football. **Sport, Education and Society**, v.19, n.3, p. 276-298, 2014.

CUSHION, C. J. et al. Coach Learning and Development A review of literature. **Research Report**, 2010.

DARIDO, S.C. et al. **Educação Física e Temas Transversais: Possibilidades de aplicação**. Mackenzie: São Paulo, 2006.

FRASER-THOMAS, J.; CÔTÉ, J; DEAKIN, J. Examining Adolescent Sport Dropout and Prolonged Engagement from a Developmental Perspective. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 20, n. 3, p. 318-333, 2008.

FREIRE, J.B. **Pedagogia do Futebol**. Autores Associados: Campinas-SP, 2003.

GALATTI L. R. et al. Pedagogia do esporte e competição infantil: análise e proposições a partir do Karatê de Contato. **Revista Movimento e Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, v. 8, n. 11, p.169-185, 2007.

GALATTI, L. R. et al. Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Conexões**, Campinas, v. 6, p. 397-408, 2008.

GARGANTA, J. A Propósito do desenvolvimento da identificação e da atualização do talento para treinar e jogar futebol. In: Nascimento, J. V.; Ramos, V.; Tavares, F. **Jogos Desportivos: formação e investigação**. UDESC, Florianópolis, p. 463-484 2013.

GASQUE, K. C. G. D. Indicador de atividade reflexiva e teoria fundamentada: o pensamento reflexivo na busca e no uso da informação. **TransInformação**, Campinas, v. 23, p. 39-49, 2011.

GLASER, B.G.; STRAUSS, A.L. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. Aldine de Gruyter: New York, 1967.

GRECO, P. J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L.M. **Temas Atuais VI em Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Saúde, 2001. p. 48-72.

GRIEVE, S.; GARRIDO, N. **From futsal to soccer: everything you wanted to know about coaching futsal...and how can use it to develop better soccer players**. World class coaching. Overland Park, 2014.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em < <http://www.cidades.ibge.gov.br/> >. Acesso em: 28 de outubro de 2017.

JONES, R. L. Coaching redefined: an everyday pedagogical endeavour. **Sport, Education and Society**, v. 12, n. 2, p. 159–173, 2007.

JONES, R. L., ARMOUR, K. M.; POTRAC, P. Understanding the Coaching Process: A Framework for Social Analysis. **Quest**, v. 54, p. 34-48, 2002.

JONES, R. L.; MORGAN, K.; HARRIS, K. Developing coaching pedagogy: seeking a better integration of theory and practice. **Sport, Education and Society**, 2011.

LA TAILLE, Y.; MENIN, M. S. S. Introdução. In. LA TAILLE, Y.; MENIN, M. S. S. (Org.) **Crise de valores ou valores em crise?** Artmed: Porto Alegre, 2009.

LEITE, F. Raciocínio e procedimentos da Grounded Theory Construtivista. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação** v. 3, n. 6, p.76-85, 2015.

LETTNIN, C.C. **Esporte escolar: razão e finalidades**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. SC, 2005.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12ª edição. Cortez: São Paulo, 2010.

LOVISOLO, H. Mediação: esporte rendimento e esporte da escola. **Movimento**, v. VII, n. 15, p. 107-117, 2001.

LUGUETTI, C. N.; BASTOS, F. C.; BÖHME, M. T. S. Gestão de práticas esportivas escolares no ensino fundamental no município de Santos. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.2, p.237-49, 2011

LUGUETTI, C. N. et al. O planejamento das práticas esportivas escolares no ensino fundamental na cidade de Santos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 37, n. 4, p. 314-322, 2015.

MARCHI JUNIOR, W; AFONSO, G.F Globalização e Esporte: Apontamentos introdutórios para um debate. In: RIBEIRO, L.; (Org.) **Futebol e Globalização**. Fontoura: Jundiaí, 2007.

MARQUES, R. F. R. O conceito de esporte como fenômeno globalizado: pluralidade e controvérsias. **Revista ODEP**. v. 1, n. 1, p. 147-185, 2015a.

MARQUES, R. F. R. **Contribuições da obra de Pierre Bourdieu para a pesquisa em sociologia do esporte no século XXI**. In: Grupo de pesquisas interdisciplinares em sociologia do esporte, núcleo interdisciplinar de pesquisa em futebol e modalidades lúdicas (Orgs.). II Encontro Paulista de Sociologia do Esporte. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, p. 8-35, 2015b.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L. Ações cooperativas e competitivas e as relações interpessoais no mercado de trabalho. In: VILARTA, R.; CARVALHO, T. H. P. F. de; GONÇALVES, A.; GUTIERREZ, G. L. (Org.). **Qualidade de vida e fadiga institucional**. Campinas: IPES, p. 31-46, 2006.

MARQUES, R. F. R; GUTIERREZ, L. G.; ALMEIDA, M. A. B. O Esporte Contemporâneo e o Modelo de Concepção das Formas de Manifestações do Esporte. **CONEXÕES**, v. 6, n. 2. Campinas, 2008.

MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M.; MENEZES, R. P. Sports coaching science in Brazil. **Sports coaching review**, 2016.

MARQUES, R. F. R; SCHUBRING, A.; NUNOMURA, M.; MENEZES, R. P. Futsal over football: a study on young Brazilian men players' move into futsal career. In: **Libro de artículos del V Congreso Latinoamericano de Estudios Socioculturales del Deporte**. No prelo.

MARQUES, R. F. R. et al. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.23, n.4, p.365-77, 2009.

MARQUES, R. F. R. et al. Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, v. 28, n. 2, p. 293-304, São Paulo, 2014.

MATTHEWS, N.; FLEMING, S.; JONES, R. L. Sociology for coaches. In: **An Introduction to Sports Coaching: Connecting Theory to Practice**. Chapter, 5 p. 69-81, Routledge: New York, 2013.

MENEZES, R.P.; MARQUES, R.F.R.; NUNOMURA, M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Movimento**, v. 20, n. 01, p. 351-373, Porto Alegre, 2014.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: Teoria método e criatividade**. Vozes: Petrópolis-RJ, 2016.

MINISTÉRIO DO ESPORTE: **Programa Orçamentário Vivência e Iniciação Esportiva Educacional Segundo Tempo**. Disponível em < <http://portal.esporte.gov.br/snee/segundotempo/> >. Acesso em: março de 2015.

MONTAGNER, P. C.; SCAGLIA, A. J. Pedagogia da Competição: teoria e proposta de sistematização nas escolas de esporte. In: REVERDITO, R.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. (Org.) **Pedagogia do Esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Ed. Phorte, 2013. cap. 7, p. 193-216.

NOGUEIRA, M. A; NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu & a Educação**. 4ª ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2016.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. **Os herdeiros: fundamentos para uma sociologia do ensino superior**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 36, n. 130, p. 47-62, 2015

NOVAES, R. B.; RIGON, T. A.; DANTAS, L. E. P. B. T. Modelo do jogo de futsal e subsídios para o ensino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 1039-1060, 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO PRETO. **JOGOS DA PRIMAVERA** - Ribeirão Preto – SP. Disponível em < <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/J201/grupos> > Acesso em: 28 de outubro de 2017.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior [On the road: Brazilian football players abroad]. **Horizontes antropológicos**. n.14, v.30, p.21-65. 2008.

RICCI, S. R.; MARQUES R. F. R. Participação, desigualdades e desafios em uma competição esportiva escolar de futsal na categoria sub-13. In: **Libro de artículos del V Congreso Latinoamericano de Estudios Socioculturales del Deporte**. No prelo.

REVERDITO, R. S. et al. Competições Escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 37-45, 2008.

SANTANA, W.C. **A visão estratégico-tática de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal**. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2008a.

_____. **Futsal: Apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização.** 2ª ed. Autores Associados: Campinas-SP, 2008b.

_____. **A pedagogia do esporte e a moralidade infantil.** Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas Campinas-SP, 2003.

_____. **Futsal: Metodologia da participação.** Lido: Londrina-PR, 1996.

SANTOS, A. L.; SIMÕES, A. C. A influência da participação de alunos em práticas esportivas escolares na percepção do clima ambiental da escola. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.7, n.1, p.26-35, 2007.

SCAGLIA, A. J. **O futebol e as brincadeiras de bola: a família dos jogos com os pés.** Ed. Phorte: São Paulo, 2011.

SCAGLIA, A. J.; MEDEIROS, M.; SADI, R. S. **Competições Pedagógicas e Festivais Esportivos.** Seminário Nacional Esporte Escolar e Inclusão Social. Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília – UnB – Ministério do Esporte – ME, 2003.

_____. Competições Pedagógicas e Festivais esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. In: REVERDITO, R.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. (Org.) **Pedagogia do Esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados.** São Paulo: Ed. Phorte, 2013. cap. 8, p. 219-236.

SEADE - **Fundação Sistema Estadual de Análises de Dados.** Disponível em < <http://produtos.seade.gov.br/> >. Acesso em: 19 de outubro de 2016.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO SEESP. JEESP - **Jogos Escolares do Estado de São Paulo.** Disponível em < <http://jeesp.org.br/> >. Acesso em: março de 2016.

SOUZA, C.A.M.; VAZ, A.F; BARTHOLO, T.F. (2008). Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros [Tough reconversion: football, Project and destiny of Brazilian boys]. **Horizontes Antropológicos**, n.14, v.30, p.85-111, 2008.

SOUZA, J.; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Movimento.** Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 293-315, 2010.

STIGGER, M. P. **Educação Física, esporte e diversidade.** Autores Associados: Campinas, 2005.

STRAUSS, A; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada.** 2ª ed. Artmed: Porto Alegre, 2008.

TELELISTAS ESCOLAS PARTICULARES DE RIBEIRÃO PRETO. Disponível em < <http://www.telelistas.net/sp/ribeirao+preto> >. Acesso em: março de 2016.

WACQUANT, L. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. **Revista Sociologia Política**. Curitiba, v. 26, p. 13-29, jun, 2006.

_____. Esclarecer o Habitus. **Educação & Linguagem**. Ano 10, n. 16, 63-71, 2007.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer de aprovação do comitê de ética em pesquisa

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Razões e objetivos do ensino de futsal no ambiente extracurricular de escolas particulares da cidade de Ribeirão Preto SP: a perspectiva dos instrutores.

Pesquisador: CHRISTIANO STREB RICCI

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 52319315.3.0000.5407

Instituição Proponente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto- USP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.439.271

Apresentação do Projeto:

Vide parecer anterior

Objetivo da Pesquisa:

Vide parecer anterior

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Vide parecer anterior

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide parecer anterior

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide parecer anterior

Recomendações:**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Todas as pendências foram atendidas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: Av. Bandeirantes 3.900

Bairro: Monte Alegre

CEP: 14.040-901

UF: SP

Município: RIBEIRAO PRETO

Telefone: (16)3315-4811

Fax: (16)3315-9101

E-mail: coetp@ffclrp.usp.br

Continuação do Parecer: 1.439.271

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_604569.pdf	01/03/2016 00:02:21		Aceito
Outros	Carta_resposta_CEP_29_2_2016.pdf	01/03/2016 00:01:52	CHRISTIANO STREB RICCI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Plataforma_Brasil_Versao2.pdf	06/12/2015 19:49:18	CHRISTIANO STREB RICCI	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_plataforma_brasil.pdf	13/11/2015 15:16:10	CHRISTIANO STREB RICCI	Aceito
Outros	Autorizacao.pdf	13/11/2015 15:14:31	CHRISTIANO STREB RICCI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_plataforma.pdf	07/10/2015 00:49:56	CHRISTIANO STREB RICCI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_plataforma.pdf	07/10/2015 00:44:06	CHRISTIANO STREB RICCI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Avaliação da CONEP:

Não

RIBEIRÃO PRETO, 06 de Março de 2016

Assinado por:
Marina Rezende Bazon
(Coordenador)

Endereço: Av. Bandeirantes 3.900
Bairro: Monte Alegre CEP: 14.040-901
UF: SP Município: RIBEIRÃO PRETO
Telefone: (16)3315-4811 Fax: (16)3315-9101 E-mail: coetp@ffclrp.usp.br

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) Sr (a). foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **intitulada** “*Razões e objetivos do ensino de futsal no ambiente extracurricular de escolas particulares da cidade de Ribeirão Preto – SP: a perspectiva dos instrutores/treinadores*”, que tem como pesquisador responsável Christiano Streb Ricci sob orientação do Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques. O **objetivo** deste estudo é analisar o sentido atribuído da prática esportiva escolar, descrito por instrutores/treinadores de futsal no ambiente extracurricular. Este estudo tem como **método** de coleta de dados a aplicação de uma entrevista com instrutores/treinadores de futsal do ambiente extracurricular escolar.

Suas respostas serão tratadas de forma **anônima e confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome não aparecerá em qualquer momento. Os **dados coletados** serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder a entrevista, que será gravada em áudio para posterior análise, visto que isso possibilita a preservação dos dados e análise sobre os temas tratados. Após a utilização do áudio e transcrição das entrevistas, os arquivos serão guardados por 5 anos e após este período serão descartados. O tempo de duração aproximado da entrevista é de 30 a 40 minutos. Esta será realizada pelo pesquisador responsável em local escolhido pelo Sr.

O(a) Sr(a). não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras, no entanto caso haja algum custo eventual será efetuado o ressarcimento**. Esta pesquisa não envolve riscos previsíveis relacionados à sua participação. O **benefício** relacionado à sua participação será de aumentar o conhecimento científico para a área de Educação Física e Esporte.

O Comitê de ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP se coloca à disposição para eventuais dúvidas e esclarecimentos sobre as questões éticas deste Projeto pelos telefones: Fones: (16) 3315-4811 - Fone/fax: (16) 3315-9101 e

E-mail: coetp@ffclrp.usp.br.

O(a) Sr(a). também receberá uma via deste termo onde consta o telefone/e-mail do pesquisador responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradeço!

Pesquisador responsável

Pesquisador responsável:

Christiano Streb Ricci

Programa em Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP).
Universidade de São Paulo. Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP.

Telefone: (16) 99149-4528 e-mail: christiano.ricci@usp.br

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO, e que minhas respostas à entrevista serão gravadas em áudio e estou de acordo em participar do estudo proposto sob tais condições, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa: _____
(nome por extenso e assinatura e data)

APÊNDICE B – Entrevista semiestruturada alterada após a qualificação

Razões e objetivos do ensino de futsal no ambiente extracurricular de escolas particulares da cidade de Ribeirão Preto/SP: a perspectiva dos instrutores/treinadores.

Entrevista semiestruturada:

Caracterização dos Participantes:

- 1) Idade? Onde se formou? Ano de formação?
- 2) Atua como treinador/instrutor de futsal na escola há quantos anos? E em alguma outra instituição além da escolar (clube, universidade, escola de futebol ou futsal)? Identifique.
- 3) Fale sobre sua experiência esportiva como praticante. E conte sua trajetória profissional até começar a trabalhar com o futsal escolar.
- 4) Fale sobre suas iniciativas para formação continuada/reciclagem nos últimos 5 anos (cursos, leituras, pesquisas).

Sentido – Por que e com que Finalidade ensinam Futsal:

- 5) Trabalha na EF curricular na mesma escola em que trabalha com PEEEs? Existem diferenças entre ensinar futsal na EF curricular e na extracurricular? Se existem, o que é diferente?
- 6) Quais são seus objetivos ao ensinar o futsal na escola (por que você ensina o futsal na escola)? O que você gostaria que os alunos aprendessem sobre e com o futsal? O que você gostaria que eles fizessem com o que eles aprendem sobre o futsal?
- 7) Fale sobre a competição escolar. Qual a importância que ela tem para você?
- 8) Entre todos os objetivos relatados por você ao ensinar futsal qual é o principal? Fale um pouco mais sobre ele.

Atitude – Como age o instrutor/treinador:

- 9) Quantos alunos você tem nas categorias que já disputam as competições escolares? Quantos você costuma levar para os jogos? O número máximo permitido ou alguns não vão para o jogo mesmo que sobrem vagas na súmula? E quando o número de alunos treinando é maior do que o permitido pelo regulamento, o que você faz?
- 10) Quais são seus critérios de convocação para treinos e jogos de competição?
- 11) Como você organiza sua equipe para os jogos (tem titular e reserva)? Como você divide o tempo deles em quadra (uns jogam mais do que outros)? Essa divisão de tempo se relaciona com o placar do jogo ou em função do nível técnico do adversário?
- 12) Você estimula a competição interna em sua equipe por disputas pela titularidade? Você incentiva a competição nos jogos desenvolvidos em aula? De que maneira?
- 13) Você se sente pressionado para vencer partidas e campeonatos, fale mais sobre a origem desta pressão (como você reage a essa pressão se ela houver?).
- 14) Como você descreve seu comportamento no banco durante uma partida disputada pela sua equipe? Ele muda em função do resultado?
- 15) Fale sobre a presença de pais assistindo a jogos e treinos. Quando eles passam instrução para os filhos ou mesmo para outros jogadores da equipe, isso te incomoda? Como você lida com essa situação? Você já foi ofendido por algum pai? (Se não existe o conflito, como você reagiria caso houvesse?)
- 16) Você explica a sua forma de trabalhar para os pais? De que forma você faz isso?
- 17) Como é a sua relação com a direção da escola, existe alguma cobrança? O que você pensa disso? (Se não existe a cobrança, como você reagiria caso houvesse?)

Método de treino – Como é o seu treino:

- 18) Quantas vezes você treina a sua equipe por semana? Quanto tempo por sessão de treino?
- 19) Quando próximo a competição você altera a rotina de sua equipe? O que por exemplo?
- 20) Como você organiza o seu treino (exercícios, jogos...)?
- 21) Tem algum aspecto que você considera relevante sobre o futsal na escola que não foi abordado nas questões anteriores? Fale sobre ele (s).

APÊNDICE C – Entrevista com o Instrutor/Treinador 1

Entrevista 1 – Instrutor de futsal 1 - 29/04/2016 – Tempo: 21 min 04seg.

C: Nome, idade, onde se formou e o ano de sua formação:

I/T 1: 27 anos, formado no ano de 2012.

C: E você atua com o futsal escolar há quantos anos?

I/T 1: Há 8 anos desde 2008, é isso.

C: Além do futsal escolar você atua também com o futsal em alguma instituição fora da escola?

I/T 1: Não.

C: Na mesma escola em que você trabalha com o futsal também atua na EF curricular?

I/T 1: Sim.

C: E no curricular o futsal está envolvido?

I/T 1: Envolve ele, mas de uma forma diferente né, o futsal extracurricular, mas com a parte tática, técnica, mais aprofundado. Na educação física, a gente dá uma introdução, tentando fazer mais a parte lúdica, com que eles se interessem pelo esporte mostrando as regras, que eles tenham mais conhecimento sobre o esporte mais não tão aprofundado, como no extracurricular.

C: Me fale agora sobre a sua experiência esportiva como praticante, como foi sua prática esportiva desde a infância até os dias de hoje.

I/T 1: Cara, eu posso falar assim, eu me interessei pela educação física em virtude acho que da minha professora, porque até a quarta série que hoje é o quinto ano, ela nunca fez jogo de futsal ou jogo de handebol, nunca teve isso. E a gente sempre achava estranho né, porque a gente queria jogar, mas sempre foi dança, luta, ela ensinava de tudo, todos aqueles princípios daqueles que a gente conhece da lateralidade, do tônus, equilíbrio, isso tudo ela passou até a quarta série. Ai da quinta série que hoje é o sexto ano até a oitava série, a gente tinha o futsal era a tarde só que era assim, largado, né, você vai lá e joga. Eu nunca fui instruído no futsal, para praticar, saber um posicionamento, saber as regras direito, até porque as regras foram mudadas bastante. Eu inclusive estudei no XXXX, e quando cheguei ao XXXXX eu tive o futsal um pouco mais elaborado no ensino médio. Mas assim posso te dizer que algumas coisas eu levei para a minha vida e outras não, então (pausa), a maioria não. Posso falar que minha experiência como jogador de futsal nunca foi muito grande. (pausa). É, comecei a gostar do futsal quando comecei a estudar, pesquisar e entender um pouco mais.

C: E tinha alguma outra modalidade de você se interessava na época?

I/T 1: Eu gostava de todas, menos de basquete.

C: Retomando agora a sua trajetória profissional dentro da educação física, como foi o caminho até se tornar instrutor de futsal?

I/T 1: Bom eu comecei dando aula de futebol na escolinha XXXXX que é o antigo XXXXX que hoje é o XXXXX na avenida XXXXX. E estava lá junto com o XXXXX (proprietário da escolinha), primeiro como estagiário sem nenhuma remuneração, e surgiu a oportunidade de assumir as aulas na

escola, o XXXXX me disse: “que no ano que vem na XXXXX vai abrir as turmas de futsal só que eu não quero mais dar aulas, eu cansei, você não quer começar a da aula lá para mim?”. Falei, não, eu vou, cheguei lá assim, uma escola pequena que não costumava participar de muitos campeonatos, e quando participava era meio deprimente porque eram aqueles jogos de levar goleada, mas que as vezes acontece, principalmente quando você está iniciando. Até porque eu também já tomei muita goleada na vida. Então tinha um pouco assim, os alunos queriam bastante participar, mas eles não tinham a autoconfiança ainda. E quando eu cheguei lá tinham alguns meninos bons que ficavam de fora das aulas. Então a gente tentou fazer de um jeito, um horário, que todos pudessem participar, os que também eram os mais craques que eles tinham me falado. Ai a gente conseguiu fazer uma turma nesse primeiro ano em XXXXX que participasse todo mundo. Nós acabamos sendo vice-campeão do XXXXX, com muita questão também de sorte, tínhamos um bom goleiro. E a partir daí o futsal lá na escola foi pegando, sabe. Então foram três anos bons dois vice-campeonatos e um título. Aí vieram dois anos muito ruins mesmo, que a gente não conseguia formar time que não tinham comprometimento do pessoal. E hoje já de uns dois três anos para cá que ficou melhor a coisa, e está cada vez engrenando mais o futsal.

C: Aproveitando o gancho que você destacou que seu ingresso na escola foi via futsal e não do curricular para o extra como também ocorre o inverso...

I/T 1: Exatamente, tanto que eu trabalho lá na escola a 8 anos com o futsal e só a dois na EF curricular.

C: Legal, aproveitando então essa colocação, essa talvez seja a pergunta centra da nossa conversa, eu gostaria de saber quais são os seus objetivos ao ensinar o futsal na escola, pensando agora nas aulas do extracurricular?

I/T 1: Acho que a primeira coisa é motivá-los para que eles estejam em competição com outras equipes, que é a primeira coisa. Para saber o quesito de ganhar e perder, é, (pausa), o que posso dizer mais assim, ter o conhecimento das regras, treinar não para ser um craque no esporte mas para nunca deixar de praticar esporte, quando chegar lá na universidade, que na universidade tem as turmas de treinamento também ele tenha interesse por algum esporte. E o futsal é o mais fácil de ser trabalhado na escola por causa da quadra, não tem como trabalhar o futebol a não ser algumas escolas que tem o espaço físico maior. Acho que esse é um dos principais objetivos. Tem muitos pais que também acham que o futsal é importante para o campo, para aqueles que querem ser jogador. Mas o nosso objetivo não é esse, formar ninguém jogador. Mas daqui ele vai sair tendo alguns conhecimentos de cobertura, no futsal todo mundo marca e todo mundo ataca, movimentação. Eu acho que ele sai como todos esses pré-requisitos do campo também já bem preparados. Mas o objetivo principal é tá competindo. É pela escola, porque eu acho assim, quando a gente está dentro do ambiente escolar, está fora da rua, está fora dos computadores e vídeo games, está no ambiente escolar que envolve educação, também né, nós estamos sempre educando. Pode ver que nos campeonatos que a gente participa não tem problema de briga, de pai querendo bater no outro pai que está lá fora, no juiz, sempre foi muito tranquilo pela minha

experiência no futsal. Acho que esse tem que ser o ponto de partida: eles estarem representando a escola que eles estudam. Ter um amor pelo lugar que eles estão ali, criar uma identidade.

C: Criar uma identidade?

I/T 1: Isso. Eu acho que esse é o ponto principal, saber que... Ter um vínculo com a escola realmente sabe. Sair da escola... Porque eu lembro da minha época de estudante, eu sai da escola e carrego até hoje. Então sair da escola sentindo saudade daquilo ali. E ao mesmo tempo estar preparado para alguma situação que possa aparecer lá na frente de disputar algum torneio, ou de jogar bola com os amigos, de ter uma vida mais ativa fisicamente também.

C: Levar o futsal como uma prática para toda a vida?

I/T 1: Isso. Como um lazer também. Mas que ele saiba, para que quando ele for jogar ele tenha um pouco de conhecimento a mais, assim, não ser aquele cara que ninguém quer levar. Que todo mundo queira que ele esteja junto, acho que é isso.

C: Legal, agora entrando em um aspecto um pouco mais específico, sobre as questões de competição. Com relação a convocação dos seus alunos. Que tipo de critérios você utiliza para fazer o selecionamento de seus alunos para uma competição?

I/T 1: Então, já é bem combinado isso com eles. Hoje eu posso levar todo mundo porque o número de alunos que eu tenho não é muito grande. Então eu estou podendo levar todos. Tem aqueles que a gente sabe que não tem muita condição de estar participando, não estão no mesmo nível que alguns outros. Mas a gente leva porque se tem algum jogo que você ou está ganhando de muito ou perdendo de muito, você consegue fazer essa troca e colocar todos para jogar. Eles vão sempre para os jogos sabendo, já na cabeça deles que não é porque eu estou convocado que necessariamente eu vou jogar. Mas eu acho que, é isso, criar o vínculo, porque as vezes não jogam mas eles estão ali junto com os amigos deles, estão ali torcendo, e eu sinto muito isso que eles mesmos não entrando as vezes, eles se sentem parte do grupo. Por enquanto eu posso fazer isso porque a escola não tem muito aluno. Não sei por quanto tempo mais eu consigo.

C: Se tivesse um número limite, por exemplo, de inscritos?

I/T 1: Se tiver limite de atletas inscritos, dez inscritos, então aí, eu vou ter que ver. Mas vamos supor que, uma coisa que eu falo muito: eu não trago para o jogo quem não treina. Então esse seria o primeiro quesito.

C: Mesmo o cara sendo bom de bola, se ele não estiver treinando você não convoca?

I/T 1: Isso, tem que estar treinando entendeu. Então esse é de onde eu parto para fazer as convocações.

C: Você sente alguma pressão para vencer as partidas? Seja essa pressão de qualquer origem.

I/T 1: Pressão só da minha parte mesmo.

C: Nenhuma exigência da diretoria ou pais?

I/T 1: Nada, nada, você não vê nenhum tipo de pressão desse jeito. Eu sinto essa pressão da minha parte. Se existir de pais... Da direção eu tenho certeza que não. Esse não é o principal objetivo da

escola. Se existir de pais é uma coisa bem guardada para eles que não chega até a mim. Mas a maior pressão de ganhar acho que vem de mim mesmo. De querer ganhar, de querer buscar. Mas sempre dentro de um limite.

C: Você me disse dentro de seu objetivo a importância de levar os alunos para competir, o que mais você poderia me dizer sobre a competição.

I/T 1: A competição na vida ela vai existir sempre, não tem como a gente fugir muito disso. É lógico se a gente for pensar em um mundo ideal que todo mundo coopera e todo mundo se ajuda e que a competição não existe é uma utopia né. Então a competição ela sempre vai existir. E eu acho que ele tem que saber lidar com esse fato. Entender que eu não posso fazer de tudo para ganhar, né, não posso passar por cima das regras, burlar a lei do jogo, desrespeitar o meu amigo que está ali do meu lado, porque e (pausa)... Como é a pergunta mesmo?

C: Para você falar sobre a competição no ambiente escolar.

I/T 1: Eu acho que ela, me fugiu o que eu queria te falar, (pausa)... ahhhhh eu acho que ela motiva eles a irem treinar, porque eles gostam de competir um com o outro. Acho que sempre dentro de um limite, tendo limite, sabendo que eu preciso ter respeito pelo meu amigo, que se eu perder não é o fim do mundo, eu acho que a competição é sempre válida.

C: A presença de pais assistindo treinos e ou jogos, como você vê isso?

I/T 1: Esse é muito difícil da gente falar né. Mas assim. (pausa) Posso fazer um paralelo do que vi no futebol de campo e o que eu vejo no ambiente escolar?

C: Com certeza.

I/T 1: Eu não vejo no ambiente escolar os pais influenciando tanto. Acho que torcem e vibram com o filho deles, mas não vejo nenhum pai desrespeitando o filho de outro, não vejo pai brigando em arquibancada quando é na questão escolar, não vejo nenhum pai xingando o moleque do outro time, ou mesmo algum menino do seu time tipo: “aquele menino é muito ruim, ele tem que sair, não entendo porque ele joga”, eu não vejo isso acontecer, não vi ainda. Enquanto que no futebol de campo eu vejo uma baderna total: é cara que entra dentro de campo e da soco no juiz que eu já vi isso acontecer. É cara que está ali e ele não sabe que são crianças que estão participando e fica ali bebendo cerveja, porque é um domingo dele de folga, ele está bebendo, ele está enchendo a cara. Não que beber seja errado, não posso nem falar isso porque a gente também toma uma cervejinha. Ele não sabe o limite, não percebe que são crianças que estão ali para serem educadas. Então no que eu vi no futebol de campo é uma baderna total. Eu já vi de tudo e ouvi histórias diferentes, sabe, aí ele fala: “não mas é porque o moleque tem que virar homem, ele tem que saber que a vida é assim...” Não sei se por estarem dentro da escola eles ficam intimidados em fazer isso, ou eu não sei se o público é diferente, isso que eu ainda não consegui diferenciar. Mas que é totalmente diferente é. Eu acho válido o pai vim aqui e saber o que está acontecendo, o que o filho dele está fazendo. Eu não acho ruim se tiver o limite, se ele tiver o respeito.

C: Quais seriam hoje para você as dificuldades de se trabalhar o futsal na escola?

I/T 1: Eu vou falar do que eu sinto as dificuldades na escola mais no espaço físico, nós temos uma quadra para usar para todo mundo no período da tarde e da manhã, então só tem o período da noite e tem outros esportes também para distribuir então essa é a maior dificuldade que eu enfrento hoje na escola, não ter o tempo hábil, então os meus treinos são de uma hora e quinze, para cada turma, para cada idade, acho que essa é a principal dificuldade. Eu não tenho a dificuldade, por exemplo, do pagamento, eu acho que isso me facilita muito não só no futsal, mas nos outros esportes também. A partir do 6º ano ninguém precisa mais pagar para treinar, acho que esse é um facilitador. Em outros lugares que pagam, acabam enfrentando um pouco mais de dificuldade, porque você tem a concorrência das escolinhas e querendo ou não as escolinhas estão pregando aí que trabalham e que vão formar jogadores e alguns pais se iludem por causa disso. E a gente não pode falar isso dentro da escola, porque nós vamos estar mentindo. Então eu acho que um facilitador é isso, não precisar pagar. É (pausa) para a turma do EFII, é bem mais fácil eu sair com eles para jogar, o EFI a burocracia para tirar do colégio atrapalha um pouco, então essa seria uma dificuldade. E conseguir conscientizar os meninos daquilo que falamos antes, a importância deles estarem identificados com a escola. Muitos parecem que já tem essa identidade que estão conseguindo criar essa identidade, que estão chamando os amigos para virem juntos com eles. Alguns ainda não conseguem, por causa do que já falamos lá, os vídeos games e tudo mais, não querem sair de casa. Às vezes eu tentava montar treino de sexta-feira para as meninas e elas não iam porque iam no shopping, sexta-feira era dia de ir ao shopping. Acho que quando a gente conseguir conscientizar todos os alunos a coisa fica muito fácil. Muito fácil mesmo, tanto que eu não estou sentindo dificuldade com o futsal neste aspecto. O sexto ano que chegou agora foi uma turma que me decepcionou, porque tem muito nego bom de bola que eu não consegui entender até agora o porquê que não vai treinar. Sabe, eu pergunto e aí eles dizem: “é porque minha mãe não deixa, não pode me trazer”. Outra coisa que pode ser uma dificuldade é que eles são muito dependentes dos pais, eles não sabem pegar um ônibus, se virar, isso dificulta um pouco, sempre depende do pai e da mãe. Mas como a escola é de gente que... do alto padrão assim financeiro eles não enfrentam essa dificuldade porque aí arruma um motorista para trazer ou alguém que leva e busca. Mas acho que isso pode ser uma coisa que dificulta também, saber pegar um ônibus, saber que ninguém vai te esfaquear dentro de um ônibus, ninguém vai te matar ou te roubar só porque você entrou num ônibus. Acho que é mais isso assim.

C: Para nós terminarmos, tem alguma coisa que você gostaria de dizer que eu não perguntei para você sobre o futsal na escola, ou o esporte escolar?

I/T 1: (pausa).... Precitaria pensar... (pausa) acho que nós falamos quase tudo, fomos batendo um papo e, não consigo pensar em alguma coisa assim que eu gostaria de ter falado e não falei.

C: Você tem os meus contatos se em algum momento quiser acrescentar alguma coisa é só entrar em contato que estamos abertos para as complementações. Muito obrigado pela disponibilidade e participação!

I/T 1: Valeu!

CONTINUAÇÃO APÓS AS SUGESTÕES DA QUALIFICAÇÃO:

28/04/2017 – 16 min 23 segs.

C: Quando você organiza as suas equipes os seus alunos já sabem quem são os titulares e os reservas?

I/T 1: Eles acabam sabendo pelo time que acaba jogando mais tempo junto, mas eu não falo propriamente quem vai ser titular, mas eles acabam sabendo, eles já sabem quem são os melhores, eles acabam descobrindo quem vai ser a equipe titular, isso quando a equipe é nova, agora a equipe que já joga a bastante tempo eu não preciso nem falar eles já sabem qual é o time, quais são as trocas, apesar que no futsal é complicado falar em titular e reserva porque a gente troca muito.

C: Com relação ao tempo dos jogadores em quadra, como você organiza essa distribuição? Elas se relacionam com a importância do jogo ou nível do adversário por exemplo?

I/T 1: Sim, eu falo para eles que tem dois jeitos de eu trocar o time, ou quando eles estão muito mal que eu preciso substituir, para a gente ver se consegue ter uma reação, ou quando a gente está muito bem e eu tenho a oportunidade de colocar os outros, até para ir testando né, porque a gente nunca sabe quem vai ficar até o final, quais são os alunos que realmente vão ficar sempre junto com a gente, então as trocas acontecem dessas duas formas, normalmente sempre tem aqueles que jogam mais, que são aqueles que tem uma qualidade técnica melhor, uma melhor compreensão do jogo, que já está comigo a mais tempo. E eu acho que até quem está de fora, não sei se é porque a nossa escola é uma escola pequena, isso já é conversado com eles, e eu costumo falar com eles assim: esteja preparado para jogar ou os 30 minutos ou os 30 segundos do jogo. Porque em 30 segundos se pode perder ou ganhar o jogo. Então se ele entrar os 30 segundos ele tem que estar preparado.

C: OK, e durante essa organização ocorre uma estimulação da competição interna pela disputa da titularidade? Se você faz, de que forma isso ocorre?

I/T 1: Olha Chris, propositalmente eu não faço, se isso acontece, acontece de forma natural deles em querer jogar, em querer estar junto, mas eu acabo não estimulando essa competitividade interna não.

C: Como você descreve seu comportamento no banco, durante a partida?

I/T 1: Acho que isso eu fui amadurecendo com o tempo, acho que antes, no começo eu era muito nervoso, então jogava sempre junto, estava sempre no calor do jogo, mas ainda hoje acho que o resultado da partida acaba influenciando o meu comportamento sim, tanto quando a gente está perdendo de muito, eu já sento no banco para me “desestressar” um pouco por que se eu ficar em pé a beira da quadra eu vou ficar muito nervoso, mas quando o jogo está pau a pau eu estou sempre ali do lado tentando passar algum tipo de orientação para estar jogando junto com eles. Porque parece até assim, o masculino nem tanto, mas o feminino, se não der um chacoalhão coma s meninas elas não vão. O masculino as vezes eles entram meios dispersos assim, e aí você dá uns gritões e umas chacoalhadas neles e eles acabam fazendo. O ideal seria que a gente não precisasse ficar falando tanto, ó vem, faz a cobertura ali, corre lá para cima, procura aquele espaço vazio, que eles conseguissem, eles mesmos enxergarem, essas orientações que a gente acaba falando aqui fora.

C: As suas preferências para as orientações ocorrem ao longo do jogo ou nos momentos de pausa, como pedidos de tempo e intervalo?

I/T 1: No momento do jogo mesmo, pois em função da idade nos pedidos de tempo eles não se concentram muito, começam a conversar um com o outro, e as vezes eu preciso dar uma chamada do tipo, eu pedi tempo para que eu fale com vocês. Então eu considero que durante o pedido de tempo dá para dar alguma orientação específica, mas é ao longo do jogo que eu vou orientando mesmo, e eu acho que eu prefiro até.

C: Você explica seu trabalho para os pais de alguma forma, reunião ou comunicado expresso?

I/T 1: Especificamente sobre o trabalho do futsal não, o que ocorre muitas vezes em jogos uma conversa bem informal do tipo, nossa hoje o time foi bem ou foi mal, o fulano foi bem, mas são conversas que não influenciam a equipe, e eu acho importante que essas conversas não influenciem o time, não tenho nenhum pai que pede para o filho jogar ou nenhum tipo dessa influência dos pais. E até os pais que trazem os filhos e as vezes os filhos não entram no jogo, eles compreendem também, lá no meu caso. São bate papos sobre o jogo, tipo nossa quase fizemos o gol ali, ou nossa tomamos o gol ali, mas bem informal.

C: Nos últimos 5 anos, fez algum curso voltado para o futsal?

I/T 1: Em 2013 fiz o curso estágio para treinadores de futsal do Ferretti, foi o último que fiz, gostaria de fazer mais alguma coisa, mas não nesse momento, pois estou me aprofundando mais na educação física escolar.

C: E qual seria então a sua base de informações para organizar os treinos?

I/T 1: Estou fazendo uma pós em educação física escolar, e estou trazendo bastante coisa dela para o futsal, eu tento incluir no futsal também. Mas acho que é mais de cabeça mesmo e da experiência adquirida conforme o tempo de atuação. No entanto acho importante os cursos específicos de futsal, porque quando eu fiz o curso do Ferretti eu voltei com outra metodologia, porém eu passei um tempo para ver que o trabalho daquilo que eu tinha aprendido deu resultado, demorou um tempo viu, não foi fácil não, pois foi um rompimento de algumas ideias que eu tinha. Ai passado um tempo voltei com as ideias antigas e no momento estou tentando misturar as duas coisas. Mas varia muito também do cotidiano, do que a gente vai vivendo, tem time que dá para fazer de um jeito e tem time que não dá.

C: O que você pensa sobre o talento esportivo?

I/T 1: Eu acho que já vem com eles, mas se for estimulado lá na infância, lá atrás, pode melhorar de alguma forma. Não aplicado diretamente para o futsal, eu acredito que a gente tem que trabalhar todas as habilidades as capacidades motoras lá atrás, e introduzir o futsal lá pelos 10/11 anos, e eu acho que esse trabalho lá atrás pode desenvolver mais esse talento que já é nato deles né. E com o passar do tempo, chegando aos 11 anos começar a aplicar o futsal de uma forma sem ser seriada, aplicar em um contexto de simulação de jogo, de situações que acontecem no jogo.

C: Seriado a que você se refere seria o treino analítico?

I/T 1: É de passar pelos cones, de chutar no gol.

C: Mas como você prefere trabalhar?

I/T 1: Sim, exercícios de compreensão cognitiva principalmente, de compreensão do jogo. Ai quando a gente fala de talento, por exemplo, eu tenho um que é muito bom, mas tenho outro que compreende o jogo muito melhor que ele. O cara joga bem tudo, mas o outro compreende o jogo muito melhor, aí acaba se equivalendo. O cara que é bom, se você vai falando e falando, ele vai fazer a parte tática ser melhor, a parte de compreensão dele ser melhor, agora o outro que tem boa compreensão a parte técnica é mais difícil de se aprimorar.

C: Qual a duração de seus treinos e quantas vezes na semana eles ocorrem?

I/T 1: Uma vez por semana de 75 minutos.

C: Quando próximo a competição você altera algo na rotina de treinos?

I/T 1: É difícil, eu tento colocar um treino a mais na semana, mas na verdade esse consegui duas vezes só. Não tem como, é difícil, o que acaba ajudando é a rotina de jogos associada aos treinos. Por exemplo eu treinei, viemos jogar, foi um desastre, aí fizemos o treino e no segundo jogo já começou a melhorar bastante. Então o que acaba melhorando é o treino junto com o jogo (de campeonato).

C: Como você organiza o seu treino em termos de tipos de exercícios e atividades?

I/T 1: É complicado, porque cada dia é uma loucura diferente, porque é difícil falar assim, vou pensar nos mais velhos que eu já sei quem são os que sempre vão. É difícil eu passar aquecimento com alongamento. Então eu início já com bola, um bobinho, algum tipo de movimentação ou até essa parte que a gente falou do seriado, do analítico, as vezes usado como aquecimento. Uma segunda parte que eu faço já, ou com alguma coisa tentando simular a situação de jogo, ou algum joguinho do tipo 3x2, ou algum jogo com regras adaptadas e no final sempre um coletivo, para poder trazer eles comigo. Mas eu acho o coletivo importante também, assim um coletivo, não vou falar que é sempre porque tem aqueles dias em que você já está de saco cheio deu uma saturada, mas no coletivo eu procuro sempre orientar, parar, falar, olha vamos movimentar assim, vamos marcar assim, procura este espaço assim. Um coletivo que seja orientado, não só de ficar lá apitando.

C: Você trabalha a bola parada?

I/T 1: Difícil, já tentei muito ééééé, só que, o que eu estou fazendo agora, tentar posicioná-los e ver o que sai deles a partir daquele posicionamento inicial na quadra. Por que falar olha gente levanta o braço e faz a dois e tentar fazer a jogada, não sai nunca, por que a primeira coisa é saber onde tem que ficar posicionado, ai de repente eu faço uma troca e aí aquele que entrou já não sabe fazer a jogada, aí ele não sabe onde ele tem que se posicionar, os outros se confundem. Então eu parei assim de bola ensaiada, mas nos escanteios, e principalmente nos escanteios, eu treino muito a parte defensiva da bola parada, onde se posicionar nos laterais, nos escanteios do adversário. Faltas nem tanto, apesar de achar importante e perceber que o goleiro quando vai montar a barreira se confunde muito. Mas a bola parada ofensiva com essa idade eu não faço. E nem nas turmas de universitários que estou trabalhando eu estou fazendo. Porque eu treinava e no jogo nunca acontecia. E também treinar a bola ofensiva contra o seu

próprio time que já sabe, eles ficam só esperando e as vezes saem antes e acaba sendo uma perda de tempo.

Apesar de trabalhar com o futsal Universitário, eu gosto mesmo é do escolar.

APÊNDICE D – Entrevista com o Instrutor/Treinador 2

Entrevista 2 – Instrutor 2 - 9/06/2016 – tempo:21min 57seg

C: Nome, idade, onde se formou e o ano de sua formação:

I/T 2: XXXXX, 49 anos, formado na universidade privada XXXXX ano de 1991, Pós-Graduação pela FMU em treinamento esportivo.

C: E você atua com o futsal escolar há quantos anos?

I/T 2: Há 22 anos.

C: Além do futsal escolar você atua também com o futsal em alguma instituição fora da escola?

I/T 2: Já, já fui atleta em Ribeirão Preto, de aula de futsal na carreira acadêmica na Universidade XXXXX, na XXXXX, treinei por dois anos a equipe adulta de XXXXX, e depois só, e hoje só na escolar.

C: Na mesma escola em que você trabalha com o futsal também atua na EF curricular?

I/T 2: Hoje não. Hoje como eu coordeno mais o Ensino Médio, nós temos duas unidades aqui o Ensino Médio que você está presente e o Fundamental, no Fundamental e eu trabalho só com o futsal, e o futsal extra, já o outro professor faz o futsal na grade. E aqui no nosso núcleo aqui é por adesão, é por opção de modalidade então existe a modalidade vôlei, hand, baquete, fitness, corrida, futsal. Então eu trabalho com os meninos e as meninas que optam pela modalidade de futsal.

C: E essa prática envolve algum custo extra para os alunos além da mensalidade da escola?

I/T 2: Não, não é tudo oferecido pela escola gratuitamente.

C: Certo, me fale agora sobre a sua experiência esportiva como praticante, como foi sua prática esportiva desde a infância até os dias de hoje.

I/T 2: Desde a infância, eu acho engraçado contar até para os meus alunos, que a gente não sabia nem o que era namorar, só jogava bola na rua né, se você for entrevistar algumas pessoas da minha idade você vai perceber que existe uma semelhança. E tinha futebol em qualquer lugar em Ribeirão Preto: no ginásio, na calçada, quadra, campinho, então a gente estava sempre praticando. Aí eu comecei com a minha parte mais juvenil, a atuar mais dentro dos clubes, clube de XXXXX, aí faz as agremiações dentro dos clubes, aí a gente não para mais (de disputar) esses campeonatos internos. Fiz muitas amizades em campeonatos internos nas quadras de Ribeirão Preto, onde que a gente tem bastante lesão hoje, carrega o peso das lesões, é sempre um probleminha novo no corpinho velho né. E neste campeonato fiz algumas amizades e comecei a participar de alguns torneios de futsal, destes torneios de futsal na própria faculdade. Aí um ano antes de me formar um professor meu da faculdade me convidou para pegar as suas aulas no Colégio em que ele atuava. No colégio XXXXX o que me deixou muito lisonjeado, pois o professor para passar as aulas para mim né... E daí eu gostei da prática, gostei da atuação como professor de futsal e não parei mais, tive pouca passagem como atleta. Eu tive o prazer de conhecer muitos atletas, treinei com vários atletas, mas o meu nível era muito mais baixo do que daqueles atletas, mas mesmo assim tive uma passagem boa, joguei dois anos a Taça EPTV (torneio de futsal regional) e

um outro torneio que me fugiu o nome, não sei se XXXXX, e em XXXXX quando estava lecionando na Universidade tive o prazer de jogar lá por XXXXX e depois também treinar o time de XXXXX. Mas atualmente só no ambiente escolar mesmo.

C: Agora chegamos na pergunta central da nossa entrevista eu gostaria que você me falasse sobre seus principais objetivos ao ensinar o futsal na escola.

I/T 2: Olha essa pergunta é, até o ano passado eu teria que pensar para reformular, fazer para você aceitar a minha resposta, mas hoje para mim ela está mais fácil. Eu brinco com meus alunos que qualquer modalidade, e qualquer atividade física a gente tem que trabalhar a cervical deles, porque eles estão olhando muito para baixo, para o computador, para o celular e eles não conseguem erguer o pescoço e olhar que tem uma pessoa do lado, uma árvore na frente, que tem rua. Então eu sinto que nós estamos batalhando, travando uma guerra da tecnologia com a prática de atividade física. Mas deixando isso de lado porque o foco principal não é esse, é óbvio que qualquer modalidade esportiva, não só o futsal, ela vai desenvolver a autonomia do jogador, do atleta. Então tanto a parte de saúde, motora, como a conduta também, porque tem que respeitar regras, ele tem que respeitar adversários, respeitar o próprio treinador. E o esporte é a melhor resposta que tem para isso, na formação da pessoa como cidadão. Isso aí a gente vê programas e programas que incentivam a prática esportiva. Agora falar do futsal é fácil pois nós escolhemos, você também né, nós escolhemos essas modalidades. Então eu não posso ficar lá no momento que estou como educador trabalhando dentro das 4 linhas eu não posso ficar só na prática, eles têm que saber os valores que estão intrínsecos ali, e isso é muito cobrado por mim todos os dias e a forma que eles têm que estar representando a equipe, o que é estar jogando junto de um colega, defendendo a mesma camisa do colega, esses valores são bem passados no futsal aqui. Eu acho que desenvolve e achoe que já tem estudos né que, a pessoa que pratica atividade física está mais apta até para o vestibular, aumentando a qualidade dela cognitiva.

C: Aprofundando um pouco a sua resposta, você falou do futsal como uma possibilidade de ampliar a prática de atividade física, aí te pergunto o que você pode me falar sobre a relação do futsal escolar e a formação de atletas?

I/T 2: Deveria ser, eu acho que nós estamos partindo para esse caminho, em breve teremos uma notícia agradável, está se criando um grupo aqui em Ribeirão Preto de pessoas idôneas que querem reformular essa prática de atividade esportiva a nível escolar. O ideal seria que nós professores escolares fossemos os que indicassem a matéria prima para as equipes né, a raiz sai da escola. Ai depois os clubes absorvessem esses alunos se eles quiserem seguir a carreira né esportiva. Mas ainda falta muito principalmente para Ribeirão Preto, a gente consegue enxergar isso pelo trabalho dos grandes amigos que tem nas escolas né. Infelizmente o talento a gente chega para o pai e na nossa qualidade de escola particular com excelência na preparação para o vestibular, quando você chega para o pai e fala, poxa esse menino tem talento que você acha de ele continuar fazendo isso, isso e isso? Aí chega que a própria família já tem aquela concepção né, não ele tem que estudar porque ele vai se formar em isso, isso e isso, o esporte não vai trazer os benefícios que a gente espera para ele. Mas esse deveria ser o caminho

sim, eu penso que esse é o melhor caminho, desde lá da base, a qualidade escolar é que vai sair e revelar talentos. Isso foi sempre na minha concepção.

C: Então você enxerga múltiplas funções no esporte escolar?

I/T 2: Perfeito, é o funil, ele não perde as suas raízes, ela não sai da sua edificação de educação e o talento que aparecer ali tem que ser direcionado, e não tem melhor pessoa para fazer isso que o professor.

C: Falando um pouco agora sobre a competição, especialmente a competição escolar as vésperas de uma competição ou jogo, quais são os critérios utilizados por você para convocar os alunos para esses jogos?

I/T 2: Aqui nós trabalhamos assim, tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, no início do ano a gente abre o convite ao todos os alunos que queiram e estão à disposição, tem tempo disponível né, para representar a escola. Obviamente que neste montante de pessoas que vão estar lá pretendendo essas vagas, existe um limite de vagas, aí cabe à parte técnica nossa avaliarmos as aptidões, as qualidades para aquela modalidade no caso o futsal. E aí nós fazemos a convocação e essa convocação perpetua o ano inteiro para todas as competições mesmo porque existe uma base que fica do ano anterior, alguns alunos a gente fala estouram a idade né, ele já não pertence mais aquela faixa etária e a gente vai colocando outros alunos. Mas não fica só na habilidade não, a gente tem um trabalho muito sério em comunhão com as demais coordenações pedagógicas e o aluno tem que ter uma prestação aqui de boa conduta, de notas, enfim ele tem que saber que: a parte pessoal dele que ele traz de casa, a bagagem dele que ele traz de casa é muito importante na hora em que ele vai vestir a camisa da escola, porque, ele está lá representando não só aquela equipe de futsal, ele está representando hoje mil e cem alunos né, e não são os mil alunos que queriam estar no lugar dele mas além dos mil e cem, ele tem do diretor até o faxineiro que estão inseridos naquela logomarca da camisa dele e esse valor é passado desde o início. Mas a nata, a cereja do bolo (para ser escolhido) é sem dúvida a aptidão física para o futsal. Mas esses valores a gente têm que elevar e sempre né.

C: Você sente alguma pressão, da direção da escola, dos pais dos alunos ou sua mesmo para vencer os jogos e conquistar títulos pela escola?

I/T 2: Eu acho que a minha resposta vai ser diferente de muita gente, eu nunca tive aqui pressão nenhuma, pelo contrário, só apoio. As vezes é notório e é natural eu também se eu tivesse um menino, eu tenho uma menina (filha), eu ia ficar naquela expectativa de algo mais dele, mas a gente convive com isso muito bem e pelo contrário até hoje nesses 22 anos os pais que estão comigo que estiveram comigo, sempre tiveram a mesma opinião, o mesmo apoio né. Eu só tenho que agradecer, eu não vejo empecilho nenhum nesse trabalho.

C: Gostaria que você me falasse o que você pensa sobre a competição no ambiente escolar.

I/T 2: Eu vou dar uma opinião que é só minha, eu nunca fui a favor da competição escolar muito nova (para alunos muito novos) aliás nenhuma competição. Eu acho que a precocidade de você colocar uma criança numa competição com regras e aí vem a pressão da família, da própria escola, do próprio

professor, vamos ganhar, é uma exposição muito forte. Então essas categorias fraldinha, chupetinha, e as próprias escolinhas que nós trabalhamos com isso pois faz parte de uma renda nossa né e de muitos professores aí. Eu nunca fui a favor. Mas a gente tenta, tenta não, nós trabalhamos dentro desta atmosfera, coma qualidade de educador. Não visando só o jogo e a vitória, aí volta na resposta que é o foco de suas perguntas, então particularmente eu não gosto. 7 anos vai ter o campeonatinho lá... eu não gosto. É muita... a não ser que você faça as adaptações necessárias, como eu vejo alguns campeonatos com bom senso, de cuidar com o tempo, com trocas, com cartão, para que todos tenham as mesmas oportunidades né. Mesmo porque cabe ao professor também fazer essa transição, oh eu sei que você é o melhor mas fica um pouco para cá (no banco) joga o outro, mesmo que sabendo que a gente não vai conquistar o placar desejado né. Então o educador tem que estar junto nesta conduta né. No mais tem o lado que a gente vê aí que é comércio, as grandes equipes aí com seus escudos com as suas franquias fazendo trabalhos aí. Não sei se eles querem captar, obviamente que eles querem captar a produção dos novos talentos para fornecimento de jogadores para as suas equipes, mas no ambiente escolar eu não sou favorável não (a competição) a precocidade. Acredito que, me desculpa, eu gosto muito do que eu estudei uma vez em uma matéria no meu tempo de faculdade que uma das matérias que eu dei aula na xxxxxxxx foi educação física escolar, e eu tive um livro do Antônio Carlos Gomes que é um PHD em treinamento esportivo, ele foi meu professor, e ele me deu um livro de educação física escolar traduzido do Verkoshanski da Rússia, e lá ele citava que a precocidade no esporte não era o momento era para bombardeá-los de coordenação motora de cooperativismo de familiarização e de conhecer o esporte, conhecer o material. Ai a lapidação do esporte propriamente dito entrava mais próxima do ensino médio e isso não existe na nossa realidade aqui escolar. Infelizmente a gente sabe e trabalha dentro disso e não tem condições de poucas pessoas em revertermos isso. Precisava ser uma coisa bem lá introduzida em nosso ministério e começar a fazer este trabalho bem em nível nacional mesmo. E outra coisa que eu percebo da época que eu estudei é que Cuba já fazia isso. Aquela ilha de Fidel deste tamanhozinho é monstruosamente com bastante habilidade, coordenação motora, conhecimento corporal, valências físicas na fase de Ensino Fundamental e quando ele chegava no ensino médio já feita as suas avaliações já detectando que você tem mais propensão para a corrida ou mais propensão e envergadura para o basquete, vôlei, assim, assim, e tal, já era direcionado para um determinado esporte e aquele esporte no ensino médio vai fazer a lapidação do menino. Eu sou desta opinião. Então sempre esta pergunta eu tenho que tomar cuidado para que eu estou respondendo, para você eu tenho essa liberdade pois é um trabalho científico. Eu não posso em um outro momento ou com um pai, dizer não ele em que jogar, a meu filho está querendo, pô que legal, deixa ele na escolinha, porque ali na escolinha tem um monte de valores. Ele não está na rua, isto é um clichê até falar né, está longe das drogas, está longe das coisas ruins. Mas a competição em si a gente tem que tomar cuidado com a precocidade só isso.

C: Quando você diz competição próximo ao Ensino médio a qual idade se refere?

I/T 2: Sim, dos 14 anos em diante, a partir do primeiro ano do Ensino Médio.

C: A presença dos pais em jogos e treinamentos, fale sobre isso.

I/T 2: Isso aí vai acontecer sempre é (pausa) tem a parte (pausa) espiritual da criança, até porque o pai está ali é o suporte para ele, é o melhor alicerce que ele tem na vida dele, a presença do pai é imprescindível. Porém, a gente procura sempre travar um combinado com os pais, não é nem travar, é um combinado mesmo, em evitar tantos comentários e informações durante a uma competição, tipo faz isso, faz aquilo, deixa ele assimilar a proposta que nós estamos propondo para o grupo e com o grupo, por isso que naquela resposta anterior eu disse que nunca tive esse problema, mas a gente vai em campos de clubes e a gente nota que o cara se transforma, parece que ele está no FlaxFlu, né e isso não é legal. Com certeza aquele professor vai estar sentindo e as vezes perde o comando do menino aquela orientação dele que ele ia fazer uma função x e ele faz y porque ele (o aluno) está em uma emoção dupla ali, e agora, meu professor fala e eu treino com ele, mas é meu pai... se entendeu. E o pai está ali externando tudo o que ele queria, as vezes o que ele queria ser e não foi quer que o filho seja né, o marketing em cima (mídia) meu filho vai ser o futuro Neymar, e ele vai me dar a garantia financeira. As vezes tem o pai também como todo pai que não é defeito nenhum, demérito nenhum, ele vê o menino jogando e para os olhos dele o menino é bom, mas a parte técnica para uma pessoa mais experiente no caso o professor a gente nota que não tem tudo aquilo que o pai está falando. Então é isso, eu me dou muito bem, não tenho problema não, mas tem que tomar cuidado, tem que estar sempre... o que eu sugiro é que o professor faça já uma comunhão com os pais antes de entrar em competição e tem que ter o jeitinho brasileiro, traz ele para ser seu amigo vamos aí, você está certo e continua fazendo o seu trabalho, você entendeu, não é enganar os pais mas nem ludibriar nada, mas é estar junto com eles também, porque a base, o posicionamento deles ali, a figura pai é imprescindível. Eu sempre vou falar a mesma coisa, é o alicerce de tudo né, é o melhor amigo, a confiança, mas aí a autonomia vai ser dada pelo professor.

C: Quais as dificuldades atuais em se trabalhar o futsal na escola?

I/T 2: As dificuldades até no futsal da escola estão nas grandes cidades também, transição, chegar ao local, as famílias estão sobrecarregando os alunos logo cedo de muitas obrigações, vai no inglês, vai no balé, você tem que fazer isso, reforço daquilo. As escolas também principalmente as nossas particulares sobrecarregam os alunos. Então a gente está lutando contra não só a tecnologia, mas aquela bagagem, que o aluno tem de obrigações que a escola e a família está sobrecarregando. Não é defeito, quem sou eu para falar pedagogicamente para falar se isso está certo ou não, mas é plantão, é muita coisa, então ele está perdendo o tempo para o lazer dele, para a prática esportiva, para a saúde dele, esse seria o foco principal, esses seriam os piores, os entravamentos né. Agora as praças esportivas os próprios meninos, os nossos alunos se eles não jogarem na escola, já nem nos condomínios, na rua é impossível, segurança não tem mais e eu confesso que nos meus 49 anos brinquei muito na rua, primeiro que não tinha nem carro passando, mas também não tinha boi não, não era tão velho assim não (risos). E hoje a gente, você que a dificuldade é o acesso né, e também é muita informação é muita informação em todos os sentidos compre aqui, vista aqui, use ali, coma ali, e o aluno hoje está no mundo hoje, esse mundo tecnológico ele está perdendo o contato da pessoa com a pessoa, ele não está mais brincando.

Porque se ele começa a brincar com mais crianças desde a escolar, porque lá na escolar ele consegue descobrir o esporte, aí ele descobriu o esporte ele, opa, eu prefiro mais esse e me dou melhor nesse fica mais fácil a conduta do jogo você entendeu. Então está faltando desse lá e baixo o brincar, o toque, o carinho, xingar, brigar, aquele me xingou de feio não sei que lá, bla bla blá e essas ausência atrapalha. As facilidades que eu vejo é que eu tenho a graça de trabalhar em uma empresa que me dá todo o suporte então, aquele menino que está ali comigo, mesmo que seja um número reduzido ele tem a qualidade que ele precisa, ele tem o material, ele tem o local, tem o horário dele, então isso eu só tenho a agradecer mesmo.

C: Professor então finalizado e aproveitando toda essa sua experiência com o futsal escolar, ficou faltando falarmos sobre algum aspecto que você considera importante sobre este tema que não foi abordado até agora?

I/T 2: Não eu achoe que a conversa foi prazerosa e muito produtiva, mas eu vou dar um pitaquinho, senão não seria o XXXXX, quem sabe neste seu trabalho lindo que depois eu gostaria de ver o final, quem sabe você não conversa também com alguns pais para fazer um paralelo, para ver a cabeça de lá né. Quem sabe, pensa aí, talvez possa enriquecer o seu trabalho. Mas parabéns e obrigado.

C: Eu que agradeço o seu tempo e a disponibilidade. E se por acaso você quiser registrar mais alguma coisa que venha em sua lembrança, você tem todos os meus contatos e nós podemos acrescentar na entrevista.

CONTINUAÇÃO APÓS AS SUGESTÕES DA QUALIFICAÇÃO

31/05/2017 – tempo: 12 min 26seg

C: Nos últimos 5 anos, você fez algum curso ou alguma atualização na área específica do futsal?

I/T 2: Acredito que eu tenho um pouco de vantagem porque, sempre quando tem um curso, eu realmente procuro fazê-los né. ENAF ou qualquer que seja a oportunidade. Para gente está de certa forma reciclagem. Mas essa pequena vantagem eu tenho por já ter ministrado aulas na Universidade, na UNI/TRAN por sete anos, EU TENHO uma vasta literatura em casa, então quando me falta alguma coisa eu tenho esse subsídio da literatura e de alguns cursos que não saem da moda, o do Ferretti por exemplo e de outros grandes treinadores que a gente leva para o nosso trabalho né. Então eu além de fazer um curso a cada dois anos em alguma área eu também tenho uma vasta literatura em casa e isso me ajuda muito.

C: Qual sua opinião sobre o talento esportivo?

I/T 2: Eu sempre ouvi que talento nasce, mas eu ainda acredito que quando você desperta na criança o gosto pela atividade física você faz as fases corretas de aprendizagem motora ele vai se destacar em determinado movimento e aí cabe ao professor ajuda-lo nessa lapidação. E o talento vai ser desenvolvido, e as vezes nem a própria criança sabe desse talento. Obviamente que alguns são mais notórios, então aparenta, desponta mais. Mas se você fizer um trabalho muito forte de coordenação motora, de acervo motor desde a sua infância, respeitando seus níveis o talento naturalmente aparece.

C: Você poderia me falar um pouco mais sobre essa relação de nascer com talento e a lapidação?

I/T 2: Sim, construção, especialmente no mundo de hoje em que nós estamos perdendo adeptos na prática de atividade física, para a prática da cultura do movimento.

C: Como você organiza as suas convocações, você sempre leva o número máximo de alunos permitidos pelo regulamento?

I/T 2: Essa questão é muito fácil para mim, porque eu já trabalho apenas com 14, no início do ano 14 alunos são selecionados entre todos aqueles que querem jogar futsal e os treinos ao longo do ano são com esses 14 alunos. Em caso de participarmos de uma competição que permita menos do que 14 alunos, existe uma comunhão, um bate papo com o grupo para que os jogadores que não puderem estar em súmula irem ao jogo também para mostrar a importância que eles têm no trabalho mesmo não podendo jogar naquele campeonato. Então eles se tornam convidados especiais do jogo, pois ele já é especial por fazer parte do grupo de treinamento dos 14. Procuro não trabalhar com muito alunos justamente para evitar isso, quando se trata de um grupo que treina para competições. Agora no caso de uma escolinha ou um grupo de preparação aí não tem limites de alunos para os treinos. Ou seja, aquele horário de treinamento que a escola predispõe para você eu já limito o número para 14 crianças.

C: Isso ocorre a partir de que idade?

I/T 2: A partir de 12 / 13 anos.

C: Então já existe na escola uma expectativa e uma disputa para entrar neste grupo dos 14?

I/T 2: Isso, eu faço as avaliações e identifico as posições que a gente precisa.

C: Imagino então que seja um fator distintivo fazer parte deste seleto grupo dos 14, partindo deste ponto você estimula algum tipo de competição interna entre os alunos, por exemplo a busca por ser titular ou algo do tipo?

I/T 2: Acho que a titularidade é em função do que apresenta o futsal moderno hoje, então os meninos têm que estar cientes de que não existe essa titularidade e que a importância do rodízio de jogadores frequentemente é muito importante. E eles entenderem de que todos ali são substituíveis e não temos titular e mostro sempre a observação dos jogos dos profissionais. Um exemplo básico, o Falcão veja os últimos jogos dele, ele não joga os 40 minutos, primeiro que atualmente ele não tem mais as condições física e segundo que o esporte permite essa estratégia de você fazer essas trocas em função do jogo, então as crianças já têm esse conhecimento, né. Agora a segunda parte sobre a estimulação da competitividade, para mim é um processo natural, mas eu procuro sempre mostrar para eles, olha hoje você teve um pouco mais de acerto no passe, e um pouco menos de acerto na marcação, procura melhorar isso e isso. No caso hoje o seu colega teve mais (acertos) e eles mesmos fazem essa observação. Eu não trabalho com criança dizendo hoje você teve 70% de acertos ou 60% disto, é uma cobrança que eu acho ainda ingrata para essa idade. Eles ainda estão aprendendo esporte, mas eles estão cientes de que eu observei que hoje eles estiveram com algum tipo de dificuldade, por exemplo no passe, ou na marcação, ou na finalização e assim por diante.

C: Como você descreve o seu comportamento no banco de reservas?

I/T 2: Olha eu já fui mais bravo viu, mais gritante, hoje mesmo citando uma final que eu acabei de fazer por exemplo, em alguns momentos eu tive que elevar a voz, mas na intenção do menino despertar, mas em seguida eu tenho uma frase ou um termo de apoio, porque eu aprendi com um ex-treinador Nicolino Bello, daqueles discursos antigos que o atleta seu acaba sempre ouvindo mais a última frase. Então agora eu vou dar uma dica para vocês e acredito que também você deve conhecer Professor, o atleta pecou em um lance muito forte e aí você chega nele e diz “pô não sei que lá tal tal tal tal” ele fica moído mas em seguida eu digo “mas eu confio em você, vamos lá”, ele vai ouvir essa segunda, então na primeira voz em que você parece que está alterado mas não está, é para dar aquele “start” aquele chamado de atenção mas sempre seguido de estímulo, principalmente para as crianças.

C: Você de alguma forma explica seu trabalho para os pais dos alunos, reuniões ou algum material impresso entregue a eles?

I/T 2: Não, eu confesso a você que eu até gostaria, isso não é nenhum demérito da escola, mas é um procedimento que a escola adota. Eu tenho a liberdade de escolher os alunos da escola toda e eles vão no meu treino, mas não tive ainda essa necessidade, mas se fosse possível eu gostaria sim de um dia chamar os pais e dizer olha nós fazemos isso, isso e isso. Mas acredito que o nosso trabalho está com tanta harmonia que os filhos em casa acabam fazendo esse feedback com os pais. E também a participação excessiva dos pais pode ser um fator de desestimulação para os alunos, nada contra os pais, eles são imprescindíveis mas na hora da competição esportiva o aluno tem que estar com a equipe e com o treinador.

C: Quando próximo a alguma competição relevante para a escola você altera alguma coisa na rotina de treinos, por exemplo treinos extras?

I/T 2: Também é algo que mexe com a parte administrativa da escola, nós temos a nossa carga horária e nós a respeitamos, se necessário eu posso solicitar a escola e eles me cedem um horário extra, mas a intensidade e o trabalho são mantidos sempre os mesmos, para eles não perderem o foco. Não podemos inventar com crianças, se com adultos já é difícil você inventar, né, como dizia o Ferretti, não adianta uma equipe adulta ter 10 jogadas e não funcionar duas. Então se os meninos souberem fazer com qualidade e disciplina o pouco já proposto para eles, já está bom demais. Por que nós não podemos jogar tanta cobrança para cima deles. Primeiro eles precisam entender o básico, o que faz o ala, qual a função dele, o setor que ele usa, o fixo e o pivô, então para mim isso já me deixa tranquilo.

C: Como você organiza seus treinamentos, poderia descrever exercícios utilizados nelas?

I/T 2: É muito fácil essa resposta, eu sempre preconizo, muito trabalho com bola, sempre, aliás 100% com bola, a parte física com bola. Então se eu realizar algum trabalho aeróbico a bola vai estar no pé, ou seja, ele sempre está jogando e também aperfeiçoando a parte técnica. Todo início tem essa parte técnica chutes, passes alguma coisa que serve como parte de aquecimento, e eu enfatizo muito os jogos pré desportivos com mudança de regras para quando eu quero otimizar alguma sequência ou algum fundamento do jogo. Marcação individual, um jogo pré desportivo focando a marcação individual, com paradas para a explicação, essas paradas são muito estratégicas quando eu percebo que a criança está

esbaforida, porque não podemos confundir aquele coração com um do “Superman”. Aí eu falo, então gente estão vendo o que está acontecendo, então é isso, isso e isso. E o jogo pré desportivo é aquele que a gente muda algumas regras, pré-estabelece outras, mas eles continuam jogando. E um pouco de visibilidade uma vez ou outra um filme para dar aquela relaxada. Eu pego filmes de treinos que eu tenho por exemplo do Corinthians e mostro para eles, está vendo aquele treino que você fez os caras lá no profissional também fazem, e isso estimula o jogador porque a criança também se espelha no atleta né. Mas eu sou muito adepto do jogo pré desportivo, e exercícios combinados então eu adoro! O passe só de frente um com o outro não, eu combino o passe com mudança de direção com troca de pés, e assim por diante. Exercícios combinados, o pré desportivo e depois o coletivo é a base, a essência do meu treino.

APÊNDICE E – Entrevista com o Instrutor/Treinador 3

Entrevista 3 – Instrutor 3 - 22/6/2016 – tempo: 17 min 36seg

C: Idade, ano de formação e o ano de formação.

I/T3: 29 anos, em 2009 a Licenciatura e em 2010 o Bacharelado.

C: Atua como Instrutor de futsal a quantos tempo?

I/T3: Terceiro ano. Cheguei a fazer uma espécie de estágio em XXXXX quando ainda estudava, mas não era nada oficial.

C: Atua ou atuou em alguma outra instituição não escolar?

I/T3: Em núcleo, e também em uma associação de bairro, no meu processo de estágio.

C: Atua na escola também com a EF curricular?

I/T3: Não somente como professor de futsal mesmo.

C: Já teve alguma experiência com a EF curricular?

I/T3: Já em escola estadual como professor temporário, eventual.

C: Fale um pouco de sua experiência esportiva como praticante, desde a infância até os dias atuais.

I/T3: Então, desde criança a gente jogava bola nesses clubes de bairro, então desde meus 7 anos sempre joguei bola, campo, futsal, areia, na rua, então assim, fez parte da minha vida e foi o que me incentivou a procurar esta área também né de futsal né de futsal né. Nada profissional, sempre participando de amador mesmo e nesses clubes de bairro né. Lazer.

C: Essa pergunta é central na nossa conversa, quais são os seus objetivos em ensinar o futsal na escola, qual o sentido que ensinar o futsal na escola tem para você?

I/T3: Então para mim (pausa) é algo que discuto bastante com a professora de EF, muito dos pais e até mesmo a direção, eles veem como algo apenas competitivo, ou algo demonstrativo, já eu como professor e a outra professora lá, a gente enxerga como uma forma de crescimento né, porque o futsal é um esporte coletivo, ele ensina essa coletividade, o respeito e há uma cobrança nossa por isso, pelo respeito de jogar um pelo outro de respeitar um ao outro, de ajudar na dificuldade, porque a maioria dos que começam o futsal escolar, tem muitos que não sabem dar um chute na bola, então eles estão ali para iniciar para aprender e sempre tem aquele eu tem um pouquinho mais de habilidade né, e a gente ensina esse menino que é um pouco melhor do que o outro nesta parte técnica a respeitar o amigo, porque, esse respeito e essa ajuda faz com que ele cresça. Então essa... esse é o ponto de vista principal que eu vejo né de companheirismo mesmo de coletividade. Esse é o nosso objetivo.

C: Além desse objetivo citado, você enxerga no futsal escolar algum objetivo relativo a formação de atleta profissional?

I/T3: Acredito que possa ser um ponto de início mesmo, pode ser que isso desperte no menino realmente e mais para frente ele se torne um jogador profissional não que isso seja o objetivo principal, mas faz parte do processo sim, tanto que eu pego assim, eu dou aula desde os meninos de 4 anos, então

quando eu peguei os meninos de 4 anos e hoje eles estão com 7 anos, você vê aquela evolução e pensa nossa esse menino leva jeito para ser jogador, aí é legal que você colaborou com isso né. Você que ensinou ele a dar os primeiros chutes. Então acredito que sim, acredito que influencie sim.

C: No que mais o esporte escolar poderia contribuir?

I/T3: É uma contribuição né, o professor tem que incentivar assim (pausa) independentemente do nível técnico do aluno do desenvolvimento técnico dele, você incentivando, melhorando a autoestima, dando autoestima para ele, acredito que isso vai influenciar no futuro ele a pratica esportiva. Isso foi para mim também né. Eu tenho professores como exemplo que me incentivavam na dificuldade e diziam, vai que você consegue, eu falava não consigo, mas, eles alam você consegue e até hoje eu pratico. Então eu acredito que tenha influencia sim.

C: Falando sobre as competições escolares agora. Às vésperas de uma competição ou jogo, quais são os seus critérios para convocar os alunos para esses momentos?

I/T3: Então, assim os critérios utilizados, eu primeiramente vejo a participação deste aluno na aula né, o interesse dele, eu levo muito em consideração essa parte de compromisso do aluno. Eu vejo muito isso, se o aluno, ele, vai nas aulas, se ele não falta, não dá desculpa (para faltar), sempre está lá, respeita o amigo, esse é um critério que eu levo muito em consideração né. Não a parte técnica de ele ser bom ou não, isso aí eu não levo em consideração. Até porque a competição vai ajudar com que ele cresça se desenvolva. Esse é um critério usado. E quanto ao amistoso e a competição, realmente há uma diferença né, as vezes a gente é, dependendo do objetivo da escola, porque como funcionário a gente tem que cumprir o objetivo da escola. E aí a gente acaba considerando também a parte técnica, as vezes assim contrariando a nossa própria vontade, mas fazendo, éééé, levando os alunos melhores para uma competição que o objetivo é ganhar e as vezes tem uma premiação que é interessante para a escola, divulgação do nome da escola, eles (diretoria) priorizam muito isso. Não falo por todas, mas a maioria, fala, olha eu quero que o nome da escola esteja em evidência. Então você acaba priorizando também os meninos que tem um desempenho melhor. Então isso aí faz parte mesmo.

C: Você sente algum tipo de pressão para vencer jogos e campeonatos. Fale sobre isso.

I/T3: Sim, quando é competição sim porque a escola quer a divulgação do nome né, e a derrota nunca é tão bem-vinda, faz parte, a gente ensina isso para os alunos, e é algo até para a gente motivá-los né. Uma coisa difícil para nós professores. Mas a gente sofre uma pressão tanto da escola quanto dos pais. Os pais pressionam muito eles por isso né, ainda mais aqueles pais que tem um histórico esportivo, né, de disputar campeonato, de querer ganhar, então eles cobram muito isso dos filhos né. E acaba cobrando mais ainda do professor. Então faz parte, a gente sente um pouco pressionado, mas nada que atrapalhe tanto o desenvolvimento do futsal na escola.

C: Fale um pouco mais sobre como você sente a presença dos pais assistindo seus treinos e jogos.

I/T3: A experiência até o momento não tem sido positiva. Porque, o pai na maioria das vezes, ao invés de ir lá para torcer e incentivar o filho, eles vão para cobrar o filho né, tipo errou, cobram, e

isso realmente atrapalha o desempenho dele né (aluno). Este ano mesmo eu tive pai atrapalhando o desempenho não só do filho mas da equipe, e sendo pressionado ele não vai jogar o que ele consegue. No treino a nossa escola não permite que os pais assistam. Pois ela tem a mesma visão que eles acabam atrapalhando um pouco né. Eu acredito que é válido o pai ir para torcer e incentivem os filhos, e também não são todos os pais que atrapalham a gente não pode generalizar. Eu vejo pais na arquibancada incentivando, tipo, é isso aí, ou errou mas faz parte. Mas a maioria e com histórico esportivo acaba atrapalhando, cobram demais e faz com que o desempenho do menino caia. E também impede as vezes o professor de conseguir desenvolver o seu trabalho por conta da pressão que eles fazem né. Acaba atrapalhando isso. Eu acredito que esse seja um dos motivos que a escola também não deixar que eles participem, porque caem em cima da escola também né. Mas faz parte, faz parte.

C: E o seu trabalho na mediação dessa relação com os pais, você realiza alguma intervenção diretamente com eles ou por meio dos alunos?

I/T3: Então o contato com os pais é amigável, é no calor do jogo mesmo que eles ficam nervosos, mas no dia a dia é até amigável, assim não desrespeitam, é assim eles dão espaço para a gente trabalhar tudo né, mas no dia do jogo acredito que pela adrenalina e a vontade do filho ir bem e de vencer acaba sendo mais forte. Mas a relação é tranquila.

C: Fale sobre as dificuldades de se trabalhar hoje em dia o futsal na escola.

I/T3: Então, as facilidades né, acredito que pela cultura do nosso país do futebol fica fácil porque o menino, o aluno, ele quer participar do futsal, você vê até uma melhora no, nas notas dele escolar, porque o pai cobra isso, o pai fala, ó se você não for bem na escola você não vai fazer o futsal né, e como eles gostam disso é, melhoram o desempenho deles escolar e né, e não é difícil você trazer eles para o futsal, isso é bacana. Agora uma dificuldade que tem, em relação a, é acho que a maioria passa por isso as vezes estrutural né, da escola não ter uma quadra ou material também, a bola, tem uma ou duas, e você precisa de mais material para desenvolver bacana o seu trabalho de futsal. E dificuldade também de deslocamento, a meninada precisa do pai ou de alguém para levar então isso acaba atrapalhando um pouco né. Mas quanto à vontade deles isso facilita, facilita. Tirando esses contratempos de deslocamento, de estrutura, é tranquilo para trabalhar o futsal. Acredito que é um dos esportes mais tranquilos que você consegue um número bom de alunos para isso né.

C: Na sua escola o futsal disputa espaço com outras atividades?

I/T3: Essa daí é uma grande dificuldade, acredito de várias escolas de adequar o tempo separado para o futsal, é normalmente quando tem um reforço ou quando tem uma aula extra ou algum trabalho curricular a preferência é para eles (setor pedagógico) e acaba atrapalhando um pouco seu desenvolvimento né, do treinamento, se tem um treinamento marcado aí em cima da hora desmarca por conta que o aluno foi mal em uma prova ou porque o aluno precisa fazer essa aula de reforço ou ir fazer um trabalho escolar e acaba realmente sendo uma dificuldade grande isso. Eu mesmo essa semana vou passar por isso, tem aluno que ficou de recuperação nessa última semana de aula e eu vou jogar sem saber que vai. Então acaba atrapalhando sim, atrapalha bastante.

C: Você gostaria de fazer algum comentário sobre o futsal no ambiente escolar que não foi abordado até aqui em nossa conversa.

I/T3: Acredito assim que e algumas escolas poderiam utilizar mais o futsal, não só o futsal mas outros esportes na sua grade curricular, acho que seria bacana isso, que as escolas oferecessem isso, após o término da aula um horário destinado aos alunos que fosse aberto para eles escolherem o esporte, o futsal ou outro esporte porque o esporte em si, ele não ensina só a prática, mas também como a gente comentou no início, o crescimento deles como pessoa, o respeito ao próximo a coletividade isso é bacana, acho que isso seria importante para o aluno né, para desenvolvimento até para a saúde mesmo, a gente vê uma geração que a obesidade tem crescido desde criança, então, acho que seria, assim importante as escolas olharem esse lado e não só o lado econômico né mas também esse lado de crescimento do aluno, saúde, acredito que se eles fizessem isso ficaria bacana.

C: Aproveitando essa sua resposta anterior, o futsal na sua escola é aberto a todos ou tem um custo para o aluno?

I/T3: Onde eu dou aula tem um custo extra, quem vai fazer o futsal tem que desembolsar um valor a parte né, e os deslocamentos são por conta dos pais e ou responsáveis para levar o aluno até o jogo ou treino. Essa é uma das coisas que também dificulta, porque a maioria dos meninos que gostam, a maioria eles não têm tanta condição né, e acaba as vezes atrapalhando você desenvolver um pouco né. Pois esses acabam não fazendo o futsal porque acabam priorizando outras coisas como pagar um professor particular por conta de alguma dificuldade em alguma matéria.

C: Eu agradeço o seu tempo e a disponibilidade. E se por acaso você quiser registrar mais alguma coisa que venha em sua lembrança, você tem todos os meus contatos e nós podemos acrescentar na entrevista.

CONTINUAÇÃO APÓS AS SUGESTÕES DA QUALIFICAÇÃO

13/06/2017 – tempo: 13 min 08 segs.

C: Realizou alguma iniciativa de formação complementar voltada para o futsal nos últimos 5 anos?

I/T3: Curso assim não, mas participei de duas palestras com ex-jogador de futebol, uma inclusive na própria escola. Tenho feito cursos mais na área da educação física escolar.

C: Qual a sua opinião sobre o talento esportivo?

I/T3: Eu acredito que vem com a criança, claro que tem que ser explorado e lapidado, porque se você não incentiva e não lapida o talento, ele não aparece, ele não evolui. Meu irmão é um caso de que não gostava de futebol até os 12 anos de idade e nós em casa começamos a incentivar e ele acabou virando jogador de futebol. Então é uma coisa que se você não incentivar, você não trabalhar.... Você vê que o menino já é diferenciado só no jeito de chutar a bola, você percebe, é lógico que quem não tem o talento se você trabalhar ele ele melhora, ele consegue evoluir, mas não chega próximo e nem tem a mesma facilidade de quem já nasce com esse talento né, com essa facilidade no caso.

C: Como você realiza os cortes em caso de uma competição que permita um número de jogadores menor do que os que você tem no treino? E se você sempre leva o número máximo de alunos permitidos pela competição?

I/T3: Quando o limite é menor do que o número de alunos que eu tenho, o que eu acabo pesando é o aspecto disciplinar, a presença nos treinos, o desempenho, o interesse, e aquele aluno que se dedica menos, eu já deixo claro para eles que... antes de começar o treinamento, eu digo “ó pessoal, a gente vai olhar todos esses aspectos disciplinares né, então acaba ficando mais fácil, agora no outro caso, depende muito da visão da escola, se a escola entra querendo ganhar o campeonato, a gente acaba levando todos porém na hora do jogo a gente acaba não colocando aqueles que ainda precisam se desenvolver mais tudo né, na maioria do campeonato a gente acaba levando todos os que temos disponíveis que querem participar, porém não entram no jogo. A gente consegue trabalhar a parte psicológica dizendo “olha se esforça no treino, a melhora no seu desempenho vai levar vocês a jogarem mais” para não desestimular o aluno, porque se você corta do jogo e diz olha você não vai jogar porque você ainda não está pronto eles acabam parando de treinar, eles desanimam. E eles mesmo não jogando gostam de estar ali, eles ficam ali torcendo para os amigos né.

C: Você define para eles quem são os titulares e quem são os reservas?

I/T3: Sim, porque eles mesmo reconhecem, eles sabem que é por desempenho, eles sabem e reconhecem tipo “a o amigo tal joga melhor do que eu”, eles mesmo acabam falando “não, é melhor entrar ele porque ele está melhor”, então essa parte graças a Deus ainda não tive problema, foi sempre entendido por eles, e eles sabem que conforme eles forem treinando e eles forem se dedicando eles vão evoluir. Eu tenho alunos de quando iniciei o trabalho a 4 anos atrás que tiveram evoluções grandes, enormes. Então é bacana porque eles veem isso e reconhecem isso. Isso que é legal.

C: E você de alguma forma estimula a competitividade interna pela disputa por posições na equipe?

I/T3: Sim sim, é legal você fazer isso, eles mesmos já fazem também entre eles, pois muitos estão na mesma classe e ficam disputando “ah eu fiz mais gol que você, ou ah eu to começando o jogo e você não” e eu acho sadio para eles né, eu vejo isso como um incentivo para que eles melhorem mais, para que eles se dediquem mais né.

C: E durante os jogos você já me disse que não coloca todos para jogar como você organiza e decide as substituições a serem feitas?

I/T3: Eu coloco para jogar quando o jogo já está ganho com um placar elástico, aí dá para incluir eles no jogo. Mas quando é um jogo difícil que a gente precisa do resultado aí a gente acaba segurando um pouco mais né. E aí a gente explica depois os motivos e eles acabam entendendo que eles precisam evoluir para poder entrar no jogo. Mas isso precisa ser trabalhado desde a primeira aula de futsal com eles. Por que se não depois fica difícil de explicar.

C: Como você descreve o seu comportamento no banco durante os jogos?

I/T3: É certo que a gente tenta se segurar né mas é difícil, dependendo do torneio... se é um jogo amistoso a gente se controla tranquilo, mas quando é um campeonato ou quando a gente está disputando algo para a classificação ou por medalha, aí altera tanto do treinador quanto deles porque a competitividade vai a mil, o futsal ele tem isso né, porque quando é um amistoso você sabe que está ali algo entre amigos né, tranquilo, mas uma competição que você entra para ganhar ele altera. É difícil se segurar, lógico que você evita palavrão, essas coisas, mas você fica nervoso, eles percebem.

C: E no tocante a transmissão de orientações como você prefere fazê-las durante a partida?

I/T3: Prefiro no tempo e intervalo, durante o jogo você grita, mais por algum erro, e acaba alterando um pouco a voz, mas a correção mesmo e explicar é no intervalo e no final do jogo.

C: Você explica a sua forma de trabalhar para os pais, reuniões ou algum material impresso?

I/T3: Tenho pouco contato com os pais na escola. Só explico a metodologia caso algum pai venha me procurar.

C: Você altera a rotina de treinos em função de alguma competição relevante?

I/T3: Quando se aproxima de alguma competição eu acabo fazendo aula extra com eles, até para estimular e eles verem que a competição é algo sério né. Para eles darem valor ao treinamento e para a competição que a gente vai entrar.

C: Como você organiza seu treino em relação as partes e exercícios que você coloca?

I/T3: Eu deixo eles bem ciente da importância do alongamento e da parte física que é a que eles menos gostam. Mas a gente orienta para prevenir lesões. Então a gente começa com um aquecimento e realiza o treinamento físico pelo menos uma vez na semana. Eles treinam duas vezes por semana e cada treino tem 50 minutos. Então eu divido uma aula na semana com 30 minutos de físico e o coletivo no final né. E no outro dia a gente faz um trabalho técnico e tático com o coletivo, sempre com o coletivo né, porque é o que eles mais questionam e o que os pais mais cobram né “ah tem que ter coletivo”, e se não tem os alunos reclamam. E quando tem o campeonato no treino extra eu faço mais a parte tática.

C: Quando você fala treino técnico, que tipo de exercícios?

I/T3: Isso, passes, finalizações, posicionamento, alguma jogada ensaiada, a gente acaba trabalhando isso pelo menos uma vez na semana. O físico e também a parte tática né.

C: Essa parte técnica de passes você realiza como?

I/T3: Isso eu faço simulação de tabela, toca e recebe, jogada de lateral, de escanteio, movimentação. A gente tem um limite de espaço lá na nossa quadra que é bem pequena ela é a metade de uma oficial, então a gente tem que reinventar muitas vezes o treino né, a gente acaba fazendo muito 2x1 ali na quadra, situação que tem muito no jogo ou 1x1 a gente faz muito também. E o trabalho vai se desenvolvendo assim né, passo muitas vezes uma brincadeira para descontrair no início de aula, principalmente para os menores que eles adoram. E nessas brincadeiras a gente acaba trabalhando essa parte física deles também né de movimentação. E pelo tempo curto de treino a gente acaba não fazendo treinos repetidos. Mesmo sabendo que as vezes a repetição acaba aperfeiçoando a técnica do aluno individualmente e até a tática coletiva. Mas vamos tocando dessa forma.

APÊNDICE F – Entrevista com o Instrutor/Treinador 4

Entrevista 4 – Instrutor 4 – 8/12/2016 – tempo: 37 min 26 segs.

C: por favor me diga a sua idade o ano de sua formação o ano de sua formação e aonde você se formou?

I/T 4: 44 anos, em 1997 e o trabalho já a 21 anos na área como futsal a 19 anos.

C: Além da escola de você já trabalhou em alguma outra instituição Universidade ou escola de futebol fora do ambiente escolar?

I/T 4: eu tenho experiência antes de vir aqui para o XXXXX eu trabalhei no XXXXX. Tive uma experiência também com campo com categorias menores sub-9 sub-10 sub-11 com escola de futebol participamos de campeonato da Cidade foi bem bacana visível fiz isso durante cinco anos.

C: XXXXX me conta um pouco sobre a sua trajetória como praticante esportivo desde a sua infância até os dias de hoje

I/T 4: Bom eu desde pequeno sempre gostei de futebol não só de praticar mas de assistir também no meio do futebol eu joguei pouco tempo não cheguei nem a participar de categoria de base né um time, mas cheguei a treinar em escolinha de futebol e quando entrei na faculdade acabei gostando demais de futsal eu não sei se teve uma não sei o meu estilo de jogar pouco espaço diferente do campo que é o espaço é grande aí eu gostei demais joguei na faculdade mas nada demais e até hoje eu brinco mas mais machuca do que joga.

C: XXXXX nos últimos cinco anos você fez algum curso alguma atualização na área de futsal?

I/T 4: Não, não tudo que eu tenho era a vivência durante esses anos aí troca de experiência curso mesmo não.

C: XXXXX você atua aqui nesta mesma escola nos ambientes curricular e extracurricular?

I/T 4: Isso é atualmente eu dou aula para os sextos anos em curricular trabalho com o futsal e o futebol de campo nas categorias até 10 anos de 6 a 10 e futsal até o médio.

C: E no curricular os alunos têm aula de futsal?

I/T 4: Não no curricular eu não trabalho futsal geralmente o futebol é para os dias mais livres quando as crianças escolhem o que fazem não sei se é porque eu já estou saturado todo dia dando aula de futsal que aí na educação física eu posso trabalhar basquete o voleibol, não sei acho que é por isso pode até ser que seja um defeito meu mas eu não acho legal dar futebol na EF, Ahhhh e tem outra coisa né no curricular a sala é mista né nem toda menina gosta né de praticar futebol.

C: Então você privilegia que tipo de atividades?

I/T 4: É isso na área do curricular eu gosto de trabalhar com jogos cooperativos jogos pré-desportivos.

C: Quais são seus objetivos ao ensinar o futsal na escola, pensando nas aulas extracurriculares?

I/T 4: porque, bom além de eu ter um prazer né eu gosto bastante de futsal, o que eu tento passar para os alunos, você não vai ensinar como é que eu posso falar, você vai ajudar mas você não vai

transformar um menino que tem pouca coordenação e um super jogador. O que você vai fazer ajudar, o mais importante de tudo isso é a convivência a disciplina a participação em campeonatos a criação de um grupo eu acho que o mais importante aí é isso você vai ajudar aquele que tem mais dificuldade, ele vai progredir vai, mas se você pensar em alto nível ou mesmo competição na escola é bem complicado acho que você estaria mais ajudando mesmo a desenvolver.

C: Você acha que o bom jogador já vem pronto?

I/T 4: Você percebe parece que é nítido esse ano eu tô dando aula para 5 anos você percebe quando a criança tem e tem um negócio você começa a dar aula no começo do ano aí é até legal assim eu falo para os pais assim se puder gravar o primeiro ou o segundo dia de aula, grava a hora que terminar o ano põe de novo para ver, Aí sim vai aparecer o seu trabalho aparece o trabalho demais porque em um ano são turmas de duas vezes por semana tem o desenvolvimento mas só que aí você já percebe quem tem, não sei se é dom ou coordenação eu acho que tudo isso é estímulo, a criança foi estimulada a hora que ela chega junto com outra criança que não foi estimulada a diferença é gritante eu acho que tudo estímulo.

C: XXXXX O que você gostaria que seus alunos aprendessem sobre e com o futsal?

I/T 4: A parte mais importante de qualquer esporte coletivo é o aluno entender o coletivo ainda mais o futsal porque o futsal é passe, passe e deslocamento entendeu. É difícil você colocar na cabeça do jovem hoje em dia que o futsal é assim, não é verdade? É bem complicado, eu acho que a maior dificuldade que eu tenho é essa, então se eu conseguir passar esse, esse pensamento eu acho que desenvolve mais como é que você falou mesmo?

C: o que você gostaria que eles aprendessem com o futsal?

I/T 4: O coletivo é, como é que eu vou falar assim de grupo, é a essência do grupo, saber que não são 5, são 10 são 12. É porque se você tem cinco você não tem ninguém, por que pode machucar pode um dia uma criança não ir ao jogo, tem que trabalhar o grupo né trabalhar o coletivo, isso aí é um negócio importante para o aluno perceber que o esporte coletivo é o grupo e nós precisamos de todo mundo. Independente se tem ou não um pouco mais de habilidade que o outro.

C: Para completar a questão dos objetivos, o que você gostaria que eles fizessem com o que eles aprendem com o futsal, algum tipo de comportamento, ou algo que eles poderiam se tornar por aprenderem futsal, considerando o presente e também possibilidades futuras?

I/T 4: Eu falo assim né, o esporte é coletivo né, o futsal tem contato, se conseguir passar a disciplina tática, a disciplina de né do contato ali, a disciplina de treino eu acho que isso é um negócio que você acaba criando uma responsabilidade no aluno. Eu acho que isso é o mais importante. E aquele negócio que eu falei, a questão do grupo né. Isso eu acho importante e tem mais N fatores né, o grau de amizade que você vai ter, e é a enfim, acho que é mais ou menos por aí.

C: XXXXX, você consegue ver alguma relação na questão do futsal, do que eles aprendem com o futsal e algum possível comportamento que eles possam ter na sociedade, como você pensa essa relação?

I/T 4: Eu acho que, você já ouviu falar naquele negócio que o cara quando põem uma camisa para jogar futebol ele se transforma? Tem gente que coloca uma camisa e se torna extremamente agressiva, e aí você vai conversar com ela e conviver no dia a dia ela é totalmente diferente. Eu acho que tem muito isso também. Vai transformar... eu acho que é aquilo que eu falei, é disciplina, sei lá, eu não vejo que pode influenciar tanto assim. Pergunta difícil hein...rs

C: Me fale sobre a competição escolar, que importância ela tem para você?

I/T 4: Bom, a competição é penso eu que é muito importante por uma coisa: é o mais importante, ela estimula a criança a vir treinar, acho que esse é o grande combustível nosso é você ter a competição está, éeeeeééé, por mais que eu não concorde com esse negócio de competição, porque a competição em si ela causa traumas dependendo de, ainda mais com crianças vamos pensar aí sub 8 e sub 9 né. Mas mesmo assim eu acho que é importante por conta disso aí, de estimular o treinamento, de estimular a criança, mesmo os que não tem tanta tanta, tanta habilidade. Acho que é isso aí.

C: De tudo isso que você falou, dentre todos esses objetivos, que você citou aqui, eles participarem de competições, eles terem disciplina, conhecerem a tática, conviver bem em grupo, qual seria o principal, se você tivesse que escolher um deles?

I/T 4: Ah! A disciplina, a disciplina é tudo, e olha a gente não consegue hein... a gente não consegue, você trabalhar com criança, porque nesse meio aí tem muita criança que não aceita o ganhar e o perder ainda hein... pega aluno sub 13 que ainda não entende isso daí, não consegue separar, então para conseguir isso daí não é fácil não. No meu caso aqui isso é bem difícil. A disciplina, para você ver, onde nós chegamos. A tempos atrás isso era mais fácil.

C: Quantos alunos você tem nas categorias que disputam essas competições escolares?

I/T 4: Veja bem os campeonatos que ocorreram este ano foram campeonatos mais fáceis para mim por conta do seguinte não tinha no regulamento o número específico de alunos e como campeonato não era de tiro curto tipo de duas ou três semanas, como foi de 4, 5 meses eu fui trabalhando com a turma toda, então lógico eu fui deixando os melhores e fui fazendo um rodízio com os que ficavam no banco não colocando muito aluno por jogo. Então fazendo o rodízio e todo mundo que eu levava para o jogo eu acabava colocando então em média assim esse campeonato da liga eu usei por volta de uns 18 alunos foi a categoria de 2005 e a outra de 2002/2003 um pouquinho menos eu devo ter levado usado uns 12 alunos mas tipo assim por jogo eu levava na faixa de uns 8, 9 alunos. Para ter oportunidades de jogar bastante.

C: Então muitas vezes você não levava o número máximo de alunos permitido pela súmula do jogo?

I/T 4: Não porque eu penso assim, a partir do momento que você tirou o menino da casa dele, você iludiu ele, iludiu não né, confiou nele, você tem que colocar para jogar, e eu penso assim ó, menos de 10 min ele não joga, eu acho que ele tem que jogar. Acho que é um trauma enorme para a criança, levar a criança e ela passar o jogo inteiro no banco. Tem que colocar ele para jogar. Ou então colocar

ele para jogar 2 minutos, aí você vai escutar do pai, vai escutar de todo mundo né. Vai escutar da criança, as vezes a criança nem fala nada mas vai ficar sentida.

C: Quais os critérios que você usa para convocação?

I/T 4: Bom é aquele negócio né você não faz omelete sem ovos né, não adianta, tem os melhores, para quem entende de futebol você sabe né e parece que não mas você vai montar um time os que defendem são poucos os que atacam são vários então por aí você vai começando a selecionar uma base né, uma base ali né então você vai para o jogo você não vai perder essa base você tem que ter 5 meninos ali ponta firme e pelo menos no banco mais dois. Aí você pode até levar um menino que não sabe nada mas tem que colocar ele para jogar junto com cinco é aquele negócio né você não pode trocar os 5 né, você troca 2 depois você troca mais dois mas sempre vai... então o critério para levar... essa é a parte mais difícil nossa né... é a parte mais difícil (pausa) eu tento ir levando em banho-maria. A Liga por exemplo foi mais fácil esse ano por conta disso não iludi ninguém, eu falei: ó todo mundo vai jogar mas não dá para levar todos em todos os jogos em um jogo vou chamar uns em outros jogos vou chamar outros agora. Agora na outra competição que foi mais curta com um grupo fechado de inscritos, de três semanas aí eu escolhi os melhores né, é duro, é duro, é bem complicado mas é aquele negócio, como é que você vai levar um menino que não tem condição só por levar, aí o pai dele vai estar lá na arquibancada, você vai ter que colocar ele não vai? Então eu acho assim não ser convocado é frustrante, é frustrante, mas você acaba poupando o menino, como uma proteção. Geralmente a criança aceita, você vai conversando com a criança e ela aceita, uns ou outros não, então, é o que dá para fazer é isso aí.

C: E como você organiza a sua equipe? Tem titular e reserva?

I/T 4: Eu não consigo trabalhar com eles com turma fechada, pela forma como estão organizadas as turmas aqui no Colégio, são turmas heterogêneas, eu trabalho por séries, 6º ano, 7º ano, 8º ano e 9º ano separados. Então geralmente quando vai para o campeonato são dois anos, então nem sempre os alunos que vão jogar estão na mesma turma. Alguma parte da aula dá para fazer, dá para colocar, um sistema de jogo, mas não dá para treinar junto entendeu, então a equipe vai tomando forma durante o campeonato. Mas eu tenho, a gente tem né, fala assim ó, tem uns 5, 6, 7 que eu confio mais. O grande problema é o seguinte ó, o futsal na escola é segundo plano é segundo plano, porque, a criança, principalmente estes que tem mais habilidade que né, que é os de confiança aí, eles treinam fora, e treinam em clube de fora, e é aquele negócio, viaja, joga campeonato todo final de semana, então a prioridade do aluno, ele deixa bem claro é o futebol, futebol de campo que ele joga em outro lugar e o futsal da escola é o segundo plano. Mas eu sinto assim ó eles têm um sentimento ainda de defender a escola, acho que diminuiu bastante isso, mas eles ainda têm. Mas infelizmente é segundo plano. Se você tiver um jogo no mesmo dia da escola e fora da escola, ele vai jogar no time fora da escola. É difícil hein...

C: Voltando um pouco na sua forma de organizar seu time, como você divide o tempo deles em quadra, nessa divisão que você explicou anteriormente uns acabam jogando mais do que outros?

I/T 4: Isso eu não troco todo mundo, é aquele negócio assim, você leva, aí vai do jogo, se está difícil você mantém, aí você espera, o professor troca lá, você troca aqui também, você vai deixando na medida do possível você vai trocando, entendeu, não tiro o time inteiro porque lógico vai cair. Então é um jogo de xadrez, é aquele negócio, vai levando, geralmente dá certo. Agora se você tiver doze no banco amigo você está perdido...

C: Então as trocas ocorrem muito em função do placar do jogo ou do nível técnico do adversário?

I/T 4: Sim, é aquele negócio, você vai levando, de repente você vai já abriu quatro a zero, aí você fala, vamos jogar, aí você troca, né na medida do possível também, para não ficar muito né, mas vai trocando cara.

C: Como você lida com a competição interna, até ponto você incentiva essas situações?

I/T 4: Eu geralmente, não falo quem é titular e quem não é e eu não incentivo isso, ah está brigando por posição. Porque pode ser que em um jogo assim o menino que é muito bom na defesa mas de repente ele é alto aí eu coloco ele lá na frente. Mas eles sabem, tipo assim, quem está jogando nas posições, eles sabem, no treino ali eu não falo quem vai entrar de titular amanhã ou não, é na hora do jogo ali. Mas as crianças sabem, eles sabem quem vai jogar. Mas eu não fico nessa tecla ali ó, você é titular, você é reserva, de maneira nenhuma. Ah e tem outra coisa, não sei se você, mas de repente você trabalha com 5 meninos titulares, aí chega na hora do jogo aparece três... tem muito isso, de uns 10 anos para cá (pausa), é complicado porque a criança não tem mais o mesmo estímulo de ir igual era antigamente, que você chegava para o menino: ó tem jogo e ele dizia: Professor fica tranquilo tamo lá. Atualmente você tem que ficar: ó se vai? Aí ele fala: to vendo se eu vou se eu não vou... Fica aquele negócio que nem você sabe quem vai ser titular e quem não vai, de repente você vai chegar lá... aqui na escola é desse jeito, eu já tirei esse negócio da cabeça, não adianta. Você chega para jogar aí você olha para arquibancada, e aí, hoje acho que vai dar eles estão aí... é assim... está desse jeito.

C: E pressão para vencer jogos e campeonatos você sente de alguma forma?

I/T 4: Durante o tempo que eu estou trabalhando e na escola que eu estou hoje e na escola que eu trabalhava, não é prioridade da escola vencer. A escola quer que as crianças tenham disciplina e se comportem bem nas competições em outros locais. Porque é uma forma de mostrar a escola e seu comportamento, o ensino. E eu acho que a cobrança maior é dos pais. Agora vencer (pausa), todo mundo gosta de vencer, ninguém gosta de perder, mas eu penso assim ó, você vê seu time jogando direito, fazendo o que você treinou, independente se ele vai chegar em primeiro, em segundo em terceiro, eu acho que é isso que vale. Ganhar é importante, o primeiro colocado é importante, é, porque segundo terceiro não vale nada. Vice não vale nada. Então assim para mim, é importante ganhar, tem o ego lá né, dizer ó foi campeão, só que com o passar do tempo isso aí foi meio que caindo né, quando eu comecei lá atrás aquela euforia, você tem que ganhar. Hoje meu objetivo maior não é esse cara, o objetivo maior é você ver né as crianças progredirem, eu acho que o mais importante é isso e geralmente o pai não entende isso. O pai não entende que você está em um campeonato e você resolveu colocar uma categoria menor. Oh eles são um ano mais novo, o pai não quer saber que você tinha 3 jogadores que não vão

mais e aí você precisou completar com outros jogadores as vezes mais novos. E no futsal um ano faz muita diferença, faz diferença, no vôlei, no basquete, no hand, um, dois anos não faz tanta diferença, mas no futsal faz muita diferença. Então o mais novo ali para ele jogar no nível dos mais velhos ele tem que ser muito bom de bola.

C: Você poderia me descrever seu comportamento no banco de reservas?

I/T 4: Muda demais, em função do resultado, mesmo sendo experiente... eu já melhorei bastante assim, mas é as vezes quando você está perdendo e perdendo de muito não é fácil não, de repente você vê algumas atitudes no outro banco, né o cara mandando o time ir para cima com cinco, seis a zero e o cara trocando e dizendo vai vai para cima... se fica nervoso que sai fora do controle um pouquinho. Mas meu estilo assim, eu não cobro tanto das crianças se entendeu, é de repente eu reclamo mais com o árbitro e menos com os alunos, só seu tiver muito nervosos, mas muito nervoso, assim né. Mas eu melhorei bastante. Mas não é fácil não.

C: E quanto as instruções, você prefere falar durante o jogo ou mais na hora do tempo ou do intervalo?

I/T 4: Bom, é eu gosto do jogo, o tempo, o intervalo, você está vivendo o momento ali, você já viu o outro time jogar. Porque as vezes você assiste o time que você vai enfrentar jogar e a equipe se comporta de um jeito e no seu jogo eles vem de outra forma. A criança nessas categorias que estamos conversando sub 11, 12, 13, 14, tem muito do dia da criança, você tira nos dedos os craques, esse vai jogar bem sempre, mas aquele ali que compõem, não é que ele é ruim, mas ele oscila demais. Eu gosto de trabalhar com o banco, eu troco, as vezes eu troco o aluno para conversar com ele no banco e aí falo para ele assim assim assim, gosto de cantar o jogo também. Porque as vezes não dá tempo de treinar tantas coisas e aí o cantar o jogo ajuda. E a criança nesta idade na marcação, que é a parte mais difícil do brasileiro, que está na nossa cultura de não marcar, atacar, atacar, atacar, time de índio. Então a defesa é mais difícil de trabalhar e é onde eu canto mais o jogo.

C: Falando mais especificamente de sua relação com os pais. Fale sobre a presença deles assistindo treinos e jogos.

I/T 4: Bom vamos começar pelo treino, eu nunca me incomodei com o pai assistindo treino, tanto é que eu já trabalhei no clube com campo e você imagina tinha muito pai olhando o treino, para mim isso não tem diferença. Agora no jogo, o que tento fazer é o seguinte, o que eu tento fazer é separar ao máximo os alunos dos pais. Porque eu acho desagradável chamar a atenção do pai que está passando uma instrução para o filho, acho que isso é do pai, ele quer de alguma forma ajudar, o que eu tento fazer é o seguinte, eu não proíbo, o aluno foi lá falar com o pai eu não ligo, isso aí é um negócio fraternal de pai para filho, então eu não proíbo, mas eu tento ao máximo separar, já chegar no ginásio e falar vamos para lá conversar. Nunca tive muito problema com isso não viu Grafite. Eu acho assim o pai começa a dar instrução quando ele percebe que quem está comandando está perdido, agora a partir do momento que você toma as rédeas poucas vezes aconteceu isso entendeu?

C: Algum pai já te ofendeu de alguma forma?

I/T 4: Ofendido assim grotescamente não, mas as vezes com algumas palavras assim, é, indiretas, tipo: poxa professor o time não evoluiu, ou ah professor, mas está ruim né, sabe aquelas palavras assim que magoa, magoa um pouquinho a gente. Mas a gente sabe do trabalho que está fazendo e até a onde o time pode chegar. Sabe que de um time para outro existem diferenças, então sabe, eu aceito, eu aprendi um negócio cara, quando você vai conversar com o pai, você nunca discorda dele da primeira vez, se ele falar, ele vai te falar uma abobrinha, aí você vai chegar e falar assim para ele oh em partes eu concordo (pausa) até concordo com o senhor e tal, aí depois você vai e fala o que você acha, entendeu, aí na hora quebrou o gelo dele né, então, é, nunca tive problema não.

C: Você explica a sua forma de trabalhar para os pais?

I/T 4: Não.

C: Você marca reuniões, manda textos?

I/T 4: Não, não faço nada disso.

C: Agora sobre a relação com a direção da escola, você me adiantou que não sofre nenhuma cobrança por resultados, e se existisse essa pressão, hipoteticamente, como você reagiria?

I/T 4: Se eu fosse cobrado por resultado, por campeonato em si, ser o primeiro é primeiro eu teria que mudar o jeito que eu trabalho, não é verdade, eu colocaria só os alunos que eu acho que tem condição, separar, eu teria que de repente solicitar um ou outro aluno bolsista, entendeu, é eu teria que trabalhar um pouquinho diferente do que eu trabalho, são objetivos diferentes, se o objetivo é ganhar é uma coisa, se o objetivo é você trabalhar a educação que eu acho que uma escola, acho que são objetivos diferentes, entendeu, tem que separar os trabalhos, seria totalmente diferente do trabalho que to fazendo aqui agora.

C: Quantas vezes você treina a sua equipe por semana e de quanto tempo é o treino?

I/T 4: Oh aqui é bom hein cara, não posso reclamar não, aqui são duas vezes por semana de uma hora e meia cada treino. Três horas por semana.

C: Você altera alguma coisa nessa rotina de treinos em função da proximidade com algum jogo importante, ou durante a disputa de algum torneio?

I/T 4: Não, sempre a mesma rotina, mesmo na hora de aquecer antes do jogo, sempre a mesma rotina, ah chegou na final fazer qualquer coisa de diferente, não sempre as mesmas rotinas.

C: E durante a semana de trabalho que antecede o jogo alguma mudança?

I/T 4: Não, sempre a mesma rotina, o que muda é uma empolgação ou outra, mas nada de diferente, do tipo oh vamos vir hoje à tarde aqui para um treino extra para o jogo que vai ter a noite ou coisa do tipo não, nada disso, sempre a mesma rotina.

C: Como você organiza seu treino, tipos de exercícios, de jogos?

I/T 4: Eu não trabalho a parte física especificamente, o trabalho que eu faço, eu gosto de trabalhar com bola, toda a parte física é com bola, está inserida ali com bola, eu gosto de trabalhar fundamento, e aí finalização, gosto de trabalhar é é como vou falar é, situações de jogos, tirando do coletivo, sabe, quebrar um pouquinho. E o coletivo também.

C: Quando você fala em fundamentos?

I/T 4: Isso, fundamento mesmo, passes em duplas, em trios, isso eu gosto de fazer.

C: Nesse jogo de situação que você falou como seria?

I/T 4: Dois contra um, três contra dois, gosto de fazer bastante isso aí. E na finalização algumas jogadinhas ensaiadas. Tudo assim ó, falo para eles ó situação de jogo ó, o lateral aqui ó, vai passar, tipo escanteio, dá a volta por trás, geralmente alguns em situações de jogos e outras mais estático, basicamente o que trabalho é isso aí. Eu gosto de trabalhar, o coletivo na forma de coletivo, com orientação, e tal com posição e geralmente eu deixo assim um rachaço quando eu tenho de 15 a 20 alunos eu faço ele competitivo, monto 3 times, 10 minutos ou dois gols e quem ganha fica, estimular a competição entre eles entendeu, aquele negócio assim está acabando o tempo, já tomamos um gol, eu gosto de trabalhar isso aí, geralmente eu deixo sempre meia hora final, uns 40 minutos finais, sempre do último treino da semana que este ano ainda coincidiu de ser na sexta-feira. E eles gostam demais disso daí, isso estimula a competição, estimula, não sei, eu gosto disso daí, e eles gostam, para você ver um negócio que pode ser, eu acho que é importante.

C: Ficou faltando alguma coisa para falarmos sobre o futsal na escola, que com a sua experiência você gostaria de acrescentar.

I/T 4: Poxa acho que falei de tudo hein... falei bastante hein... acho que, se eu lembrar mais alguma coisa eu te mando no zap, é isso aí mesmo, é o que faço, não tem muito segredo cara.

APÊNDICE G – Entrevista com o Instrutor/Treinador 5

Entrevista 5 – Instrutor 5 – 13/12/2016 – tempo: 49 min 28 segs.

C: Por favor me diga a sua idade o ano de sua formação o ano de sua formação e aonde você se formou?

I/T 5: Meu nome é XXXXX tenho 29 anos me formei licenciatura em 2009 na XXXXX e o bacharel em 2010.

C: Você atua a quanto tempo como Instrutor de Futsal na escola?

I/T 5: Atuo com o futsal desde 2013 no colégio XXXXX.

C: Além da escola de você já trabalhou em alguma outra instituição Universidade ou escola de futebol fora do ambiente escolar?

I/T 5: Não, foi sempre na área escolar.

C: XXXXX me conta como foi a sua relação como Esporte desde a infância até como ela se encontra hoje nos dias atuais.

I/T 5: Bom a minha relação com o esporte sempre foi escolar sempre pratiquei esporte na escola na educação física participando de competições escolares tanto externas quanto internas e por lazer nunca foi por, éééé, profissionalmente ou então a nível um pouco mais acima, sempre foi pôr o hobby por lazer e na área escolar, atualmente eu pratico atividade física mais por lazer.

C: XXXXX nos últimos cinco anos você fez algum curso alguma atualização na área de futsal?

I/T 5: A minha capacitação foi na faculdade e também através de Estágios acompanhando o trabalho de outros Professores e através de material didático, de livros, da internet, de vídeos mais mas acho que o melhor foram os estágios e o material didático.

C: XXXXX você atua aqui nesta mesma escola nos ambientes curricular e extracurricular?

I/T 5: Sim atuo nos dois. Na instituição que eu trabalho, do terceiro ao quinto ano o futsal é extracurricular, mas no Fundamental II do 6º ao 9º o futsal e as outras modalidades esportivas entram no curricular, faz parte da Educação Física, então nesta idade os alunos escolhem uma modalidade e essa modalidade acaba sendo a educação física curricular deles. Então dessa forma eu atuou nas duas áreas.

C: Então no caso não tem diferença do futsal curricular e extracurricular, uma vez que os treinos de futsal também são considerados como aulas do curricular, assim de certa forma os ambientes estão unificados, é isso que eu entendi? E desta forma então tem muitos alunos praticando?

I/T 5: Sim, bastante alunos.

C: E como vocês lidam com essa situação, tem uma diferenciação entre os que só jogam na educação física e os que disputam os campeonatos escolares?

I/T 5: Tem, tem, na verdade, dependendo da turma, participam até alunos que não fazem aula de futsal, praticam outras modalidades e dependendo do campeonato, o critério que eu uso para

selecionar é a disciplina, é o trabalho em equipe, além do jogar bem ou não, além da habilidade técnica, eu priorizo a disciplina e a boa relação com os professores e com os outros alunos.

C: Quais são seus objetivos ao ensinar o futsal na escola por que você ensina o futsal na escola? O que você quer que seus alunos aprendam sobre e com o futsal?

I/T 5: Eu acho que assim, o principal objetivo vai um pouco além do futsal, é eu me preocupo muito com o bom convívio entre eles, é, respeito, trabalho em equipe, então quando eu consigo com que os alunos, porque o futsal gera muita briga, como o futebol em geral, é discussão, então eu tento criar um ambiente amistoso, um ambiente bom. Isso além de ensinar as regras, ensinar a parte específica do futsal.

C: O que você gostaria que eles fizessem com o que eles aprendem com o futsal?

I/T 5: Ah, acho que o esporte em geral é uma ferramenta para o bom convívio em sociedade né, se você consegue conversar, se você consegue ter uma boa convivência, se você consegue ter disciplina dentro do jogo, as situações que a vida te proporcionar, você vai conseguir administrar melhor.

C: E além desse aspecto mais relacionado com os valores de formação do indivíduo e a vida em sociedade, você enxerga alguma relação do esporte escolar com o esporte de alto rendimento?

I/T 5: No meu trabalho eu não viso tanto rendimento, eu não me preocupo tanto do aluno entrar sem saber jogar futsal e sair jogando bem, na verdade é, é ensinado a parte técnica, a parte tática, para que o aluno aprenda e se esforce, tente evoluir mas no limite dele. Mas não temos na nossa instituição o objetivo de formar atleta, formação de atletas. É mais a formação de cidadãos do que de atleta na realidade.

C: XXXXX me fale sobre a competição escolar.

I/T 5: Eu acho que a competição escolar, ela é bem importante, porque vai ensinar muito para os alunos além do esporte, porque eles têm que ter disciplina, durante o jogo, fora do jogo, tem que compreender a hora, porque eu procuro sempre esclarecer para os meus alunos que eu coloco eles para jogar conforme a característica de cada um. Então tem jogo que de repente eu preciso daquele aluno que é mais calmo, daquele que marca melhor, daquele que... então eu monto o time conforme a característica de cada um, então eu converso bastante com eles para que eles não se decepcionem quando perder, quando de repente não entrar ou jogar menos do que o outro. Então eu me preocupo com isso porque é, além dos alunos se aborrecerem tem os pais também que vão tirar satisfações do tipo, por que que meu filho não jogou? Por que o fulano jogou mais do que ele... Então antes e durante o treino eu explico para eles... oh nós vamos competir e vai ter o jogo assim é, pode ser que alguém não entre para jogar, porque eu convoquei bastante gente é o tempo é curto de jogo, geralmente são jogos de 15 min por 15 min, as competições, então não dá para ficar trocando quando o time está entrosado entendeu, se eu tiro alguém para colocar um outro que não jogou de repente pode... então eu sempre converso com eles e pergunto: vocês querem ganhar o campeonato ou querem jogar todo mundo, foi o que aconteceu na liga sub 12, falei assim: galera o que vocês querem? Vocês querem que eu ponha todo mundo para jogar? Eu coloco 5, tiro os 5 coloco outros 5 e todo mundo joga e brinca independente do resultado, por mim tanto faz...

Não não a gente quer ganhar eles disseram... então beleza vou colocar para jogar aquilo que... dependendo da leitura que eu fizer de jogo eu vou escalar o time e vou fazer as substituições conforme eu sentir a necessidade, aí perguntei: todos concordam, ninguém vai sair reclamando depois que não jogou ou jogou pouco? Ai todos eles disseram que beleza. Então tranquilo, eu procuro trabalhar desta forma acordando com eles, sempre conversando durante os treinos.

C: Você abriu para eles decidirem, mas internamente você tinha alguma preferência entre as escolhas?

I/T 5: Ah eu, eu gosto assim, eu tento montar um time forte para entrar para ser competitivo, até porque nós somos cobrados né, principalmente não é o objetivo de ganhar, que nem quando eu falei na outra questão lá que meu objetivo não é formar atleta, não é alto rendimento, mas se a gente entra com time aí de repente mais fraco sem o objetivo de ganhar mesmo e acaba perdendo, os pais acabam cobrando da gente. É meio complicado isso, então tem que ir tentando administrando, tentar conseguir bons resultados com aquilo que a gente tem.

C: XXXXX você falou sobre essa cobrança que as vezes acontece pela vitória, como acontece isso no seu trabalho?

I/T 5: A direção da escola não me cobra tanto, até porque a escola não tinha muita fama assim no futsal, a gente nunca teve um histórico de estar sempre ganhando campeonato e tal, isso veio mais recentemente que nós tivemos alguns bons resultados. Então a escola não tem muito essa participação muito grande no esporte e isso vem mais acho que dos pais, que muitas vezes querem cobrar um desempenho melhor da equipe e tal, mas nada também fora do comum é uma coisa mais tranquila assim. Na verdade a pressão não é tão grande... a gente tenta mais é manter um equilíbrio.

C: XXXXX, você explica a forma que você trabalha para os pais, reunião ou envio de texto?

I/T 5: Não, é geralmente quem faz esse trabalho é a escola, a direção da escola faz a reunião com os pais. É tem uma reunião com os alunos que passam para o EFII, tem uma reunião com os pais de apresentação dos professores, mas a gente não tem a oportunidade de estar explicando como funciona esse trabalho. Até eu acho que interessante a gente explicar, porque tem pai que acha que o menino vai entra lá para ser jogador, né, e na verdade a gente está mais preocupado com o desenvolvimento motor principalmente com os pequenos do Fundamental I, então nessa turma a gente faz uma coisa mais geralzona, não faz muito exercício específico, não cobra tanta regra, são mais exercícios gerais para melhorar a coordenação motora, o desenvolvimento motor de uma forma geral. Para depois a gente ir especificando.

C: Ainda sobre essa relação com os pais em algum momento foi já foi ofendido por algum deles?

I/T 5: Tem pai que durante o jogo ele se exalta, se exalta e grita e tal, mas é em questão de ser ofendido não, nunca tive essa situação.

C: Retomando a questão dos seus objetivos com o ensino do futsal entre todos que você colocou até aqui, qual seria o principal?

I/T 5: Eu acho que dependeria da faixa etária, eu acho que para os alunos menores, mais novos, eu acho que o futsal poderia ser usado tanto de forma social quanto mais o desenvolvimento motor da criança. E para os alunos mais velhos (6º ao 9º ano) que já tem esse desenvolvimento motor, essa parte motora mais desenvolvida, eu acho que seria eles o aprender a competir, saber competir de forma saudável.

C: Vamos entrar em uma etapa da nossa entrevista que vai envolver aspectos relacionados as suas ações, suas atitudes em relação a vários aspectos, você já nos adiantou algumas coisas no início da conversa, mas aqui vamos explorar um pouco mais, ok?

I/T 5: Aham.

C: Quantos alunos você tem nessas categorias que jogam as competições. Como você tem uma situação muito específica na sua escola em que a modalidade extracurricular também atende o curricular, gostaria que você pensasse agora nos alunos que você leva para as competições.

I/T 5: Nós dividimos assim, 6º e 7º ano treinam juntos e 8º e 9º ano treinam juntos, são horários separados, por exemplo a turma do sexto e sétimo, nós utilizamos 3 quadras com 3 professores e aí com o decorrer do ano a turma foi diminuindo mas ao longo do ano tivemos uma média de 30 alunos e separados em 3 professores, 3 quadras, quando faltam alguns alunos fazemos em duas quadras, 15 em cada, as vezes 10 e 15, depende da quantidade de alunos que comparecem. E no oitavo e nono são menos alunos com uma média de 15 a 20 alunos e a gente escolhia assim, aqueles melhores tecnicamente e os que se dedicavam mais, que faltavam menos, que tinham um perfil de competição porque tem aquele aluno que joga bem, é bom de bola mas briga e arruma confusão e prende muito a bola e fica rodando não faz nada, e ainda tem o pai que acha que o moleque é o Neymar, e aí vai o pai cornetar então a gente procura porque como eu tenho convivência com os alunos fora da aula de futsal também na escola porque de manhã eu sou monitor lá na escola, então eu tenho convivência com alguns desde pequenos, então já sei quem é quem, conheço bastante as crianças, então eu separo conforme o perfil mesmo.

C: Achei interessante essa divisão em 3 quadras, de que forma vocês distribuem os alunos nas quadras para os treinos, por exemplo, as meninas treinam juntos ou separados dos meninos?

I/T 5: Separados.

C: Tem algum outro aspecto levado em conta para a distribuição nas quadras?

I/T 5: Depende, nós fazemos assim, quando começou a Liga Escolar por exemplo, tinha lá dentro do sexto e sétimo 11 alunos que eu convoquei, é aí eu separei esses 11 alunos para trabalhar específico e os outros tendo outro tipo de treino, também com elementos do futsal, treinando e seguindo o planejamento mas de uma forma não específica para a competição. Então as vezes a gente dividia assim também.

C: Quantas vezes por semana suas equipes treinam e por quanto tempo? E quando próximo a competição ou a algum jogo importante você altera alguma coisa na rotina de treino de suas equipes?

I/T 5: Sim dependendo do Campeonato, vai muito da turma e do campeonato, por exemplo o XXXXX, normalmente no XXXXX eu faço um treino extra na quarta feira, que é um dia que eu tenho

livre, uma janela, aí eu falo vamos lá galera, vamos treinar na quarta para o XXXXX. Tem turma que... tem ano que a turma não pode, eles já têm outros compromissos no horário, mas tem turma que eles podem e aí a gente treina. Então eu sinto a turma, tem turma que eu já consigo fazer essa divisão durante o treino, para alguns tem um treino mais específico para a competição e a outra turma tem um treino mais geral, tanto para os Jogos da Primavera quanto para o XXXXX, depende da turma. Então quando eu consigo que eles compareçam nesse treino extra eu faço se não preparo a equipe no treino regular mesmo.

C: E para os jogos XXXXX você costuma levar o número limite que a súmula permite, como você organiza isso na sua equipe?

I/T 5: A eu penso, que eu não tenho uma regra que eu sigo, eu vou sentindo conforme a turma. Tem campeonato que eu gostaria de levar mais jogadores só que pode ser que não dê certo, porque eu sei que tem jogador que se eu levar e jogar pouco tempo eu terei problemas, porque os pais vão reclamar, tem aquele menino que até pode jogar bem pode ir bem no campeonato, mas eu sei que ele vai brigar, vai brigar com o juiz, que o pai vai entrar para defender ele e vai virar confusão então aí eu já... Então eu vou sentindo a turma tem campeonato que eu procuro chamar menos, uns 10, o menos possível para poder competir melhor, mas aí entra aquele caso, sempre vai ter aquele jogo que podem faltar uns 4 jogadores, aí se eu chamo pouco posso perder de W.O. Então eu tenho que chamar uma quantidade que eu não vou ficar na mão, então eu meio que tento achar um equilíbrio, geralmente eu chamo de 10 a 12 jogadores por jogo.

C: XXXXX você já adiantou alguns critérios que você utiliza para convocar os seus alunos para os jogos e competições, falando mais objetivamente como você organiza e prioriza esses critérios, que tipo de comportamentos que você valoriza e o que eles precisam conhecer do jogo?

I/T 5: Tem a parte técnica, as vezes eu fico de olho até no intervalo deles, que eles jogam bola, fora do horário do treino, eu observo eles jogando e aí converso com os outros professores e digo olha o fulano é bom de bola, aí durante os treinos eu observo também eles jogando, separo alguns que jogam bem, que tem essa parte técnica bem desenvolvida os que são bonzinhos, que convivem bem, que não brigam e que jogam direitinho, e que não dão problema vamos colocar assim. E um fator que eu levo em consideração são os pais, aquele pai que eu sei que é problemático as vezes eu nem chamo o aluno, e já aconteceu inclusive esse ano, com um aluno, bonzinho, joga bem mas o pai atrapalha, o pai não né a mãe, o pai é legal e a mãe põem o menino lá em cima achando que o menino é o Cristiano Ronaldo, dá problema, reclama na escola que o menino jogou pouco, que o fulano jogou mais que ele, que ele é o artilheiro do campeonato, que ele tem que jogar e as vezes eu penso nisso para convocar, e eu converso com eles durante o trino, sobre isso também, não tão abertamente, eu não falo olha os pais de vocês se tiver dando trabalho eu não vou chamar, mas eu falo, olha no futsal a gente tem que respeitar, eu ensino eles a não reclamar com o juiz isso as vezes o pai me cobra, porque que você não entrou na quadra para falar com o juiz, aí eu falo eu ensino eles a não reclamar e aí vou dar o exemplo errado, como que eu posso fazer isso. Então isso é um fator que eu levo em consideração porque eu tento proporcionar o

ambiente de competição uma coisa saudável e não que de problemas, eu tento evitar problemas, então além do fator técnico, da parte disciplinar, também tem esse fator pais.

C: E desses três fatores tem algum que pesa mais?

I/T 5: Eu acho que pesa mais a técnica e a disciplinar, acho que as duas caminham juntas, ele pode ser bom mas se não tiver disciplina não serve ou pode ser um aluno bem disciplinado mas se não tiver uma noção básica do que fazer, também não tem como assim montar um time competitivo.

C: Pensando nisso que você me disse agora, as vezes o menino é bonzinho mas não tem tanta habilidade como você enxerga a questão do aluno talentoso.

I/T 5: Eu acho que são as duas coisas, o que eu observo, aqueles alunos que jogam bem a maioria deles faz escolinha desde pequeno, eu acho que ele já tem esse talento, até da parte cognitiva motora que já vem sendo trabalhada desde criança, o gosto né pelo futebol, pelo esporte e também eu acho que tem a parte técnica que ele vem trabalhando desde criança, a parte externa este estímulo externo específico do futsal, então eu acho que inclui as duas coisas, o perfil e o talento que já é da criança mais... somado com a parte técnica de fora que ele vem aprendendo desde criança. Geralmente o moleque tem 4 anos e o pai já põem ele em uma escolinha de futsal e de futebol.

C: Então para você o tem um peso maior, o que ele vivenciou ou o fato de ter nascido com um dom?

I/T 5: A maioria acho que é o fato, já nasce, já nasce com o talento... para o futsal, para o esporte e esse talento é trabalhado durante a vida dele, aí quando ele chega para mim lá na aula de futsal, vem muito moleque bom lá de uma outra escola, a escolinha de arte do museu, eles saem de lá e geralmente vem apara o Itamarati, todo ano chega uma safra, chegam uns moleques muito bons, tanto que esses moleques que jogam o XXXXX, a Liga, vem do XXXXX, então vem uma safra muito boa de lá, então eu não sei, e todos eles fazem aula fora, ou fazem lá com o XXXXX, ou no XXXXX, ou no XXXXX, 90% faz escolinha fora.

C: E você tem dificuldade com esse aspecto de as vezes eles priorizarem outros locais de prática em relação a escola?

I/T 5: Sim, as vezes eles dão prioridade para a outra Escola, igual aconteceu com o goleiro que jogou na Liga, era meu goleiro titular, ele treina no XXXXX ele disputa paulista e tal, e em alguns jogos ele não foi porque tinha treino, mas aí eu respeito, não vou obrigar o moleque a jogar.

C: Mas você nota uma preferência pelos locais de fora?

I/T 5: Tem tem, tem até um menino que eu gostaria que ele tivesse disputado a Liga, ele é filho do XXXXX, joga bem demais, ele não é um moleque habilidoso, driblador enceradeira, ele é inteligente, finaliza bem, ele seria um bom pivô. Mas o pais não libera porque ele já treina fora em dois lugares e o pai tem receio dele se machucar jogando pela escola. Já tem uma perspectiva de alto rendimento.

C: XXXXX e como você organiza seu time, você tem um time titular e reservas, você deixa isso claro para os alunos. Como você organiza essa situação?

I/T 5: Como eu disse no começo, eu falo para eles não tenho um time titular, vou montar o time conforme o perfil de cada um, conforme o talento de cada um, as vezes eu preciso de um time que marca para não levar gol, vou colocar em quadra jogadores que marcam melhor e que aguentam mais, as vezes de dois mais entrosados para fazer uma triangulação melhor, e tal, ter mais posse de bola, aí já são outros que eu vou colocar, então eu vou sentindo o jogo e vou escalando o time.

C: E como você divide o tempo deles em quadra, tem alguma influência o placar do jogo ou o nível técnico do adversário por exemplo?

I/T 5: As duas questões influenciam, de repente o adversário de repente tem um poder de ataque melhor, tem meninos mais habilidosos eu vou montar o time com os que defendem melhor para jogar no contra-ataque, ou então se tiver pouco tempo de jogo e eu tiver precisando do resultado eu coloco os meus mais habilidosos para ir para cima e ver o que acontece.

C: Essa forma de organização acaba dando uma diferença de tempo dos meninos em quadra?

I/T 5: Sim, mas eu já converso com eles no treino sobre isso.

C: Como você lida com a competição interna, até ponto você incentiva essas situações?

I/T 5: Assim, na parte técnica entre eles eu não faço isso, oh o fulano está jogando melhor que você, vamos treinar mais, eu não faço isso, eu faço na parte pedagógica, na parte disciplinar, por exemplo eu falo, está vendo o fulano não faltou em nenhum treino, chegou no jogo jogou direitinho, fez o feijão com arroz, tocou bem a bola, não reclamou com o juiz, jogou bem, jogou de titular, agora o ciclano não, foi lá reclamou com o juiz brigou, fez uma falta feia, assim não joga, eu prefiro perder o jogo do que tem um problema disciplinar, então dessa forma eu falo com eles e eles costumam atender. Porque as vezes tem aquele menino que entra muito pilhado, que reclama, então eu falo, calma abaixa a adrenalina, foca no jogo, as vezes eles falam não mas o cara me bateu me deu um soco, eu vou dar também, aí eu falo, não, desconta na bola, foca no jogo, não importa se o pai está reclamando, se o juiz está errando, o juiz vai errar, é difícil apitar jogo, e pode ser que o juiz favoreça outra escola, pode acontecer, mas foca no jogo, desconta no futebol. Eu falo sempre isso para eles.

C: Como você lida com a pressão por vitórias e de que forma isso acontece no seu trabalho?

I/T 5: Eu acho que ter um bom resultado em campeonatos é legal para o nosso trabalho até então tem essa questão, por parte da direção da escola eu acho que eles se preocupam em que tenhamos um bom resultado para eles estarem divulgando o trabalho da escola, eu acho que o foco deles é mais esse, do que a parte de apoio ao esporte. Então a gente conseguindo bons resultados divulga o nome da escola. E eu acho que os pais, querem ver os filhos ganharem, tem essa questão. Mas essa pressão existe mas não é uma coisa tão absurda, tão grande, dá para gente levar. Acho que tem outras instituições que isso é muito maior tanto da parte do professor como da escola, a escola tem que ganhar, o professor tem que ganhar, lá na nossa instituição não é tanto assim não, se ganhar legal, se não ganhar também não vai atrapalhar o nosso trabalho.

C: XXXXX e como você descreve seu comportamento, sua postura no banco de reservas?

I/T 5: Ah depende, eu sou bem ativo com eles, grito bastante, não na intenção de chamar a atenção, de de, criticar, mas eu grito na intenção de que eles me ouçam, porque durante o jogo eles estão ali focados jogando, aí a gente tem que gritar para eles me ouvirem, para eles saberem, eu tento, está sempre corrigindo alguma coisa, e me policiando também para não deixar eles nervosos, isso já aconteceu... Principalmente com as meninas, acho mais difícil de lidar as vezes você está gritando para ela porque o tempo de cobrar o lateral está acabando, aí você fala vai vai bate e ela já fica achando que é pessoal, aí erra, sai chateada. Então eu tento me policiar um pouco, mas eu tenho uma atitude ativa assim, to sempre gritando gritando, corrigindo, tentando passar instruções.

C: Então você costuma instruir seus alunos não só nos momentos de intervalo e tempo, mas ao longo do jogo todo?

I/T 5: Eu tento me policiar para não ter uma atitude agressiva com eles, para que ele não seja interpretado por uma forma agressiva, do tipo nossa ele está gritando muito, eu tento assim chamar a atenção de uma forma técnica no jogo para que eles me escutem, para que eles prestem atenção, para que eles consigam um resultado melhor, mas eu tento me conter para não tornar uma coisa agressiva. Porque também não é o objetivo, o objetivo não é tanto o alto rendimento.

C: Como você organiza seus treinos, que exercícios atividades você realiza?

I/T 5: Eu vou separando assim o conteúdo, o planejamento da aula conforme a faixa etária, cada faixa tem uma característica que a gente tem que trabalhar. Para as meninas principalmente as menores, eu dou uma coisa bem geral, mais exploração da bola, sentir o peso, entendeu, deixo elas chutarem, não cobro regras, eu ensino regras básicas, lateral, tiro de meta mas muita coisa eu não cobro, por exemplo, no lateral a bola tem que estar em cima da linha corpo fora da quadra, isso eu não cobro, deixo elas baterem mais vontade para treinar mais o desenvolvimento motor, essa parte mais motora mesmo, delas conseguirem chutar a bola, delas acharem, descobrirem, explorarem o peso da bola. Saber como posicionar o corpo para chutar a bola, então eu deixo elas desenvolverem de uma forma mais geral, conforme eles vão ficando mais velhos eu vou especificando mais. E depois vou ensinando passe, os fundamentos básicos do futsal, passe, condução de bola, finalização, cabeceio, eu vou ensinando desde os pequeninhos mais o foco vai mudando. Para os maiores do EFII eu vou passando passe, tudo de novo no começo do ano e mais só que de uma forma mais específica é com exercícios mais difíceis, por exemplo tocar a bola entre cones, fazer exercícios mais elaborados de toque de bola e os menores de uma forma mais geral, se a bola chegar no pé do companheiro já está tudo certo. E para os maiores o passe tem que ser firme, se o passe for fraco o adversário pode te roubar a bola, então eu vou especificando mais conforme a faixa etária.

C: E você faz isso em forma de exercícios, de que tipo?

I/T 5: É com repetições contínuas, eu procuro sempre trabalhar meia hora de coletivo e meia hora de jogo.

C: O jogo que você fala é o coletivo, cinco contra cinco?

I/T 5: Isso tem aula que por exemplo dá quatro times, aí eu faço quatro times e eles jogam nas duas quadras ao mesmo tempo, aí eu faço em forma de campeonato, todos jogam contra todos, aí eu brinco com eles, digo, olha quem ganhar três pontos e no final das aulas eles querem saber quem ganhou e quem perdeu, eu faço dessa forma.

C: XXXXX me fala um pouco da sua percepção sobre o relacionamento entre os técnicos de futsal escolar aqui de Ribeirão Preto.

I/T 5: Eu acho que dentro da nossa modalidade tem vários perfis né, acho que a maioria tem bom relacionamento com todos de amizade, troca ideia depois do jogo, é mas percebo que tem profissional também que o foco é o rendimento, é a competição, que acaba o jogo e não te cumprimenta, vira as costas e sai andando, não vou falar o nome da instituição por questões éticas, mas acho que você sabe de quem estou falando...rs E você ganha o jogo o treinador vira as costas, vai embora chama o time e não te cumprimenta. Mas eu levo na boa, vou lá converso com os alunos sobre isso e digo para eles, olha estão vendo isso não pode acontecer, independente do resultado a gente tem que ir lá e cumprimentar, então eu procuro ensinar isso para os meus alunos. E acho que a maioria dos professores são assim também, então temos um bom ambiente, são exceções que não tem um bom ambiente.

C: Você teria alguma sugestão para melhorar ainda mais esse ambiente?

I/T 5: Eu acho que pelo que eu sinto, acho que as vezes é uma questão mais da instituição de ensino, como ela aborda o esporte, eu acho que tem instituição que foca no rendimento, que tem esse objetivo, que tem que ganhar, e eu acho que isso influencia no trabalho do treinador, no perfil dele, acho que a escola já escolhe o treinador pensando nesse perfil profissional para atuar lá com eles, mas a grande maioria tem uma boa convivência, e essa boa convivência é em função do perfil de cada um, do objetivo de cada um, a grande maioria tem um perfil legal, tem uma boa convivência entre eles, conversa, da dica e marca amistoso, e tem essa boa convivência, no geral tem essa boa convivência entre os professores.

C: Aproveitando o que você disse sobre as instituições, e se você estivesse em uma instituição que te cobrasse dessa forma o que você teria que manter ou mudar do seu trabalho para se adaptar e até que ponto você estaria disposto a trabalhar dessa forma?

I/T 5: De repente assim o que eu mudaria, eu abriria mão da conversa que eu tenho sempre com eles de vamos competir para fazer o nosso melhor e focaria na vitória, eu escolheria os melhores e focaria assim, nós temos que ganhar e transmitiria isso para os alunos, tentaria transmitir isso, não de uma forma agressiva, não me preocuparia com substituição, colocaria os melhores, cansou troca se não segue o mesmo time.

C: Ficou faltando alguma coisa para falarmos sobre o futsal na escola, que com a sua experiência você gostaria de acrescentar.

I/T 5: Agora não me vem nada na cabeça, mas eu acho assim, o foco na minha opinião além da parte técnica e tática do futsal que eu gosto, gosto de assistir, é um jogo dinâmico, eu acho essa parte do trabalho em equipe, porque não adianta ter um jogador bom no time, o time tem que estar entrosado,

tem que estar com esse trabalho... o trabalho em equipe mesmo, eu acho que essa boa convivência entre o time faz toda a diferença, se tiver um menino que destoa do comportamento dos outros mesmo jogando bem a equipe acaba perdendo rendimento, as vezes o menino não é tão bom tecnicamente mas tem uma boa convivência conversa bem com todos, eu acho que isso faz a diferença.

APÊNDICE H – Entrevista com o Instrutor/Treinador 6

Entrevista 6 – Instrutor 6 – XXXXX – 17/08/2017 – tempo: 17 minutos.

C: Me diga a sua idade o ano de sua formação o ano de sua formação e aonde você se formou?

I/T 6: 55 anos. Formei em 1986, na XXXXX.

C: Você atua a quanto tempo como Instrutor de Futsal na escola?

I/T 6: 23 anos como instrutor de futsal escolar.

C: Além da escola de você já trabalhou em alguma outra instituição Universidade ou escola de futebol fora do ambiente escolar?

I/T 6: Sempre na escolar.

C: Me conta como foi a sua relação como Esporte desde a infância até como ela se encontra hoje nos dias atuais.

I/T 6: Comecei no futebol de campo, na base do Votuporanguense, mas eu gostava mesmo era de caçar e pescar vivia para o meio do mato, mas como me destacava em alguns jogos de futebol, o treinador pediu ao meu pai que eu fosse treinar. E naquela época a gente obedecia aos pais. Aí joguei até os 17 anos, vim para Ribeirão me formei em EF. Aí joguei futsal pela seleção de XXXXX, no torneio XXXXX de futsal, disputei duas XXXXX, onde eu criei um ciclo de amizades, de muita amizade, muito coleguismo, isso foi muito importante para a minha vida. Atualmente eu tenho duas turmas de futebol de campo, uma as terças feiras e outra aos sábados.

C: Nos últimos cinco anos você fez algum curso alguma atualização na área de futsal?

I/T 6: Sim eu sempre participo do ENAF, um ano sim e um ano não.

C: Você atua aqui nesta mesma escola nos ambientes curricular e extracurricular, tem alguma diferença em trabalhar o futsal?

I/T 6: Sim a diferença é muita, na curricular não é homogênea. A coordenação motora é muito complicada dessa geração, o moleque está começando lá na aula e não tem habilidade e nem a aptidão.

C: Quais são seus objetivos ao ensinar o futsal na escola?

I/T 6: Assim o objetivo da prática do futsal escolar, é assim, eu penso assim, é promover o desenvolvimento físico do jovem e da criança. Eu gosto muito da frase do personagem Dom Quixote, quando ele diz “quando sonhamos sozinho, é apenas um sonho, mas quando sonhamos juntos é o começo da realidade”. O grande triunfo desta modalidade esportiva para mim é a cooperação e o grande tributo é que os jovens formem verdadeiras equipes com apreço a solidariedade. Solidariedade essa, que atinja, que ultrapasse as linhas da quadra e atinge a vida pessoal de cada um. Enfim formando verdadeiros cidadãos que é o nosso objetivo.

C: Me fale sobre a competição escolar.

I/T 6: A competição em si, você faz amizades o pessoal se solidariza, o aluno aprende a ganhar e a perder esse é o ponto positivo, o negativo é lidar com a derrota. Que na vitória é muito fácil, na derrota é mais complicado né, essa é a desvantagem.

C: Retomando a questão dos seus objetivos com o ensino do futsal entre todos que você colocou até aqui, qual seria o principal?

I/T 6: Formar gente, o cidadão né, que amanhã é o nosso orgulho, você formou um cidadão, você vê ele bem, está formado essa é a satisfação.

C: Quantos alunos você costuma trabalhar nas turmas de treinamento?

I/T 6: Eu trabalho com 18 atletas. Nós temos as escolinhas e a Educação Física da onde eu tiro os que tem mais qualidades e em cima disso tem o comportamento né, que é o mais importante e outra, a questão das notas do compromisso escolar.

C: Com esses 18 no treino, como você organiza para convoca-los para os jogos?

I/T 6: Geralmente desse 18, um tem um compromisso, um está lesionado, um não pode ir porque tem uma viagem, então a gente faz uma enquete no treino e eu pergunto “olha tem um jogo tal dia, quem pode ir?” Quando todos podem ir a gente vai revezando, hoje vai o João amanhã vai o Pedro.

C: Como são selecionados esse 18?

I/T 6: A gente observa nas escolinhas e nas aulas de educação física e vai convidando para eles participarem. E muitas vezes no ano anterior já vamos motivando os alunos da idade que disputarão as competições no ano seguinte.

C: Como você organiza seu time, você tem um time titular e reservas?

I/T 6: Sim ocorre no final do treino né, antes o aquecimento, o alongamento, os fundamentos né, aí faz um trabalho reduzido, todo mundo junto, aí na parte final a gente separa a equipe titular né focando e sempre revezando para manter o padrão da equipe.

C: E como você divide o tempo deles em quadra?

I/T 6: Geralmente tem relação com o adversário, cada equipe tem um estilo de jogar, o adversário não é igual, o placar dilatado também é bom porque permite a mobilidade de colocar todos para jogar.

C: No caso de jogos mais disputados?

I/T 6: É, eles já estão cientes que a gente conversa sobre isso, e diz “óh hoje infelizmente eu tive que segurar não poderia te colocar na fogueira, o jogo estava a mil por hora” e é por aí.

C: Como você lida com a competição interna, disputas por posições ou mesmo nos confrontos que ocorrem nos jogos em seus treinos, até ponto você incentiva essas situações ou não?

I/T 6: É cobrado, porque a equipe é o espelho do professor. O espírito da equipe é você olhar e falar essa equipe é a cara do professor. Então tem que deixar o aluno alerta que hoje ele está no banco mas amanhã ele pode ser o melhor em quadra.

C: Como você lida com a pressão por vitórias e de que forma isso acontece no seu trabalho?

I/T 6: Existe com a gente mesmo né. Em competição ninguém gosta de perder. Mas em momento algum tem a cobrança, se o trabalho está sendo bem feito, então não tem o que falar, o que cobrar. A gente se dedica ao máximo e treina ao máximo e o resultado é consequência né.

C: Você está me dizendo que a cobrança existe mais por um trabalho bem realizado do que pelo resultado final de títulos e vitórias?

I/T 6: É com certeza porque por exemplo, tem jogos que você vai arrebenta o adversário no meio, quatro cinco bolas na trave e vai e toma um gol de contra-ataque e perde o jogo, porque isso faz parte dessa modalidade né.

C: Como você descreve seu comportamento, sua postura no banco de reservas?

I/T 6: A minha atitude eu cobro muito, eu cobro o que foi treinado. Nada além disso. E disposição e atitude, porque eles estão preparados para isso, nós treinamos para isso! E é em cima dessa postura e do adversário que eu faço substituições, com estilo de jogo de cada jogador em cima do estilo de jogo do adversário. Eu acho que o João vai render mais que o XXXXX lá na frente, esse jogo ele encaixa melhor.

C: Como é a sua relação com os pais? E qual a sua opinião sobre a presença dos pais nos jogos e treinos de sua equipe?

I/T 6: Eu acho que sou um iluminado, estou nessa labuta a 23 anos e nunca tive um problema com pai, com a mãe e nem com familiares nenhum. A não ser elogios e assim, bate papo do tipo “foi bem hoje, não foi legal” eu acho que isso faz parte.

C: Então você nunca precisou lidar com a situação de ser ofendido por um pai ou algo do tipo?

I/T 6: Com a graça de Deus nunca parceiro!

C: Você explica seu trabalho para os pais de alguma forma?

I/T 6: Não, acontece de maneira informal, no dia a dia. Quando vai no jogo, ou vem no treino e acaba conversando.

C: Com relação a pressão por parte da direção que você disse não sofrer, como você reagiria se isso ocorresse no seu trabalho?

I/T 6: Se você é cobrado, você vai acabar passando para o atleta, acho que isso que aconteceria. Você vai tirar a liberdade dele, pode ser que ele piore ou melhore. O que a nossa escola cobra e nós todos aqui cobramos é a parte disciplinar, tanto na sala de aula como na área esportiva.

C: Tempo de treino, quantas vezes na semana? Altera a rotina próximo de competições?

I/T 6: Duas vezes na semana de 90 minutos. Sim nós marcamos amistosos aos finais de semana, criando um terceiro dia além dos treinos regulares, geralmente no sábado. Tem que jogar né, só treinar você não enfrenta adversários e fica monótono. É uma motivação a mais para os garotos ter esse jogo extra. Esses alunos que já estão envolvidos com a competição, eles pedem competição, eles querem jogar, querem participar, eles querem estar no meio. Ah isso é muito importante.

C: Como você organiza a sua sessão de treino? Que tipo de atividades e exercícios?

I/T 6: Na primeira parte fazemos um aquecimento legal, na segunda parte uma recreativa, na terceira parte mais tática e quarta parte mais técnica.

C: Que tipo de exercícios?

I/T 6: Variados, com quadra reduzida, reduzido, éééééééé, sempre na véspera do jogo um coletivo. Mas o que eu mais trabalho são os fundamentos.

C: Quais as dificuldades que você tem encontrado de trabalhar o futsal hoje em dia?

I/T 6: A dificuldade é que os garotos de hoje estão muito envolvidos com a informática né, acho que essa informatização afastou os nossos garotos das quadras. Essa internet, esse zap zap, vídeos, joguinhos computador, afasta um pouquinho sim essa é a dificuldade, mas o restante é tranquilo.

C: Você gostaria de falar algum aspecto sobre o futsal escolar que não tenhamos tratado até aqui?

I/T 6: Basicamente é isso mesmo, só ressaltar que nós trabalhamos a formação do garoto né, para que sejam verdadeiros cidadãos, é o que a gente planta, é o que a gente quer. Basicamente o que eu tenho para relatar é isso aí. E estou à disposição para quando vocês quiserem!

APÊNDICE I – Entrevista com o Instrutor/Treinador 7

Entrevista 7– Instrutor 7 – 18/08/2017 – tempo: 32 minutos.

C: Por favor me diga a sua idade o ano de sua formação o ano de sua formação e aonde você se formou?

I/T 7: 46 anos, XXXXX, em 1992.

C: Você atua a quanto tempo como Instrutor de Futsal na escola?

I/T 7: 20 anos

C: Além da escola de você já trabalhou em alguma outra instituição Universidade ou escola de futebol fora do ambiente escolar?

I/T 7: Como treinador não, mas como jogador eu joguei 15 anos em XXXXX, disputando Taça XXXXX, campeonato paulista, liga regional. Muito tempo de futsal.

C: Me conta como foi a sua relação como Esporte desde a infância até como ela se encontra hoje nos dias atuais.

I/T 7: Desde pequeno sempre fui um aficionado por futebol. Joguei a minha vida toda futsal e futebol de campo quando morava em XXXXX, treinava campo a tarde e futsal a noite. Fui jogador de futebol de campo também, fui para o XXXXX FC no sub 20, depois para o XXXXX. E em um jogo em XXXXX eu tive uma lesão no reto femoral e tive que ficar seis meses parado, naquela época não tinha muito tratamento e o campeonato paranaense durava seis meses. A lesão foi no primeiro jogo, aí eu com 19 anos resolvi voltar para XXXXX. Eu já fazia faculdade tinha parado para jogar e voltei a fazer novamente. Já tinha começado a jogar em XXXXX futsal, nem cheguei a jogar no juvenil, porque na minha primeira partida como juvenil nós vencemos um jogo por 8x1 e eu fiz 7 gols, aí o treinador do adulto me puxou e a partir daí sempre joguei no adulto. Com os adultos eu fui 4 vezes campeão da XXXXX, uma vez paulista. Sou o maior artilheiro da XXXXX em XXXXX com 21 gols, fui tênis de ouro do estado em XXXXX como melhor pivô do estado e a minha vida no futsal é essa, uma bagagem boa para passar para os alunos. Atualmente eu pratico atividade física, eu gosto muito, montamos uma academia em casa eu e minha esposa. Corro 3 a 4 vezes por semana de 10 a 12 km, pedalo 3 vezes por semana. Todos os dias eu faço atividade física, eu gosto muito, eu tenho necessidade disso. E futebol eu jogo de quarta-feira com os meninos aqui da escola, voltei a jogar futsal, e toda quarta eu treino junto com meu time e de sexta a noite eu jogo lá na R9 com um pessoal mais velho, que é onde eu gosto de jogar que é o pessoal da nossa idade né... porque não dá mais para brincar com a molecada, eles estão correndo demais, apesar de não pensarem...rs Só correm.

C: Nos últimos cinco anos você fez algum curso alguma atualização na área de futsal?

I/T 7: Não, eu terminei a faculdade em 1996, e aí eu fiz uma pós-graduação em treinamento desportivo com ênfase em treinamento de goleiro, foi o curso que eu fiz depois. E fiz alguns cursos logo

que eu terminei a faculdade. Mas voltados mais para a área escolar, para o futsal eu nunca tive a oportunidade de fazer.

C: você atua aqui nesta mesma escola nos ambientes curricular e extracurricular?

I/T 7: Eu dou aula em 3 colégios, no XXXX do 3º ao 9º ano, no XXX do 6º ao EM, e aqui no XXXXX no EM.

C: De que forma você trabalha o conteúdo futsal nas aulas curriculares e extracurriculares?

I/T 7: Na grade curricular mesmo a gente divide a partir do 6º ano as modalidades esportivas, sendo uma modalidade em cada bimestre (futsal, voleibol, basquetebol e handebol). Aí os meninos tem que trazer um trabalho para nós, a gente senta na quadra para explicar as regras para eles, para ver o que eles entenderam e a partir daí começar a trabalhar especificamente cada modalidade e o futsal é uma delas, mas é muito diferente trabalhar no curricular da parte do treinamento em si (extracurricular). No curricular é mais o básico mesmo, ensina um pouquinho de passe, chute, entendimento das regras, porque no curricular são juntos meninos e meninas e aí a gente não consegue especificar como no treinamento propriamente.

C: Quais são seus objetivos ao ensinar o futsal na escola?

I/T 7: Eu trabalho com o futsal por uma paixão mesmo eu gosto muito do futsal apesar de não fazer mais curso eu leio bastante sobre, pego tudo quanto é tipo de regra, tudo o que tem de novidade dele eu leio e assisto tudo na TV, Liga tudo o que você pensar eu vejo. O de trabalhar com os meninos é assim, eu vejo o futsal bem diferente do campo e ele é diferente, a proximidade do treinador com os jogadores, você ali mais próximo do atleta, você consegue passar para ele de fundamento, o jogador de futsal ele é dez vezes mais habilidoso, raciocínio rápido em relação ao menino do campo, é isso que me fascina no futsal, é você trabalhar ali quando você trabalha ali com esses meninos e você consegue... Igual nas escolas é feito de uma forma assim que eles abrem para que eu possa selecionar os alunos que eu vou trabalhar. Então eu tento selecionar dentro do que eu vejo de cada menino, cada faixa etária, por exemplo lá no XXX, eu tenho a sub 10, a sub 12 e a sub 15, então eu pego de 12 a 15 meninos por categoria. Então você vê aqueles que tem um pouco mais de qualidade para você aperfeiçoar o que o menino já tem, porque muitos já nascem com o dom né, o jeito de bater na bola, o jeito de conduzir a bola, o jeito dele dominar a bola. O gostoso é você vê a evolução que você vai passando para eles. O que eles não têm muito né... A maioria hoje todos fazem escolinha de futebol de campo, Ribeirão tem um monte dessas, mas essa molecada não tem fundamento nenhum. Então quando você passa a fazer isso com eles na quadra e tem alguns que jogam futebol de campo e os pais acompanham o que é gratificante é os pais irem na escola te elogiar porque o menino começou a jogar melhor no campo. Consegue levar isso para o campo, passa a ser um diferencial deles né. Como era o restante?

C: Você considera o Futsal escolar como uma preparação também para os alunos que pretendem jogar futebol de campo?

I/T 7: Isso, eu acho que sim, apesar que o nosso objetivo maior não é esse. O meu é ensinar os meninos, dar uma formação boa, o principal para mim de trabalhar com essa faixa etária é deles terem

uma sociabilização e trabalhar em grupo. É isso que eu friso muito com as minhas equipes, os meus times em hipótese alguma pode brigar, falar palavrão, isso não existe na minha cabeça, eu fui criado assim e eu tento transmitir isso para os meus alunos, então dificilmente você vai ver um time meu brigando em quadra, isso não acontece. E alguns campeonatos que a gente vai, acontece muito isso e eu sempre tento tirar os meus alunos para ficar evidente que nós estamos ali por um esporte. O objetivo é o menino trabalhar o esporte, é ele ter um esporte para ele fazer e seguir na vida dele, e parte de saúde também que a gente se preocupa muito com essa molecada de hoje em dia, tirar essa molecada da rua. O menino que não faz esporte é droga, é vídeo game o dia todo. Então quanto mais atividade física você conseguir inserir neste menino eu acho que melhor vai ser para a formação dele.

C: Como você relaciona esses valores citados de disciplina, solidariedade com as situações de vida fora do esporte?

I/T 7: Eu vejo muita relação, depois que você passa treinar eles formam um grupo. Então você desde a escola meninos que não eram unidos, a união se formar entre eles, eu tenho alunos que saíram da escola hoje com mais de 20 anos de idade eles tem grupo de futsal até hoje, eles continuam unidos e isso é muito gratificante para a gente. E qualquer festa que eles têm, jogo que eles vão fazer, a primeira pessoa convidada sou eu...rs eu acho que eles levam isso para frente sim, e isso que glorifica o nosso trabalho, mais do que vitórias e resultados. Uma coisa Chris que eu deixo bem clara para os meus times que é assim: dentro do esporte ganhar ou perder faz parte, você nunca vai ganhar sempre e nem sempre o melhor vence, mas você tem que sempre ser leal e jogar o seu máximo. A um mês atrás nós perdemos uma final para o XXXXX e ano passado nós ganhamos as duas deles. Acabou o jogo os meninos do meu time todos chorando, eu fiz questão de ir lá cumprimenta-los, abraça-los e parabeniza-los. Eu disse a eles que saímos de campo de cabeça erguida porque vocês jogaram bola, e isso é o mais importante. O importante é o que você conseguir fazer no treino você realizar no jogo independente do resultado, ganhar ou não é uma consequência, mas você fazer o que você treinou... isso me satisfaz, como se diz, é a satisfação do dever cumprido. Porque tem alguns jogos que você perde que você não dorme, você deita no travesseiro e fica vendo os lances um atrás do outro. Mas quando eles realizam tudo o que foi pedido o resultado é o de menos.

C: Você falou sobre os meninos já terem um dom para o futsal, como você define a questão do talento esportivo?

I/T 7: Eu acho assim, por mais que eles falem que não, eu acho que o menino nasce com isso. Não adianta você falar que não, você vai falar que o Neymar aprendeu tudo treinando, mentira, ele nasceu com aquilo lá. Agora o menino nasce, cabe a nós professores e treinadores, trabalharmos aperfeiçoarmos isso para que ele melhore cada vez mais. Eu acho que o menino ele já vem, ele sabe bater na bola, mas você sabe como é o diferencial de bater, para onde o menino tem que girar, como ele vai dominar a bola, são coisas que com o tempo você pode passar e eles vão amadurecendo, o jogador mais inteligente, o craque ele assimila isso muito mais rápido do que o outro. O outro também pega, mas o craque ele tende a fazer tudo mais fácil e mais rapidamente.

C: Quantos alunos você costuma trabalhar nas turmas de treinamento?

I/T 7: Sempre no começo do ano eu faço um mês de jogo em que todos podem participar, e mostrar alguma coisa, lógico que a gente falha, mas eu tento selecionar dentro do possível, eu procuro assistir a todos esses jogos deles, tem o interclasses no final do ano anterior que também é para isso. Dentro de tudo isso que eles têm de oportunidades de mostrar eu vou selecionando os 12 melhores. Eu sempre seleciono um pouco a mais e vou tirando. As vezes eu seleciono menos, deixo 12 porque eu trabalho nos treinos com 15 ou 16 e deixo, aí ficam 3 ou 4 vagas para chamar os meninos que vão melhorando nas aulas de EF. E sempre deixo claro para eles não é porque você foi selecionado no início do ano que você está garantido para o resto do ano e não é porque você não foi que você está fora. Pode acontecer de um subir e o que estava no time desce. E isso para ele é muito importante, e motivacional para eles, porque eles continuam fazendo.

C: Então para os jogos e competições você não tem problemas para convocar?

I/T 7: Não porque no treino já tem o número de jogadores que eu posso levar para as competições.

C: Em relação ao jogo propriamente dito, como você organiza as trocas de suas equipes? Tem jogador que joga mais tempo do que outro?

I/T 7: Eu deixo bem claro para eles, eu procuro fazer o máximo de amistosos possíveis para que todos joguem igual. Por que a gente que tem uma vivência no esporte sabe que em jogos de competição nem sempre a gente pode colocar todo mundo. Então isso é bem claro para os meninos, que quem manda no time sou eu, que não adianta vir diretor, vir pai. Tanto que os pais nem ficam perto de mim na quadra porque eles já sabem o jeito que eu sou. Então eu deixo isso bem claro para eles no começo, se você não gostar disso não tem problema, me comunica que eu tiro e coloco outro. Porque na vida nem tudo é fácil para nós. Está certo que o objetivo maior não é só o ganhar mas você joga para vencer o campeonato. Então quanto a isso não tem problema nenhum, joga quem eu acho que tem que jogar, tem jogos e campeonatos que alguns meninos nem entram, ou entram e jogam bem pouco.

C: Como você organiza seu time, você tem um time titular?

I/T 7: Desde o primeiro treino eu vou montando a equipe, no primeiro mês de treino eu já tenho uma equipe base. E essa equipe minha é a que eu sempre vou dando ênfase, lógico que eu coloco ela contra a outra e vou rodando nos treinos, eu rodo todo mundo nas posições que eu acho que tem que ser mexidas. Para sempre que algum menino precisar jogar ele já esteja ambientado na posição, no treinamento de jogada de tudo. Faço isso bem com eles.

C: Como você lida com a competição interna, até ponto você incentiva essas situações?

I/T 7: Essa possibilidade de um aluno sair do time para quem está fora entrar mantém essa competitividade muito grande, a pegada no treino é muito grande e as vezes eu falo para eles que o nosso coletivo acaba ficando mais difícil que muitos jogos que eles fazem fora. Mas o que eu deixo muito claro é que tem que ser uma competição saudável. Assim, não pode haver faltas, se o menino faltou um, dois treinos sem justificativa ele não volta a treinar. A não ser que ele venha aqui e me comunique,

a gente tem um grupo de telefone, então isso fica muito mais fácil. Mas se não avisar no segundo treino nem se for o Messi ele não fica, porque... para você mostrar para eles que em comando, porque se você perder o comando com a molecada não consegue montar mais nada. Ai já era.

C: Como você lida com a pressão por vitórias e de que forma isso acontece no seu trabalho?

I/T 7: Olha Chris, eu sei de algumas escolas que a pressão é muito grande, mas eu graças a Deus, nas 3 escolas que eu trabalho eu nunca fui cobrado para isso, eu sei de amigos meus que se não ganham o pessoal vai em cima, a gente sabe, mas eu não, tenho carta branca da direção, e aí a gente faz. O relacionamento é muito bom com a direção.

C: Se existe alguma pressão poderia ser do próprio time?

I/T 7: Isso, isso, fica dentro do grupo, a pressão de ganhar é assim... Tudo são fases né, eu tive dois anos aqui que eu ganhei tudo aí passei dois anos apanhando que eu já sabia porque a gente conhece os alunos que vão chegar e no ano passado este ano e ano que vem são equipes fortes. A pressão é minha com eles, eu falo para eles que a gente tem a obrigação de chegar, ganhar é outra coisa, mas tem que chegar nas finais. Isso eu falo para eles que tem que chegar.

C: Como é a sua relação com os pais? E qual a sua opinião sobre a presença dos pais nos jogos e treinos de sua equipe?

I/T 7: Aqui em Ribeirão tem muito pai boleirão que a gente fala né, então tem aqueles pais que eles acham que eles jogam e tudo e aí eles vão na quadra e eles querem passar isso para os filhos. Então uma coisa que eu falo muito para os meus alunos e desde pequenos eu tento incutir isso na cabeça deles: vocês têm que ouvir o seu treinador. Então quando eu peço tempo alguma coisa eu não deixo os meus meninos saírem dali, porque alguns já saem querendo ouvir o que o pai está falando e eu tenho uma coisa muito boa, é que eu conheço bem a maioria dos pais dos meus times. Então eu nunca tive problema com isso, mas em uma ocasião eu já cheguei a falar abertamente com os pais que quem manda no time sou eu, e se não estiver contente, vai até a direção da escola, comunica a direção da escola, ou vem falar direto comigo, mas na hora do jogo, deixa eu fazer o meu trabalho. Então eu nunca tive esse problema de pai invadir a quadra, tem aqueles que torcem, gritam, mas como eles já conhecem o meu jeito e muitos estão comigo a muito tempo eles evitam de ficar até perto do meu banco.

C: Você explica seu trabalho para os pais de alguma forma?

I/T 7: Formalmente não, no início do ano eu sou apresentado aos pais como treinador de futsal. Mas os próximos contatos são feitos de forma informal, em treinos ou jogos conforme a vontade dos pais. E aí eu explico como eu trabalho.

C: Com relação a pressão por parte da direção que você disse não sofrer, como você reagiria se isso ocorresse no seu trabalho?

I/T 7: Oh Chris, particularmente eu não sei se eu faria alguma coisa diferente, não sei como seria essa cobrança. Mas se eu recebesse bolsistas eu concordo que você é obrigado a ganhar. Eu em uma condição de trabalho dessas com 2, 3 bolsistas eu acho que nem precisaria de cobrança da direção, eu já me cobraria muito para ganhar tudo. Esse time com bolsistas diferenciados tem que ganhar de qualquer

forma. Como nas minhas escolas eu nunca trabalhei com bolsista e nem com a pressão, não sei bem como seria isso. Uma vez eu pedi para o diretor uma bolsa para um aluno e acabou virando uma brincadeira, porque o diretor me disse, “olha a nossa escola tem uma lista de espera de 15 alunos para pagar a escola de mensalidade cheia... confio que você vai achar uma solução...” E naquele ano nós ganhamos tudo com um pivô que era fixo jogando improvisado.

C: Tempo de treino, quantas vezes na semana? Altera a rotina próximo de competições?

I/T 7: XXXXX, uma vez por semana de 80 minutos. XXXXX duas vezes de 90 minutos. E lá no XXXXX, eu sempre marco um amistoso por semana. Ai no treino eu faço muito fundamento, porque eu acho que o principal no futsal é isso. E o que eles menos têm é jogo, é passe é chute, posicionamento na quadra. Com os meninos eu pego muito no pé deles para ensinar eles a marcarem, principalmente os menores... O posicionamento, onde eu tenho que ficar, onde ele tem que receber a bola, onde ele tem que receber a bola, como dominar essa bola. Então essa que eu acho que é a nossa função como treinador. É ensinar isso para eles, e no outro dia da semana eu sempre procuro marcar um amistoso. Com isso passa a ser duas vezes por semana, um treino muito de parte tática e o outro com o amistoso. E no treino seguinte a gente senta para corrigir o que eles fizeram no jogo. Porque tomamos aquele gol, porque nós não marcamos assim, porque tomou gol de cabeça, porque a marcação está errada, porque fez o gol assim, por que fez o passe assim. Então para eles irem indo entendendo desde pequeno que no futsal tudo é posicionamento. Se você tiver uma equipe bem posicionada em quadra e bem treinada, nessa faixa etária dificilmente você perde.

C: Como você organiza a sua sessão de treino? Que tipo de atividades e exercícios compõem uma sessão básica de treino seu?

I/T 7: Fundamentos, muito contato com bola, para os menores trabalho muito com bola de borracha, aumentar o contato deles com a bola. Depois é passe, domínio, chute. Depois eu sempre faço um trabalho utilizando cones com eles para posicionar. Aí joga um time contra outro, mas com posicionamento, que é o mais chato para eles, não rola a bola, você toca e aí mostra esse domina e fala olha esse aqui vai passar aqui e receber ali. E é isso a gente vai organizando eles na quadra.

C: Como você descreve seu comportamento no banco?

I/T 7: No começo eu era sim muito... como você fala... Como você dá bastante treino você sempre quer ganhar, você almeja a vitória. Ai com o passar do tempo você percebe que nem tudo é a vitória, e o melhor são os alunos praticarem e executarem o que você passa para eles. No começo eu ficava muito inflamado, eu chegava em casa e não dormia, minha esposa e minhas coordenadoras pegavam no meu pé, você vai ter um infarto. Hoje em dia eu sou mais tranquilo. Eu cobro muito, cobro muito mas falo para eles que eu só cobro porque sei o que você pode dar. Se você não pudesse dar eu não te cobraria. Quando tem algum menino que é mais fraco, porque tem nessa faixa de 12, 14 anos ainda mais hoje em dia é difícil você ter um time base bom, então os reservas sempre são fracos e as vezes bem mais fracos. Destes então eu cobro menos ainda. Apesar de ensiná-los de pedir, você sabe que o menino não é capaz de fazer determinada coisa. Eles estão ali para te ajudar, eles não ganham

nada, eles não têm bolsa, eles vão só para te ajudar, então é isso que hoje em dia eu valorizo muito. A satisfação em ter o menino treinando, porque tem algumas modalidades esportivas que nem formam equipe. Pega o primavera tem 38 equipes de futsal, 6 de vôlei, 6 de hand, duas de basquete. Isso porque os meninos gostam, esses gostar deles vem da nossa cultura do futebol, mas mais também de nós incentivarmos isso, então quanto mais incentivarmos, quanto mais você incentivar o aluno... E eu já aprendi assim não adianta você xingar, cobrar o aluno. Tem aluno que se você xingar ele cresce, mas a maioria principalmente os pequenos quanto mais você grita, mais ele abaixa a cabeça, ele some. Então eu entro na quadra dou um abraço no menino, beijo a cabeça dele, e falo: “não faz mal que você errou, futebol é assim mesmo”. A gente tenta mostrar isso para ele para que eles tentem crescer e cada vez melhorar mais.

C: Como você costuma instruir seus alunos durante o jogo?

I/T 7: Eu tento orientar a todo momento, principalmente em termos de marcação, porque como a gente já vivenciou muito, eu consigo ver o que o menino vai fazer, eu enxergo para onde ele vai cortar, eu consigo ver isso, então eu vou cantando, olha a direita, olha a esquerda, então a gente consegue definir isso. Lógico que o menino não tem essa experiência nossa, a nossa vivência então ele não vai conseguir, mas eu tento passar isso para eles. Porque na hora em que você pede tempo no máximo você consegue falar duas três palavrinhas e acertar alguma coisa. Eles vêm para tomar água e em jogos grandes eles estão eufóricos, olhando para cima, eles não têm essa percepção. Jogando você consegue falar com eles, e eu procuro falar principalmente com meu fixo e com o meu goleiro, porque de trás eles conseguem ver o jogo melhor. Então para eles acertarem também a marcação dos meninos.

C: Quais as dificuldades que você tem encontrado de trabalhar o futsal hoje em dia?

I/T 7: Não vejo dificuldade, eu sou um amante do futsal como se diz. Tenho presença nos treinos e grupos comprometidos. Equipes fortes que podem chegar bem nas competições.

C: Você gostaria de falar algum aspecto sobre o futsal escolar que não tenhamos tratado até aqui?

I/T 7: O principal de tudo é você ser franco e verdadeiro com as crianças, principalmente nos pequenos. O que você fala e seu olhar diz tudo, se você fala sempre a verdade para os meninos, olha é assim assim assim, eles fazem com você, eles te abraçam e vão com você. Se em alguma vez ou outra pisou na bola, deixou de dar atenção, ou de dar um treinamento, começar a fazer papagaiada, o menino sente e passa a não treinar mais.